

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

***O CATÁLOGO DAS MULHERES HESIÓDICO***  
**E O FIM DA LINHAGEM DOS HERÓIS NO EPOS GREGO ARCAICO**

Juarez Carlos de Oliveira Pinto

Versão Corrigida

São Paulo  
2020



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

***O CATÁLOGO DAS MULHERES HESIÓDICO***  
**E O FIM DA LINHAGEM DOS HERÓIS NO EPOS GREGO ARCAICO**

Juarez Carlos de Oliveira Pinto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Christian Werner

Versão Corrigida

São Paulo  
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O48c Oliveira Pinto, Juarez Carlos de  
O Catálogo das Mulheres hesiódico e o fim da  
linhagem dos heróis no epos grego arcaico / Juarez  
Carlos de Oliveira Pinto ; orientador Christian  
Werner. - São Paulo, 2020.  
117 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e  
Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Literatura grega clássica. 2. Poesia  
hexamétrica arcaica. 3. Poesia hesiódica. 4. Mito das  
linhagens. 5. Heróis. I. Werner, Christian, orient.  
II. Título.

OLIVEIRA PINTO, Juarez Carlos. **O *Catálogo das Mulheres* hesiódico e o fim da linhagem dos heróis no epos grego arcaico**. Dissertação de mestrado em Letras Clássicas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. 117 p.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Christian Werner (USP)

---

Prof. Dr. Antonio Orlando de Oliveira Dourado (UFMG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucia Sano (UNIFESP)

---

Dr<sup>a</sup>. Camila Aline Zanon

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giuliana Ragusa de Faria (USP) – suplente

---

Prof. Dr. Rafael de Carvalho Matiello Brunhara (UFRGS) - suplente

---

Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco (UNIFESP) – suplente

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a):** Juarez Carlos de Oliveira Pinto

**Data da defesa:** 23/04/2020

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Christian Werner

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 03/06/2020



---

(Assinatura do (a) orientador (a))

*A minha mãe, meu eterno e terno amor.*

*Aos ancestrais, que me possibilitaram trilhar os caminhos que hoje trilho.*

*Aos venturosos deuses, que me movem e me inspiram.*





## AGRADECIMENTOS

A Héstia, no seio da qual essa pesquisa se desenvolveu e aos demais deuses que a propiciaram de tantas formas.

A minha mãe, Silvana Correa de Mattos, pelo apoio, carinho, amizade e sobretudo pelo devotado amor, não só ao longo da pesquisa, mas durante toda a minha vida.

Ao meu namorado, Raphael Augusto, que se juntou a mim no início dessa jornada, pelo amor, companheirismo, apoio e paciência.

À minha tribo carioca greco-romani, o Athenaion, por todo crédito e fé que empenham no meu trabalho. Às minhas irmãs, Luciana Fortuna, Camila Cardoso, Julia Pinheiro, Luciana Cristina Polisel e Luiza Vieira, ao meu irmão, Lennon Ferreira, e sobretudo aos nossos pais, Mikka Capella e Fábio Firmino, exímios leitores e críticos dos meus escritos.

Aos demais irmãos, Thiago Oliveira e Joab Nascimento, que acompanharam minha formação e foram sempre companheiros de diversões, comensalidades e frutíferas conversas.

Às amigas de Flávia Fernandes Benini, companheira das trilhas acadêmicas, de Aline Sales, Ana Luiza Rangel, Anna Carolina Forner, Camilla Liberali, Cris Garcia, Flávia Vaccaro, Henrique Nicácio, Tatiane Cardoso e Tuany Mariano, amigas essas que ultrapassaram o período de graduação e se mantêm até hoje, e também a de todos colegas de pós que, mais ou menos próximos, compartilham das (des)venturas acadêmicas, especialmente a Alex Mazzanti Jr., Caio Aguida, Flávia Vasconcellos do Amaral, Gabriela Canazart, Helio Pimentel, Isabella Demarchi, Isabel Lopes, Nayra Kikuchi, Nataly Ianicelly, Patrícia Schlithler, Rodrigo S. Uemura, Samea Ghandour e Thaís Rocha.

A Christian Werner, por esses seis anos de trabalho e orientação ao longo dos quais construímos uma admirável amizade, por ter aberto as portas da minha carreira acadêmica ainda no meu primeiro ano de graduação, por toda sua erudição, perita crítica e paciência infindável, sem as quais eu não só não estaria nesse momento da minha formação, como também não teria conseguido finalizar esse trabalho, e pelos anos de trabalho por vir.

A Lucia Sano, cara amiga e professora, por me incentivar, quando nos conhecemos na Unifesp, a vir para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas estudar tão profundamente quanto possível esse objeto de tanta devoção para mim que é a Grécia Antiga; por me apresentar, no meu primeiro ano de graduação aquele que seria meu amigo, mentor e orientador ao longo de toda minha formação, e também por me acompanhar ao longo dela nos anos que se passaram e nos que ainda virão.

A Camila Aline Zanon, querida amiga, não só por participar da qualificação desse trabalho junto a Lucia, mas também por ser uma grande fonte de inspiração e motivação para minha carreira acadêmica, e cujas conversas sempre me ajudaram a esclarecer pensamentos confusos e imprecisos.

A Lucia, a Camila e também a Antonio Orlando Dourado Lopes, pela participação como arguidores na defesa dessa dissertação com tantos comentários e apontamentos valiosos que sem dúvida permitiram que ela fosse melhorada para esta versão final.

A todos e tantos professores da graduação, sobretudo do Grego, aos quais não tive a oportunidade de agradecer em outra ocasião, mas que foram essenciais para minha formação, especialmente o professor Daniel Rossi Nunes Lopes, que, apesar de não saber, garantiu minha permanência no Grego em um momento em que pensava não ser mais capaz de nele continuar, com seu profundo conhecimento da língua grega, ampla paciência e respeitável empenho.

A professora e amiga, Luana Souza, pelo exímio ensino de francês.

Por fim, mas não de menor importância, à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo financiamento que permitiu que esse trabalho fosse desenvolvido ao longo dos últimos dois anos.<sup>i</sup>

---

<sup>i</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

OLIVEIRA PINTO, J. C. **O *Catálogo das Mulheres* hesiódico e o fim da linhagem dos heróis no epos grego arcaico.** 2020. [117 p.] Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

O presente trabalho é um estudo acerca do fim da linhagem dos heróis tal como representado no *Catálogo das Mulheres* hesiódico, partindo-se do epos grego arcaico no qual se insere essa composição. Para isso, a discussão centra-se no trecho do suposto quinto livro da obra que é composto pelos fragmentos 154-156 Most, o qual apresenta o catálogo de pretendentes de Helena e a decisão de Zeus de promover a Guerra de Troia para destruir os semideuses. Integram também a discussão o próêmio do *Catálogo* (fr. 1 Most) e outros fragmentos atribuídos ao primeiro livro, a saber, 19-21 Most, que podem ser relacionados à narrativa principal do quinto livro uma vez que dizem respeito, sobretudo, à descendência de Leda e Tíndaro. O estudo é amparado por uma discussão acerca da tradição e do gênero do *Catálogo*, visando ampliar a compreensão da construção narrativa do quinto livro. A fim de se discutir as possibilidades de sentido que podem ser depreendidas tendo em vista a reconstrução do texto e, sobretudo, sua relação com outras obras do epos grego arcaico, o enfoque adotado foi o histórico-filológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Catálogo das Mulheres*; heróis; mito das linhagens; poesia hesiódica; epos grego arcaico;

## ABSTRACT

OLIVEIRA PINTO, J. C. **The Hesiodic *Catalogue of Women* and the end of Race of Heroes in the archaic greek epos.** 2020. [117 p.] Dissertation (Masters) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This work is a study about the end of Race of Heroes as represented in the Hesiodic *Catalogue of Women*, and it takes into account the archaic Greek epos to which it belongs. In order to do it, the discussion is centered on excerpts from the supposed fifth book of the poem (fragments 154-156 Most). These fragments narrate the wooing of Helen and Zeus's decision to promote the Trojan War to destroy the demigods. The proem of the *Catalogue* (fr. 1 Most) and other fragments (19-21 Most), which belong to first book are also analysed, since they can be correlated to the main narrative of the fifth book as they recount Leda's and Tyndareus's lineage. The study finds support on the discussion about the tradition and genre to which the *Catalogue* belongs, aiming to widen the comprehension of narrative construction of the fifth book. To discuss the possibilities of meaning which can be gained from the textual reconstruction and its relation with another archaic Greek epic poems, it follows historic-philological approach.

**KEYWORDS:** *Catalogue of Women*; heroes; myth of races; Hesiodic poetry; archaic greek epos.

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	13
ABREVIACÕES .....	15
INTRODUÇÃO: O <i>CATÁLOGO DAS MULHERES</i> .....	17
i. A composição do poema .....	17
ii. Possíveis contextos de performance .....	18
iii. O gênero poético do <i>Catálogo</i> .....	20
iv. Paralelos com o epos grego arcaico .....	23
v. Os heróis .....	24
<b>1. TRADUÇÃO E NOTAS.....</b>	<b>28</b>
1.1. Critérios de tradução .....	28
1.2. Livro 1.....	31
1.2.1. Fr. 1 Most – Proêmio.....	31
1.2.2. Fr. 19 Most – A linhagem de Leda .....	33
1.2.3. Fr. 20 Most .....	35
1.2.4. Fr. 21 Most .....	37
1.3. Livro 5.....	39
1.3.1. Fr. 154 Most – Catálogo de pretendentes de Helena: Parte 1 .....	39
1.3.2. Fr. 155 Most – Catálogo de pretendentes de Helena: Parte 2 .....	45
1.3.3. Fr. 156 Most .....	55
<b>2. A LINHAGEM DOS HERÓIS NA TRADIÇÃO HESIÓDICA .....</b>	<b>56</b>
2.1. Teogonia.....	56
2.2. Catálogo das Mulheres.....	68
2.3. Trabalhos e Dias.....	77
2.4. Conclusão.....	82
<b>3. O FIM DA LINHAGEM DOS HERÓIS NO EPOS GREGO ARCAICO .....</b>	<b>83</b>
3.1. Antecedentes .....	83
3.2. Modos e seus agentes.....	91
3.2.1. As guerras de Troia e de Tebas .....	91
3.2.2. Helena .....	95
3.2.3. Um dilúvio .....	100
3.3. Desdobramentos.....	104
3.3.1. Justiça, morte e ventura.....	104
3.3.2. Ventura e continuidade .....	107
3.4. Conclusão.....	112

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>113</b>
Edições.....	113
Traduções.....	113
Bibliografia Crítica.....	113

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é fruto de dois anos de pesquisa acerca do tema do fim da linhagem dos heróis a partir dos principais testemunhos transmitidos na poesia hexamétrica arcaica grega supérstite, sobretudo em fragmentos do *Catálogo das Mulheres* hesiódico. Além dele, discutem-se passagens da *Iliada*, *Odisseia*, *Teogonia*, *Trabalhos e dias* e fragmentos do chamado Ciclo Épico, além de testemunhos antigos acerca desses poemas. A análise da ocorrência do tema nesse *corpus* consiste numa discussão histórico-filológica das obras e procura respeitar, tanto quanto possível, as particularidades de cada uma delas.

Visando familiarizar o leitor com o *corpus* e com seu contexto histórico, delineio, na introdução, um panorama acerca dos possíveis contextos de produção e performance do *Catálogo das Mulheres*, bem como da tradição e do gênero aos quais o poema pertence. Busco, além disso, apresentar as relações possíveis entre ele e os demais poemas em questão, sobretudo no que tange ao fim da linhagem dos heróis.

Uma vez que toda a discussão se pauta sobretudo pelo quinto livro do *Catálogo das Mulheres* e em fragmentos relacionados a Helena que são atribuídos aos demais livros, o primeiro capítulo é composto pela tradução desse conteúdo acompanhada por notas. Além disso, constam, nos capítulos seguintes, a tradução não só de outras passagens do poema como também de outros fragmentos, como aqueles que dizem respeito ao poema cíclico intitulado *Cantos Cíprios*, os quais foram mobilizados a fim de enriquecer a discussão do tema.

No segundo capítulo, a fim de fundamentar melhor a discussão acerca do tema central, discuto o conceito de herói no contexto da poesia hesiódica. Para isso, apresento uma análise das ocorrências do termo ἥρωες em boa parte do *corpus* hesiódico, a saber, na *Teogonia*, no *Catálogo das Mulheres* e em *Trabalhos e Dias*.

No terceiro e último capítulo, discuto o fim da linhagem dos heróis propriamente dito. A discussão apresenta, a partir da análise do *corpus*, as razões que levaram à decisão de se destruir essa linhagem, os meios mobilizados, sobretudo por Zeus, para que isso ocorresse e os resultados desse evento de ordem cósmica.

No que tange às edições de textos gregos e às traduções apresentadas, sigo os seguintes trabalhos:

<i>Texto grego</i>	<i>Edição</i>	<i>Tradução</i>
<i>Crestomatia</i>	WEST (2003)	MINHA
<i>Fragmentos épicos</i>	WEST (2003)	MINHA
<i>Fragmentos hesiódicos</i>	MOST (2007)	MINHA
<i>Teogonia</i>	MOST (2006)	WERNER (2013a).
<i>Trabalhos e Dias</i>	MOST (2006)	WERNER (2013b)
<i>Iliada</i>	ALLEN (1931)	WERNER (2018a)
<i>Odisseia</i>	ALLEN (1925)	WERNER (2018b)
<i>Hino Homérico a Afrodite</i>	CÀSSOLA (1975)	LAFFER (2005)

Devo informar que uma primeira versão de partes dos capítulos 2 e 3 foi publicada em “‘Áurea Afrodite’ e a ordem cósmica de Zeus na poesia hesiódica” (OLIVEIRA, 2019).

Por fim, aproveito para ressaltar que a perita orientação de Christian Werner muitas vezes tornou minha argumentação mais consistente e bem-fundamentada. Toda e qualquer falha que ainda reste no presente trabalho é de minha inteira responsabilidade.



## ABREVIACÕES

### Autores e obras gregos

Apolod.	Pseudo-Apolodoro
<i>Bibl.</i>	<i>Biblioteca Mitológica</i>
<i>Epit.</i>	<i>Epítome</i>
A.R.	Apolônio de Rodas
	<i>Argonáuticas</i>
Arist.	Aristóteles
<i>Phys.</i>	<i>Física</i>
Fragmentos épicos	
<i>Cypr.</i>	<i>Cantos Cíprios</i>
Hes.	Hesíodo
<i>fr.</i>	<i>Fragmentos</i>
<i>Op.</i>	<i>Trabalhos e Dias</i>
<i>Th.</i>	<i>Teogonia</i>
Hom.	Homero
<i>Il.</i>	<i>Iliada</i>
<i>Od.</i>	<i>Odisseia</i>
<i>h. Ven.</i>	<i>Hino Homérico 5 – a Afrodite</i>
Pind	Píndaro
<i>Isth.</i>	<i>Ístímicas</i>
Plut.	Plutarco
<i>Thes.</i>	<i>Vida de Teseu</i>

Procl.          Proclo  
*Chr.*            *Crestomatia*

*Schol.*            *Escólios*

### **Léxicos**

*LSJ*            *Liddell-Scott Greek Lexicon*

## INTRODUÇÃO: O *CATÁLOGO DAS MULHERES*

Visando familiarizar o leitor com o *Catálogo das Mulheres* hesiódico, apresento nessa introdução um panorama acerca do conteúdo do poema, de seu contexto histórico, bem como de seus possíveis contextos de produção e performance, além de tentar situá-lo enquanto parte de uma tradição e gênero específicos. Delineio, além disso, as relações possíveis entre este e os demais poemas do epos grego arcaico, sobretudo no que tange ao tema do fim da linhagem dos heróis. Para isso, recorro, sobretudo, aos mais recentes e renomados trabalhos que versam a respeito do *Catálogo das Mulheres*.

### i. A composição do poema

Possivelmente resultante de uma longa tradição poética,<sup>1</sup> o *Catálogo das Mulheres* (doravante *Catálogo*) é uma composição poética que, considerada como continuação da *Teogonia*,<sup>2</sup> foi geralmente atribuída a Hesíodo na Antiguidade.<sup>3</sup> A ligação estreita entre os dois poemas, contudo, parece ter sido abandonada por eruditos alexandrinos, quando as duas obras, antes transmitidas como uma só, teriam sido separadas e recebido tratamento individual,<sup>4</sup> de modo que o *Catálogo* recebeu o título com o qual nos chegou: γυναικῶν κατάλογος ou ἡ οἴαι. Na crítica moderna, embora haja aqueles que defendam a continuidade entre as duas obras,<sup>5</sup> parece mais prudente apenas defender que o poema emula a linguagem e temas hesiódicos a fim de se inserir na tradição.<sup>6</sup>

Muito embora dele só restem fragmentos, o *Catálogo* teria recebido sua versão canônica, de caráter pan-helênico, entre os séculos VIII e VI a.C.<sup>7</sup> e posteriormente teria sido

<sup>1</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 82).

<sup>2</sup> Cf. HUNTER (2005, p. 1).

<sup>3</sup> Cf. CINGANO (2009, p. 116). Cf. também WEST (1985, p. 127) que reporta os defensores e opositores de Hesíodo enquanto poeta do *Catálogo*, dentre eles, Apolônio de Rodes e Aristarco a favor, e Pausânias contra.

<sup>4</sup> Cf. HUNTER (2005, p. 1).

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, CLAY (2005), para quem o *Catálogo* é, em termos temáticos, perfeitamente congruente com o fim da *Teogonia* e com o princípio de *Trabalhos e Dias*, sobretudo porque o poema complementa, com a perspectiva heroica, as perspectivas humana deste último e divina do anterior.

<sup>6</sup> Cf. KELLY (2007, p. 395), argumentando que os versos finais da *Teogonia*, que indicariam que o *Catálogo* seria a sua continuação, não se adequam bem à estrutura de encerramento do poema. Esta estrutura seria pautada no que Kelly (p. 382) chama de “decreasing doublet” (duplicação decrescente), um recurso poético que, por meio de sínteses progressivas do conteúdo apresentado pelo poeta, indica para o público ouvinte que o poema está sendo encerrado. Cf. também WEST (1985, pp. 127-128), que, diferentemente de Kelly, considera todo conteúdo de *Th.* 900 em diante convergente com os versos que principiam o *Catálogo*, mas posterior à composição da *Teogonia* e, nesse sentido, uma substituição a um conteúdo genuinamente hesiódico.

<sup>7</sup> Cf. ORMAND (2014, pp. 3-4) e RUTHERFORD (2000, p. 82).

dividido em cinco livros pelos eruditos helenísticos.<sup>8</sup> Como local de composição dessa versão canônica, grande número de estudiosos contemporâneos prefere a Atenas do século VI a.C., embora defendam que a tradição remontaria ao norte grego, mais especificamente à Beócia, em especial pela relação de Hesíodo com essa região.<sup>9</sup> Essa concepção de uma versão canônica parte do pressuposto de que o poema, em um movimento algo similar ao dos poemas homéricos, teria sido desenvolvido ao longo do tempo, em meio a contextos políticos, sociais e poéticos específicos, de modo que só teria recebido uma derradeira versão escrita num segundo momento de sua recepção.<sup>10</sup>

No contexto moderno, o *Catálogo* foi objeto de uma edição basilar em 1902, a edição maior de Aloisius Rzach, que organizou os fragmentos a partir de determinados temas. Em 1951, Augustus Traversa reorganizou os fragmentos com base na divisão em cinco livros atestada pela Suda e por ao menos uma citação de um comentário a Antímaco.<sup>11</sup> Essa divisão foi mantida por Reinhold Merkelbach e por Martin L. West em sua edição conjunta dos fragmentos publicada em 1967, mas o principal ganho desse trabalho foi uma nova proposta de distribuição dos fragmentos, até então feita por temas: Merkelbach utilizou a *Biblioteca Mitológica* de Pseudo-Apolodoro como modelo para a reconstrução da estrutura genealógica do *Catálogo* e assim distribuiu os fragmentos pelos cinco livros de acordo com as quatro principais genealogias gregas, isto é, a de Heleno e dos eólidas, a de Ínaco, a de Pelasgo e a de Atlas, atribuindo ao quinto livro o catálogo dos pretendentes de Helena e a decisão de Zeus de destruir a linhagem dos heróis.<sup>12</sup> Durante várias décadas a edição canônica entre os estudiosos de Hesíodo, a edição de Merkelbach-West (1990) ganhou uma concorrente na edição de Glenn W. Most, de 2007, que, seguindo os passos do trabalho de Martina Hirshberger (2004) de repensar a ordem dos fragmentos do *Catálogo* com base no estudo comparativo com as *Megalai Ehoiai*,<sup>13</sup> serve de base para o presente trabalho.

## ii. Possíveis contextos de performance

Por meio de catálogos, o poema nos apresenta a genealogia da linhagem (γένος)<sup>14</sup> dos heróis partindo das mães e do envolvimento delas com deuses ou com outros heróis. Assim, o

<sup>8</sup> Cf. HUNTER (2005, p. 1).

<sup>9</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p.83); cf. também ALONI (2017, pp. 4-5 e 19-20) e ORMAND (2014, p. 3-15).

<sup>10</sup> Cf. HUNTER (2005, p. 3) e RUTHERFORD (2000, p. 82).

<sup>11</sup> CINGANO (2005, p. 120)

<sup>12</sup> CINGANO (2005, p.120); RUTHERFORD (2000, p. 82)

<sup>13</sup> Cf. TSAGALIS (2017, pp. XIII-XVII) resume a história moderna do texto do *Catálogo*.

<sup>14</sup> Acerca da tradução de γένος, cf. WERNER (2014, p. 38).

*Catálogo* nos apresenta um mapa do mundo (mítico) grego com o qual o público ouvinte poderia estabelecer uma relação familiar e étnica.<sup>15</sup> Tal relação pode servir de exemplo para o modo como grupos sociais fazem uso do passado para explicar o presente, uma vez que, no que tange ao poema, é dos heróis que nele são apresentados que a aristocracia da Grécia arcaica e clássica alega descender.<sup>16</sup> Nesse sentido, o contexto de produção e de performance do *Catálogo* pode ser relacionado a dois grandes ambientes: o do simpósio aristocrático e/ou o do culto às heroínas.

No primeiro caso, o *Catálogo* poderia ser pensado como uma coletânea de histórias a respeito do envolvimento das mulheres com os deuses,<sup>17</sup> o que se deve ao fato de que um poema de tal extensão dificilmente poderia ser apresentado de modo integral,<sup>18</sup> tendo talvez sido objeto de expansões, reduções ou do acréscimo de variantes míticas.<sup>19</sup> Contudo, não é o caso de considerarmos o *Catálogo* como mero registro de performances realizadas em diversos locais, mas como a coletânea, para fins instrumentais, da “competência de um aedo (...) que decidiu ou foi induzido a registrar por escrito sua capacidade que nesse momento era pan-helênica”.<sup>20</sup>

No caso do contexto do culto às heroínas, é possível que estivessem presentes moças,<sup>21</sup> o que faria da poesia do *Catálogo* algo similar aos partênios líricos, dos quais moças em idade núbil participavam a fim de que, a partir de então, pudessem ser cortejadas.<sup>22</sup> Contudo, embora a relação entre o *Catálogo* e o culto seja possível não só por conta do conteúdo do poema, mas também pelo fato de que algumas das heroínas têm culto atestado,<sup>23</sup> mesmo que não haja nele nenhum indício direto de sua ocasião de performance, tal hipótese de ocasião se mostra mais fraca. Isso se deve principalmente ao fato de que a ascensão de um mortal à categoria de objeto de culto depende do contexto de sua morte<sup>24</sup> e, no desenvolvimento do poema, seria então esperada alguma menção ou pelos menos alusão a isso, o que não ocorre em relação às heroínas

<sup>15</sup> Cf. HUNTER (2005, pp. 1 e 3).

<sup>16</sup> Cf. HUNTER (2005, p. 3) e GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 41).

<sup>17</sup> Cf. ALONI (2017, p. 22); cf. também RUTHERFORD (2000, p. 88).

<sup>18</sup> Cf. ALONI (2007, p. 20), seguindo a interpretação de IRWIN (2005).

<sup>19</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 88). O *Escudo de Héacles* talvez seja um exemplar de expansão. A esse respeito, cf. ALONI (2017, p. 22-23), que sugere tal possibilidade, mas a refuta alegando que esse poema é uma obra diversa, embora pertencente à mesma tradição poética do *Catálogo*. Para uma tradução em português do poema, cf. TORRANO (2000).

<sup>20</sup> ALONI (2007, p. 23). Todas as traduções de obras em língua estrangeira são de minha autoria, salvo quando indicado o contrário.

<sup>21</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 88) e TSAGALIS (2009, p. 171)

<sup>22</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 88), que estabelece o paralelo entre ambos os gêneros. Cf. também DOHERTY (2007), vigorosa defensora dessa hipótese, e STEINER (2017, p. 79), que aventa a possibilidade de comparação e que analisa em detalhe os pontos de contato entre ambas as formas poéticas.

<sup>23</sup> Cf. TSAGALIS (2009, p. 171).

<sup>24</sup> Cf. NAGY (2017, p. 51).

apresentadas no *Catálogo*.<sup>25</sup> Ao contrário disso, não só pouco se fala sobre morte ao longo do poema, mas a menção a ela se dá em termos de metamorfose ou de imortalização.<sup>26</sup>

### iii. O gênero poético do *Catálogo*

A apresentação das mulheres no *Catálogo* ocorre sobretudo pelo uso da fórmula que foi atribuída como título do poema, isto é, ἢ ὅϊ, que significa “assim como ela”. Propôs-se que ela tenha tido a função de conectar paradigmas mitológicos.<sup>27</sup> No entanto, essa hipótese encontra certa resistência na estrutura geral do poema, sobretudo pelo fato de que diversas narrativas individuais são apresentadas como seções integrais e não como alternativas umas às outras.<sup>28</sup> Uma outra hipótese é a de que a fórmula, num caráter de composição anelar, retoma a genealogia anterior à apresentada, ou indica, em sequências mais complexas do poema, uma transição abrupta.<sup>29</sup>

Tendo-se em vista a dificuldade de estabelecer ao certo a função de ἢ ὅϊ,<sup>30</sup> é possível que essa fórmula tenha sido herdada de uma tradição catalógica<sup>31</sup> que apresentava mulheres famosas como exemplos de excelência, mas não como foco narrativo.<sup>32</sup> Nesse sentido, o que teria ocorrido seria um desenvolvimento genérico de uma fase em que determinada forma artística dominante transita para outra em que se torna mais fraca e secundária, sendo apenas um aspecto formal subordinado à nova forma dominante.<sup>33</sup>

Assim, conforme propõe Ian Rutherford, haveria inicialmente uma tradição de catálogos de mulheres que comporia o gênero que ele propõe chamar de poesia-*ehoiē*.<sup>34</sup> Esse gênero teria sido antecedido por outro que diria respeito a uma aretologia dos deuses, no qual as mulheres com as quais um deus se deitara seriam mencionadas a fim de enaltecê-lo.<sup>35</sup> Em seu primeiro

<sup>25</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 88) e TSAGALIS (2009, p. 171).

<sup>26</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 86). Esse padrão pode ser exemplificado pelo frag. 19 Most, no qual Ifigênia é salva por Ártemis e transformada em Hécate quando Agamêmnon a sacrifica. Esse mesmo fragmento apresenta ainda a solitária exceção ao padrão: Clitemnestra é a única mulher presente nos fragmentos supérstites a ter a morte mencionada diretamente, a qual se dá pelas mãos de Orestes em vingança pelo assassinato do pai.

<sup>27</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 83).

<sup>28</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 83).

<sup>29</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, pp. 83-84).

<sup>30</sup> Cf. HUNTER (2005, p. 2).

<sup>31</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 91) e HUNTER (2005, p. 2).

<sup>32</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 91). WEST (1985, p. 2) reporta que Luciano de Samósata se referia ao tema *Catálogo* como sendo γυναικῶν ἀρετᾶς, isto é, a excelência das mulheres.

<sup>33</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 92), que segue a chave formalista dos russos Yuri Tynjanov e Viktor Sklovsky e o modelo de processo de automatização (aqui sintetizado).

<sup>34</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 89). Para uma discussão das noções de “gênero” e “tradição” no contexto da poesia hexamétrica arcaica grega, cf. Werner (2018) com bibliografia suplementar.

<sup>35</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 91); nesse sentido, o catálogo das amantes de Zeus (*Il.* 14.312-328) na cena da *Dios Apate* pode ser pensado como um exemplo de tal gênero poético.

estágio, a poesia-*ehoie* seria constituída de poemas catalógicos que, fazendo uso da fórmula, apresentariam uma aretologia de mulheres sem qualquer cunho genealógico e seriam destinados a um público feminino.<sup>36</sup> Posteriormente, tomando contato com a poesia genealógica e produzindo formas sincréticas, a poesia-*ehoie* teria ganhado sua forma final, na qual a fórmula já estaria automatizada.<sup>37</sup> No estágio final, esse gênero teria assumido sua forma canônica no *Catálogo das Mulheres* hesiódico.<sup>38</sup>

Essa forma canônica da poesia-*ehoie*, isto é, o próprio *Catálogo*, é marcada por uma série de características formais. Dentre elas, destaca-se o caráter genealógico e formular, que reflete o conteúdo do poema, dominado por casamentos, concepções e nascimentos.<sup>39</sup> Além disso, a narrativa constrói-se de maneira rápida, e a forma catalógica é usada não só para as genealogias, mas também para partes narrativas do poema.<sup>40</sup> É notável ainda o fato de que discursos diretos são raros, de modo que a voz que se escuta durante o maior tempo ao longo do *Catálogo* é a do narrador primário.<sup>41</sup>

Nessa poesia, embora o foco narrativo seja direcionado às figuras femininas e as narrativas acerca dos homens sejam subordinadas a elas,<sup>42</sup> a hipótese mais forte é que, ao contrário do *Catálogo* ser um poema dedicado à excelência das mulheres, ele seria centrado sobretudo nos heróis famosos que foram gerados por elas.<sup>43</sup> Apesar disso, o tom empregado a respeito das heroínas é encomiástico,<sup>44</sup> muito embora não haja nos fragmentos supérstites qualquer ocasião em que as mulheres ajam ou possam demonstrar qualquer virtude,<sup>45</sup> o que é reforçado pelo fato de que, quando discursos diretos ocorrem,<sup>46</sup> nenhum deles é atribuído a uma delas.<sup>47</sup>

Tais características servem de base para a proposição de Rutherford acerca da existência de uma tradição de catálogos de mulheres, cujas características-chave tanto formais quanto

<sup>36</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, pp. 91 e 95).

<sup>37</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, pp. 92 e 95-96).

<sup>38</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 96).

<sup>39</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 84).

<sup>40</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 85), que cita o catálogo de pretendentes do quinto livro como exemplo narrativo.

<sup>41</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 87); tal questão, conforme reportado por Rutherford, chamou a atenção do gramático Diomedes (IV d.C.), que reconhece nisso uma característica típica do gênero do qual o *Catálogo das Mulheres* seria um exemplo. Em sua classificação, Diomedes categoriza a poesia do *Catálogo* como não-mimética histórica, isto é, atribui ao modo narrativo e genealógico do poema um caráter de conhecimento factual. A respeito do caráter histórico da poesia épica, tanto homérica quanto hesiódica, para o público grego, cf. também GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, pp. 42-43): “o termo ‘história’ nos sugere um relato do passado confiável e competente”.

<sup>42</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 86).

<sup>43</sup> Cf. ORMAND (2014, pp. 44-46).

<sup>44</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 86); a única exceção, também notada por Rutherford, diz respeito ao fragmento 19 Most, no qual as filhas de Leda são caracterizadas por sua infidelidade aos maridos.

<sup>45</sup> Cf. ORMAND (2014, p. 46).

<sup>46</sup> A respeito desses, cf. RENGAKOS (2009, p. 216).

<sup>47</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, pp. 87-88).

temáticas convergiriam com as que foram canonizadas por meio do *Catálogo*, distinguindo-se, dessa forma, das demais poéticas catalógicas.<sup>48</sup> A razão para isso, indo além dessas características, encontra-se no fato de que “formas poéticas na Grécia Antiga tendem a ser tradicionais”.<sup>49</sup>

Tendo postulado essa tradição, Rutherford defende também a existência do gênero de poesia-*ehoie*. Sua proposição baseia-se na interpretação de que essa poesia diz respeito a um grupo de poemas resultantes dessa tradição que compartilham uma série de práticas distintas e técnicas comuns, isto é, as sumariadas anteriormente.<sup>50</sup>

Contudo, como falar em um gênero cuja amostragem reduz-se a um único poema, isto é, ao *Catálogo*? A resposta para tal pergunta se mostra multifacetada: por um lado, se esse único exemplar for suficientemente distinto dos demais gêneros hexamétricos, ele pode configurar um gênero;<sup>51</sup> por outro, a tradição catalógica que precede o *Catálogo* é pensada a partir de seu caráter diacrônico, isto é, ele é um poema único que, no entanto, resulta de diversas modificações anteriores.<sup>52</sup> Outra alternativa pode ser expressa por meio da existência das chamadas *Megalai Ehoiai*,<sup>53</sup> indicando que o gênero de poesia-*ehoie* se manifesta em uma segunda instância, diferente do *Catálogo*. Uma última alternativa é a de que o *Catálogo* teria resultado da reunião de poemas mais ou menos distintos.<sup>54</sup> De todo modo, o fato de que a poesia catalógica em geral e, mais especificamente, a do *Catálogo* hesiódico tenha sido mimetizada no período helenístico, inclusive com o uso da fórmula ἦ’ οἴη como marca genérica ou maneirismo de um determinado tema, parece corroborar a ideia de um gênero poético de fato.<sup>55</sup>

Um segundo entrave à hipótese de um gênero distinto encontra-se na possível categorização do *Catálogo* como subgênero da poesia épica.<sup>56</sup> Rutherford defende que sua inclusão aí se mostraria muito ampla, sobretudo porque a poesia-*ehoie*, conforme concebida por ele, caracteriza-se por uma estrutura genealógica e pelo foco nas personagens femininas, em oposição à estrutura narrativa e ao foco nos personagens masculinos da épica heroica.<sup>57</sup> No entanto, se o foco do *Catálogo* for, como mencionamos anteriormente, nos heróis em vez de

<sup>48</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 89).

<sup>49</sup> RUTHERFORD (2000, p. 89).

<sup>50</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 89).

<sup>51</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 89).

<sup>52</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 90).

<sup>53</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 90); *Megalai Ehoiai* é o título de um outro poema, que, assim como o *Escudo de Hércules*, pode ser uma versão expandida do *Catálogo*. Contudo, pouco de concreto sabemos a respeito dele, cf. CINGANO (2009, p.118-121).

<sup>54</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 90).

<sup>55</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 90).

<sup>56</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 89).

<sup>57</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 89).



nas heroínas,<sup>58</sup> então essa oposição entre épico *versus* poesia-*ehoie* carece de uma maior discussão.

#### iv. Paralelos com o epos grego arcaico

Assim, seja como subgênero, seja como um gênero poético distinto, a poesia-*ehoie* apresenta paralelos e relações importantes com o *corpus* da tradição hexamétrica grega arcaica.<sup>59</sup> O *Catálogo* não só se configura como complementar às perspectivas divina e humana apresentadas, respectivamente, pela *Teogonia* e por *Trabalhos e Dias* na medida em que apresenta a perspectiva heroica,<sup>60</sup> como também pode ser considerado “um complemento perfeito à épica heroica, com sua forma narrativa e atenção no masculino”<sup>61</sup>, devido à sua “estrutura genealógica e sua ênfase no feminino”.<sup>62</sup>

Nesse sentido, tendo em vista o catálogo de heroínas que Odisseu viu no Hades, relatado pelo herói aos feácios no canto 11 da *Odisseia*, é possível que algo próximo ao *Catálogo* estivesse em circulação antes da composição da *Odisseia*, de modo que seu poeta poderia ter lançado mão do gênero de poesia-*ehoie*.<sup>63</sup> Comparando-se as duas obras, é possível notar uma sobreposição entre as mulheres mencionadas no canto 11 da *Odisseia* e no *Catálogo*, de forma que ou o último imita o primeiro, ou uma forma primitiva de poesia catalógica feminina pré-data aqui a *Odisseia*.<sup>64</sup> Contudo, considerando-se que, embora o poema homérico não faça uso da fórmula ἦ’ οἴη, ele possui uma estrutura similar na qual se parte de uma mulher para um mito maior, a hipótese mais forte, defendida por Rutherford, é a de que a *Nekyia* se apropria e preserva um estágio anterior do desenvolvimento da poesia-*ehoie*.<sup>65</sup>

No que tange ao *corpus* focalizado pelo presente trabalho, isto é, os fragmentos atribuídos ao quinto livro do *Catálogo*, ele apresenta-se como uma espécie de prelúdio aos eventos que antecedem a Guerra de Troia, os quais foram narrados nos *Cantos Cíprios*, e os

<sup>58</sup> Cf. ORMAND (2014, pp. 44-46).

<sup>59</sup> Cf. KONING (2017, p. 99).

<sup>60</sup> Cf. CLAY (2005, p. 26) e (2003, pp. 162-164).

<sup>61</sup> Cf. CLAY (2005, p. 26).

<sup>62</sup> Cf. CLAY (2005, p. 26); cf. também GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, pp. 35-43), para os quais os poemas homéricos e hesiódicos se complementam na descrição sincrônica e diacrônica do mundo dos deuses e heróis, desde o surgimento do cosmo até o tempo presente do público ouvinte.

<sup>63</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, pp. 93 e 95-96).

<sup>64</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 93).

<sup>65</sup> Cf. RUTHERFORD (2000, p. 94), que elenca ainda outras diferenças entre o *Catálogo* e a *Nekyia*, como a presença de discurso direto e da morte como um grande tema e o fato de que as mulheres são apresentadas de modo subordinado às figuras masculinas.

integra à sua visão sinóptica,<sup>66</sup> o que se deve ao fato de ser nesse livro do poema hesiódico que se encontra o fragmento que narra a decisão de Zeus de promover a guerra a fim de dar cabo da linhagem dos heróis. Além disso, o catálogo de pretendentes de Helena apresentado pelo poema possui características que compartilha com o catálogo das naus iliádico e com outros poemas que tratam da Guerra de Troia.<sup>67</sup>

Nesse sentido, uma vez que trata da extinção da linhagem dos heróis, o catálogo dos pretendentes de Helena pode ser confrontado com os versos 156-173 de *Trabalhos e Dias*,<sup>68</sup> passagem que integra o mito hesiódico das cinco linhagens e que fala de como os heróis foram destruídos pelas guerras, não só pela de Troia, mas também pela Tebana,<sup>69</sup> que não é mencionada nos fragmentos supérstites do quinto livro do *Catálogo*.<sup>70</sup> Além disso, a linhagem dos heróis faz parte “da política de estabelecimento da soberania de Zeus”<sup>71</sup> que tem início no mito de sucessão apresentado pela *Teogonia*. Assim, a decisão de destruir os heróis diz respeito a uma estratégia de manutenção do poder por Zeus: a redução da população humana sobre a Terra (levando-se em conta o caráter tradicional do ponto de partida dos *Cantos Cíprios*) evitaria o conflito que seus antecessores, Crono e Urano, tiveram com Gaia e Reia.<sup>72</sup>

## v. Os heróis

Nesse sentido, os heróis são entidades humanas que podem ser vistas como parte integrante do momento de desenvolvimento final do cosmo no qual o lugar dos homens no

<sup>66</sup> Cf. CINGANO (2005, p. 118).

<sup>67</sup> Cf. CINGANO (2005, p. 118).

<sup>68</sup> Cf. CINGANO (2005, p. 124). RUTHERFORD (2012, p. 158), contudo, considera que o *Catálogo* como um todo não retoma temas das obras hesiódicas que poderiam ser relevantes para o seu desenvolvimento, como por exemplo Pandora, que, no *Catálogo*, fica reduzida à filha de Deucalião e Pirra ou à mãe de Deucalião; no caso dos heróis e das guerras que os destruíram, Rutherford defende que a relação com os versos 156-173 é apenas uma alusão aparente e que o *Catálogo* não apresenta nenhuma outra relação com o mito das cinco linhagens. Contra Rutherford, cf. CLAY (2005, p. 26) e KONING (2017).

<sup>69</sup> Hes. *Op.* 156-173: “Mas depois que a terra também essa linhagem [de bronze] encobriu,/ de novo ainda outra, a quarta, sobre a terra nutre-muitos/ **Zeus Cronida produziu**, mais justa e melhor,/ **a divina linhagem de varões heróis**, esses chamados/ semideuses, a estirpe anterior sobre a terra infinda./ **E a eles guerra danosa e prélio terrível,/ a uns sob Tebas sete-portões**, na terra cadmeia,/ **destruiu**, ao combaterem pelos rebanhos de Édipo,/ **a outros, nas naus**, sobre o grande abismo do mar,/ **levando a Troia por conta de Helena bela-coma**./ Lá em verdade a alguns o termo, a morte encobriu,/ e a outros, longe dos homens, ofertou sustento e casa/ o pai, Zeus Cronida, e os alocou nos limites da terra./ E eles habitam com ânimo sereno/ nas ilhas dos venturosos junto a Oceano funda-corrente,/ heróis afortunados, aos quais delicioso fruto,/ que três vezes ao ano floresce, traz a gleba dá-trigo” (grifos meus).

<sup>70</sup> Cf. CINGANO (2005, p. 123-4), que considera estranho o fato de a Guerra Tebana, levando-se em conta os versos 161-5 de *Trabalhos e Dias*, não ser mencionada com a Guerra de Troia como meio de destruição da linhagem dos heróis e supõe que ela deve ao menos ter sido mencionada ao fim do quarto livro do *Catálogo* na transição para o quinto livro. RUTHERFORD (2012, p. 156) aponta passagens do *Catálogo* (fr. 136, 22.37 e 160 Most) que podem ser pensadas como correlatas ao *Ciclo Tebano*.

<sup>71</sup> CLAY (2005, pp. 31).

<sup>72</sup> CLAY (2005, pp. 31).

mundo ainda está sendo estabelecido, de modo que, assim como os chamados monstros, os heróis são criaturas de imenso poder que podem vir a romper a ordem pretendida por Zeus, do que resulta, então, sua decisão de dar cabo dessa linhagem.<sup>73</sup>

Esses heróis, chamados, em particular, de semideuses (ἡμίθεοι) na poesia hesiódica,<sup>74</sup> diferenciam-se das outras quatro gerações do mito hesiódico das cinco linhagens à medida que seu modo de vida era marcado, em particular, pelas relações sexuais com deuses; além disso, praticavam a navegação e envolviam-se em guerras.<sup>75</sup> É importante notar que tal proximidade é resultante da ascendência divina dos heróis.<sup>76</sup> Dessa forma, essa linhagem é marcada, sobretudo no *Catálogo*, “como um período excepcional e efêmero da proximidade humana com o divino”.<sup>77</sup>

No entanto, há uma diferença notável entre heróis e mulheres pertencentes a essa linhagem que se manifesta por meio do epíteto de Zeus como “pai de deuses e homens”. Muito embora “deuses” (θεῶν) não seja específico em termos de gênero e ainda que o deus não seja pai de todos os heróis, esse epíteto corrobora a representação de seu poder à medida que constrói a imagem de uma linhagem masculina proveniente dele,<sup>78</sup> sobretudo pelo termo aqui utilizado para se referir a eles, isto é, ἀνδρῶν. Além disso, não há na poesia hexamétrica arcaica termo que denote as mulheres da linhagem dos heróis como heroínas, enquanto os homens são referidos por palavras ou expressões que marcam seu gênero, por exemplo, ἄνδρες ἥρωες.<sup>79</sup> Nesse sentido, nota-se um foco secundário, ainda que fundamental, nas figuras femininas ao longo dos poemas épicos. Assim, muito embora Helena seja uma figura marcante e descendente direta de Zeus, a atenção desse deus e dos demais volta-se sobretudo ao seu esposo Menelau e/ou aos homens que serão destruídos por conta dela.<sup>80</sup>

Como resultado dessa distinção entre heróis e mulheres, tem-se o fato de que suas mortes dão-se em termos diferentes, sobretudo porque no caso dos homens a morte é resultado da guerra e da sua escolha deliberada por participar dela em busca de κλέος (glória).<sup>81</sup> Desse modo, o que chamamos de “destruição da linhagem dos heróis” diz respeito sobretudo à morte dos homens que combateram nas guerras de Troia e de Tebas, o que faz com que a cisão entre

<sup>73</sup> Cf. KONING (2017, pp. 101-103).

<sup>74</sup> Cf. Hes. *Op.* 160 e Hes. fr. 155.100.

<sup>75</sup> Cf. CLAY (2005, pp. 26-27), retomando sua leitura defendida em CLAY (2003).

<sup>76</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 42).

<sup>77</sup> CLAY (2005, p. 28).

<sup>78</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 98-9).

<sup>79</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 99).

<sup>80</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 99).

<sup>81</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, pp. 103-104).

essa linhagem e a de ferro não possa ser vista como algo terminal, mas como uma transição contínua da qual resulta uma população e condições de vida reduzidas.<sup>82</sup>

Quanto ao léxico, o termo ἥμιθεοι, na poesia grega arcaica, diz respeito tanto à natureza híbrida dos heróis – embora tenha sempre um antecedente imortal, sua natureza é mortal, ou seja, o gene divino é recessivo –<sup>83</sup> como também a uma época determinada na história do cosmo anterior à do público da performance épica.<sup>84</sup> No contexto grego, a história do cosmo envolve uma cosmogonia, uma teogonia e uma antropogonia, e é nesse contexto que as criaturas “semidivinas” têm seu lugar.<sup>85</sup> Ao contrário dos homens de hoje, porém, a mortalidade dos heróis podia ser transcendida após a experiência da morte por meio de sua imortalização,<sup>86</sup> expressa culturalmente tanto na poesia como no culto aos heróis.<sup>87</sup>

O tema da imortalização heroica, secundário na *Ilíada* e mesmo na *Odisseia*, apresenta-se nas tradições poéticas cosmogônicas e antropogônicas e também na tradição épica heroica, isto é, nas vertentes hesiódica, órfica e cíclica, e nelas se desenvolve em correlação com o tema da total destruição da espécie humana.<sup>88</sup> Se no *Catálogo* a destruição dos heróis se dará por meio da Guerra de Troia, na tradição existem também outras duas formas que Zeus cogita para dar cabo da humanidade: nos *Cantos Cíprios*, o deus cogita também uma conflagração da terra com seus raios ou um cataclismo.<sup>89</sup> Nesse sentido, promovendo a destruição da linhagem dos heróis por meio da Guerra de Troia (e também da Guerra Tebana, se levarmos em consideração a já citada passagem de *Trabalhos e Dias*), Zeus também permite sua imortalização à medida que realoca vários dos heróis para a Ilha dos Venturosos.<sup>90</sup>

Por fim, a linhagem dos heróis, conforme aponta Clay<sup>91</sup>, pode ser vista como sendo marcada por eventos catastróficos tanto em sua origem (com o possível cataclismo ao qual Deucalião e Pirra sobrevivem,<sup>92</sup> dando então origem aos novos seres humanos) quanto em seu

<sup>82</sup> Cf. GRAZIOSI & HAULBOLD (2013, p. 103) e WERNER (2014, pp. 40-41).

<sup>83</sup> Cf. NAGY (2017, p. 50).

<sup>84</sup> Cf. CLAY (2005, p. 30) e WERNER (2018, p. 37).

<sup>85</sup> Cf. NAGY (2017, pp. 46-47).

<sup>86</sup> Cf. NAGY (2017, p. 51).

<sup>87</sup> A relação entre a poesia hexamétrica e o culto aos heróis é um tema polêmico; cf. WERNER (2018, p. 37), com bibliografia suplementar.

<sup>88</sup> Cf. NAGY (2017, p. 41); para uma defesa da diferenciação entre homérico, hesiódico, órfico e cíclico na produção e, sobretudo, recepção clássica e helenística da poesia hexamétrica arcaica grega; cf. também NAGY (2009) e (2010).

<sup>89</sup> Cf. NAGY (2017, pp. 40-41).

<sup>90</sup> Cf. NAGY (2017, p. 47).

<sup>91</sup> Cf. CLAY (2005, p. 28).

<sup>92</sup> Não há fragmentos supérstites do *Catálogo* que façam referência direta ao cataclismo. Contudo, sua ocorrência é atestada no escólio que compõe o fr. 5 bem como mencionada em Arist. *Phys.*222a33 e narrada por Pseudo-Apolodoro em sua *Biblioteca Mitológica* (I.7), segundo o qual Deucalião, quando Zeus decidiu pelo fim da linhagem de bronze, fora orientado por seu pai, Prometeu, a construir uma arca, que serviu a Deucalião e Pirra para sobreviverem ao cataclismo provocado por Zeus.

fim, com a Guerra de Troia. No entanto, é possível que a guerra em si não tenha sido objeto da narrativa do *Catálogo* e que o poema como um todo aponte gradualmente para o grande evento que levaria ao fim da linhagem.<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> Cf. CLAY (2005, p. 29).

## 1. TRADUÇÃO E NOTAS

### 1.1. Critérios de tradução

A tradução que aqui apresento foi feita com base na edição do texto grego estabelecido por Glenn W. Most (2007) e sem pretensão poética, embora eu tenha tentado, na medida do possível, estabelecer certa fluidez e eufonia para a leitura. Visando facilitar a comparação do texto traduzido com o original grego, procurei manter o conteúdo semântico em casa verso, exceto quando o vernáculo demandou algum reposicionamento.

Na tradução de epítetos, levei em consideração três categorias que observei e para as quais estabeleci estruturas padrão. A primeira diz respeito a epítetos formados por radicais nominais, como ἠδύπειαι (“de doce fala”, fr. 1.1) e βοῶπις (“de olhos bovinos”, fr. 19.5), que traduzi pela estrutura “de + substantivo + qualificativo”. A segunda é a dos epítetos nos quais um dos radicais é verbal, como αἰγίοχοιο (“porta-égide”, fr. 1.2) e ὀλεσῆνορα (“destrói-homem”, fr. 19.30), que traduzi por adjetivos compostos. A terceira abrange os epítetos simples, como Ὀλυμπιάδες (“Olímpias”; fr. 1.1), para os quais não foi necessário senão uma palavra para a tradução. Uma exceção é o epíteto ἀρηϊφίλος (fr. 115.86, 89 e 93) que, embora tenha radicais nominais, não consegui adequar à forma padrão para a primeira categoria, traduzindo-o por “dileto de Ares”.

Ainda quanto aos epítetos, fiz uso de maiúsculas e minúsculas conforme o valor do epíteto e seu contexto de ocorrência, de modo que a inicial foi capitalizada quando certo epíteto identificador se apresentava sozinho no verso, como ἰοχέαιρα (“Verte-flechas”, fr.19.11 e 26), mas foi mantida em minúscula quando o epíteto estava acompanhado do nome próprio que ele qualifica ou de um outro referente, como Διὸς αἰγίοχοιο (“Zeus porta-égide”; fr.1.1) ou μητέρα ... ὀλεσῆνορα (“mãe destrói-homem”; fr.19.30).

Quanto aos colchetes apresentados pela edição do texto grego, procurei usá-los de forma equivalente na tradução. Assim, um verso que apresenta apenas um colchete no texto grego, quando traduzido, pode apresentar mais colchetes a depender das estruturas que o vernáculo exige, como em γῆμ[ε δ’ ἐὼν διὰ κάλλος ἄναξ ἀνδρ]ῶν Ἀγαμέμνων: “Por ser bela], Agamêmnon, [senhor] de [homens], despos[ou” (fr. 19.13). No original, há uma sequência semântica demarcada por um único par de colchetes; como na tradução não foi possível transpô-la da mesma maneira, assinalou-se separadamente cada um de seus elementos com pares de colchetes.

Além de colchetes que demarcam sugestões do editor, há aqueles indicando ilegibilidade total ou parcial no início, no fim ou no meio do verso. Para estes, apliquei o seguinte critério: colchetes vazios ou com palavras que não puderam ser traduzidas foram substituídos na tradução por reticências; colchetes que cortam palavras traduzíveis ou que abarcam parte legível de texto, ainda que com amplo espaço vazio, foram mantidos.

## Liber I

### Fr. 1 Most

P. Oxy. 2354; 1-2 = *Theog.* 1021-22; 6: Schol. Arat. 104; 6-7: Orig. *C. Cels.* 4.79, 6: Max. Tyr.  
35.1

Νῦν δὲ γυναικῶν [φῦλον ἀείσατε, ἠδυέπειαι  
 Μοῦσαι Ὀλυμπιάδε[ς, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο,  
 αἱ τότ' ἄρισται ἔσαν [καὶ κάλλισται κατὰ γαῖαν  
 μίτρας τ' ἀλλύσαντο διὰ χρυσέην τ' Ἀφροδίτην  
 5 μισγόμεναι θεοῖσ[ιν  
 ξυναὶ γὰρ τότε δαί[ιτες ἔσαν, ξυνοὶ δὲ θόωκοι  
 ἀθανάτοις τε θε[οῖσι καταθνητοῖς τ' ἀνθρώποις·  
 οὐδ' ἄρα ἰσαίωνες ομ[  
 ἀνέρες ἠδὲ γυναῖκες ε[  
 10 ὀσσόμεν[ο]ι φρ[εσὶ] γῆρ[ας  
 οἱ μὲν δηρὸν ε[.]κ[.  
 ἠῖ[θ]εοι, τοὺς δ' εἶθ[αρ] ε[.  
 ἀ[θ]άνατοι [νε]ότητ[  
 τάων ἔσπετε μ[οι γενεήν τε καὶ ἀγλαὰ τέκνα,  
 15 ὄσσ[αι]ς δὴ παρέλ[εκτο πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε  
 σ]περμ[αί]νων τὰ [πρῶτα γένος κυδρῶν βασιλῆων  
 [ῆ]ς τε Π[ο]σειδάω[ν  
 ὄσσαισί]ν τ' Ἄρης [  
 .....].η.ι.ντ[  
 20 ὄσσαις θ' Ἡφ[α]ι[ι]στος π[  
 αἴσιν δ' αὐθ' Ἐ]ρμῆς .[  
 ἠδ' ὄσσαισι] βίη Ἡ[ρακλῆος



## 1.2. Livro 1

### 1.2.1. Fr. 1 Most – Proêmio

1-22: Papiro de Oxirrincos; 1-2 = *Theog.* 1021-22; 6: Escólio aos *Fenômenos* 104, de Arato; 6-7: *Contra Celso*, de Orígenes; 16: *Orações Filosóficas* 35.1, de Máximo de Tiro.

Agora, a tribo das mulheres cantai, Musas Olímpias  
de doce fala<sup>94</sup>, filhas de Zeus porta-égide,  
elas que um dia foram as mais nobres [e belas na terra  
e afrouxaram as cintas p[or obra da áurea Afrodite  
5 unindo-se [ao]s deuses ...  
Pois comunais eram então os banquetes, e comunais os concelhos  
entre os deuses imortais e os homens mortais;  
mas não o tempo de vida ...  
homens e mulheres ...  
10 el[e]s que viam [no e]spírito a vel[hice ...  
alguns por muito tempo ...  
jo[v]ens, mas a outros de u[ma vez] ...  
os i[m]ortais a [ju]vent[ude] ...  
Dessas, dissei-m[e sua linhagem e esplêndida prole,  
15 tod[as com que]m se deit[ou o pai de homens e de deuses  
semeando por primeiro a linhagem dos gloriosos reis,  
e [a]s [com que] P[o]ssêido[n]...  
e [com quai]s Ares ...  
...  
20 com quais Hefe]sto ...  
e as com que He]rmes ...  
e com quais] a força [de] Hé[racles]<sup>95</sup>

<sup>94</sup> ἡδυέπειαι / Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες é uma estrutura que se repete uma única outra vez em *Th.* 965-966. Além disso, os versos 1-2 do fragmento são iguais aos versos 1021-1022 da *Teogonia*, o que sugeriria que o *Catálogo* fora concebido como sua continuação. A esse respeito, cf. Introdução, I.

<sup>95</sup> βίη Ἡρακλῆος (força de Hércules) é uma fórmula hesiódica recorrente para se referir ao herói (cf., por exemplo, Hes. *Th.* 289, 315, 332, 943 e 982). Embora diversos fragmentos se refiram a ele na condição de herói (cf. Hes. fr. 23, 31-33, 69, 117, 133) e como filho de Zeus e Alcmena (cf. Hes. fr. 138), é possível que sua presença na lista

**Fr. 19 Most**

1-33: P. Michigan inv. 6234 fr. 2; 7-41: P. Oxy. 2481 fr 5 (a) col. I; 12-18: P. Oxy. 2482; 22-36: P. Oxy. 2075 fr. 4, 9; 31: Schol. Pind. *Ol.* 10.80 (I p. 331.8-9 Drachmann)

εδρασ[  
 ύστατ.[  
 ἢ' οἶαι κ[οῦραι  
 τρεῖς οἴαι τε θεαί, περικαλλέα ἔργ' εἰδυῖαι,  
 5 Λήδη[ τ' Ἀλθαίη τε Ὑπερμήστρη τε βοῶπις  
 Αἰτωλ[  
 ἦ μὲν [Τυνδαρέου θαλερὸν λέχο]ς εἰσαναβᾶσα  
 Λήδη ἐ[υπλόκαμος ἰκέλη φαέεσσι]σελήνης  
 γείνατ[ο Τιμάνδρην τε Κλυταιμίστρη]ν τε βοῶπι[ιν  
 10 Φυλο[νόην θ' ἦ εἶδος ἐρήριστ' ἀθαν]άτησι.  
 τήν[ ἰο]χέαιρα,  
 θῆκ[εν δ' ἀθάνατον καὶ ἀγήραον ἦ]ματα πάντ[α.  
 γῆμ[ε δ' ἐὸν διὰ κάλλος ἄναξ ἀνδρ]ῶν Ἀγαμέμνων  
 κού[ρην Τυνδαρέοιο Κλυταιμίστρη]ν κυανῶπ[ιν·  
 15 ἦ τ[έκεν Ἴφιμέδην καλλίσφυ]ρον ἐν μεγάρο[ισιν  
 Ἑλέκτρην θ' ἦ εἶδος ἐρήριστ' ἀ[θανά]τησιν.  
 Ἴφιμέδην μὲν σφάζαν ἐυκνή[μ]ιδες Ἀχαιοὶ  
 βωμῶ[ι ἐπ' Ἀρτέμιδος χρυσηλακ]άτ[ου] κελαδεινῆς,  
 ἦματ[ι τῷ ὅτε νηυσὶν ἀνέπλ]εον Ἴλιον εἴ[σω  
 20 ποινη]ν τεισόμενοι καλλισ[φύρου Ἀργειώ]ν[η]ς,  
 εἶδω[λον· αὐτὴν δ' ἐλαφηβό]λος ἰοχέαιρα

---

dos deuses que se deitaram com mulheres mortais pressuponha sua apoteose, algo referido, inclusive, no fr. 22.24ss. Sobre o estatuto de Héracles enquanto deus, cf. capítulo 2.1.

### 1.2.2. Fr. 19 Most – A linhagem de Leda

1-33: Papiro de Michigan; 7-41: Papiro de Oxirrinco; 12-18: Papiro de Oxirrinco; 22-36: Papiro de Oxirrinco; 31: Escólio a *Olímpica* 10.80 de Píndaro

...  
 últim[ ...  
 Ou como elas, f[ilhas ...  
 três, c[omo deusas, conhecedoras de belíssimos trabalhos,  
 5 Leda[, Alteia e Hipermestra de olhos bovinos  
 etóli[  
 ela que subiu no v[içoso leito de Tíndaro,  
 Leda d[e belos cachos, símil ao brilh]o da lua,  
 gero[u Timandra, Clitemestr]a de olh[os] bovinos  
 10 e] Filo[noé, que em beleza rivalizava com as imor]tais.  
 A ela[ ] a Verte-[flechas  
 e] torn[ou-a imortal e sem velhice] por tod[os os d]ias.<sup>96</sup>  
 Por ser bela], Agamêmnon, [senhor] de [homens], despos[ou  
 a fi[lha de Tíndaro, Clitemes]tra de olh[os] cobalto;  
 15 ela g[erou] no palác[i]o Ifimede de belo torno]zelo  
 e Electra, que em beleza rivalizava com as i[mor]tais.  
 Ifimede sacrificaram os Aqueus de belas cnê[m]jides  
 sobre o] alta[r de Ártemis da r]oc[a dourada], a Sonora,  
 no] dia [em que naveg]avam [em naus a] Ílion  
 20 para infligir] pena [pela] Argiva de [belo] tornozelo,  
 um espec[tro;<sup>97</sup> a esta, a] Caça[dora-de-veados], Verte-flechas,

<sup>96</sup> HIRSCHBERGER (2004, p. 209) aventa a hipótese de que, primeiro, Ártemis, cujo epíteto (ιοχέαιρα, “verte-flechas”, 11) a associa à caça e à morte, mata Filonoé e depois a imortaliza, sobretudo porque, conforme defende a filóloga, o verso 12 seria uma fórmula épica tradicional para apoteose.

<sup>97</sup> MOST (2007) segue WEST (1990) e suplementa o verso 21 com εἶδω[λον, no acusativo, de forma que o “espectro” se refere a “Ifimede” (Ιφιμέδην, 17) e se relaciona à versão do mito segundo a qual a filha de Clitemnestra e Agamêmnon não é de fato sacrificada, mas salva por Ártemis. HIRSCHBERGER (2004, p. 212) suplementa o verso apenas com εἶδω[λο-, sem optar por um caso. Segundo ela, além da possibilidade de que o espectro diga respeito a Ifimede, existem ainda duas outras leituras sugeridas pela crítica, a de que: 1) os versos 21-26 são interpolações posteriores, ou 2) o suplemento para o verso 21 seria εἰδώ[λου, de modo que qualifica não Ifimede, mas Helena, referida no verso 20 pela construção, no genitivo, καλλισ]φύρου Ἀργειώ[νη]ς (Argiva de belo tornozelo), se relacionando assim à versão do mito segundo a qual os gregos batalharam por uma Helena que não se encontrava em Troia, mas em outro lugar, como o Egito, conforme reporta Eurípides em sua *Helena*.

- ῥεῖα μάλ' ἔξεσά[ωσε, καὶ ἀμβροσ]ίην [ἐρ]ατε[ινὴν  
 στάξε κατὰ κρῆ[θεν, ἵνα οἱ χ]ρῶς [ἔ]μπε[δ]ο[ς] εἴ[η,  
 θῆκεν δ' ἀθάνατο[ν καὶ ἀγήρ]αον ἡμα[τα πάντα.  
 25 τὴν δὴ νῦν καλέο[υσιν ἐπὶ χ]θονὶ φῦλ' ἀν[θρώπων  
 Ἄρτεμιν εἰνοδί[ην, πρόπολον κλυ]τοῦ ἰ[ο]χ[ε]αίρ[ης.  
 λοῖσθον δ' ἐν μεγά[ροισι Κλυτ]αιμήστρη κυα[νῶπις  
 γείναθ' ὑποδηθ[εῖσ' Ἀγαμέμ]ον[ι δῖ]ον Ὀρέ[στην,  
 ὅς ῥα καὶ ἠβήσας ἀπε[τείσατο π]ατροφο[ν]ῆα,  
 30 κτεῖνε δὲ μητέρα [ἦν ὀλεσὴν]ορα νηλεί [χαλκῶι.  
 Τιμάνδρην δ' Ἔχε[μος θαλερὴν] ποιήσατ' ἄκ[οιτιν,  
 ὃς πάσης Τεγ[έης ἠδ' Ἀρκαδίας] πολυμήλου  
 ἀφνειὸς ἦνας[σε, φίλος μακάρεσσι θε]ο[ῖ]σιν·  
 ἢ οἱ Λαόδοκον με[γαλήτορα ποιμέν]α λαῶν  
 35 γ[είναθ'] ὑποδη[θεῖσα διὰ] χρυσῆν Ἀφ[ροδίτην  
                                     ἐ]μβασ[ίλευε ]η[.].[.]  
   ]ν[.].[.]χο[  
   ].[. Ὀ]λύμπι[  
   ἀε]θλοφόρο[ν Πολυδεύ]κα  
 40   ]ν[

### Fr. 20 Most

#### a) Pausanias 1.43.1

οἶδα δὲ Ἡσίοδον ποιήσαντα ἐν Καταλόγῳ Γυναικῶν  
 Ἴφιγένειαν οὐκ ἀποθανεῖν, γνώμη δὲ Ἀρτέμιδος Ἐκά-  
 την εἶναι·

- muito fácil sal[vou, e de]sejá[vel ambros]ia  
 verteu em sua cabe[ça], [para sua p]ele s[er] fir[me,  
 e tornou-a imorta[l e sem velh]ice [por todos os] dia[s.
- 25 Agora cha[mam]-na, as tribos [dos] ho[mens sobre a te]rra,  
 de Ártemis viá[ria]<sup>98</sup>, serva] da [íncli]ta Ver[te-fle]chas.  
 Por último, no palá[cio, Clit]emestra [de olhos] cobalto  
 gerou, subjug[ada por Agamêmn]on, [o di]vo Ore[stes,  
 que, ao atingir a juventude, vin[gou-se do] assassi[n]o do [p]ai<sup>99</sup>
- 30 e matou sua mãe [destrói-ho]mem com [bronze] impiedoso.  
 De Timandra fez Equemo sua viçosa esposa,  
 ele que toda a Teg[eia e Arcádia] de muitos rebanhos  
 reg[eu], rico, [caro aos venturosos d]eu[s]es;  
 ela para ele Laódoco, b[ravo past]or de povos,
- 35 g[er]ou, subju[gada por obra] da áurea Af[rodite  
 ... r]ei[nava ...  
 ...  
 ... O]limp[ ...  
 ... vi]torios[o Polideuces ...
- 40 ...

### 1.2.3. Fr. 20 Most

#### a) Pausânias, *Descrição da Grécia* 1.43.1

Sei que Hesíodo, no *Catálogo das Mulheres*, fez com que Ifigênia não morresse, mas que, por desígnio de Ártemis, ela fosse Hécate.

<sup>98</sup>εἰνώδιος, α, ον é, segundo o LSJ, um epíteto atribuído a divindades que tinham hermas instaladas na estradas e/ou encruzilhadas. Ao mesmo tempo, designa divindades que presidem caminhos, sendo atribuído sobretudo a Hermes e Hécate. No contexto do fragmento, parece haver certa associação entre essa Ártemis viária e a deusa Hécate, sobretudo se levarmos em conta o fr. 20a, segundo o qual Ifigênia é transformada na deusa.

<sup>99</sup>πατροφον[ν]ήα parece referir-se a Egisto. No LSJ, o adjetivo πατροφονεύς é exemplificado por *Od.* 1.299 (“após matar o **assassino do pai [πατροφονήα]**, Egisto”). Segundo HIRSCHBERGER (2004, p. 214), o adjetivo se aplica a alguém que, da perspectiva do vingador (Orestes, nesse caso), é o responsável pela morte de seu pai. Nesse contexto, embora se pudesse supor que esse responsável fosse Clitemnestra, a construção dos versos impossibilita essa leitura, já que ela é morta por Orestes no verso seguinte, introduzido pela partícula coordenativa δέ.

b) Philodemus *De pietate* B 8364-70 Obbink

Στη[σίχορο]ς δ' ἐν Ὀρεστεί[αι κατ]ακο-  
 Λουθήσας [ Ἡσιό]δοι τὴν Ἀγαμέ[μνονος Ἴ]φιγένειαν  
 εἶ[ναι τή]ν Ἑκάτην νῦν [ὀνομαζ]ομένην.

**Fr. 21 Most**

Schol. Pind. *Nem.* 10.150a. de Castore et Polluce

ὁ μὲν Ἡσιόδος ἀμφοτέρους Διὸς εἶναι γενεαλογεῖ . . . ὁ  
 μέντοι Ἡσιόδος οὔτε Λήδας οὔτε Νεμέσεως δίδωσι  
 τὴν Ἑλένην, ἀλλὰ θυγατρὸς Ὠκεανοῦ καὶ Διός.

b) Filodemo, *Da Piedade* B 8364-70 Obbink

Este[sícoro], na *Orestei*[a, conc]orda  
com [Hesí]do que a [filha de] Agamê[mnon, I]figênia,  
[é aquel]a que agora é [cham]ada de Hécate.

#### 1.2.4. Fr. 21 Most

Escólio a *Nemeia* 10.150a, de Píndaro, sobre Castor e Polideuces

Hesíodo faz uma genealogia na qual ambos provêm de Zeus . . .  
Contudo, Hesíodo não apresenta Helena como descendente  
nem de Leda nem de Nêmesis, mas de uma filha de Oceano e de Zeus.

## Liber V

### Fr. 154 Most

a) P. Berol. 9739 col. I

]της ἀγὸς ἀνδρῶν [αἰχμ]ητάων  
 ]ης πάντων ἀριδε[ίκετ]ος ἀνδρῶν·  
 ]ας τε καὶ ἔγχεϊ ὀξ[υόε]ντι·  
 ].ου λιπαρὴν πόλι[ν ε]ἵνεκα κούρης  
 5 ἦ εἶδος ἔχε χρυσεῆς Ἀφ[ροδί]της·  
 ]ν Χαρίτων ἀμαρ[ύγμ]ατ' ἔχουσαν·  
 ]Τυνδαρέου βασιλῆ]ος  
 ]ροισι δόμοις [.....] κυανῶπις·  
 ].....μεγε[..... ..].τ..[  
 10 ]κῶνσ[  
 ].[

(±23 *linhas faltando*)

b) P. Berol. 9739. col. II;

τοσσαύτας δὲ γυναῖκας ἀμύμονα ἔργ' εἰδυίας,  
 πάσας χρυσείας φιάλας ἐν χερσὶν ἐχούσας·  
 καὶ νῦ κε δὴ Κάστωρ τε καὶ ὁ κρατερός Πολυδεύκης  
 15 γαμβρὸν ποιήσαντο κατὰ κράτος, ἀλλ' Ἀγαμέμνων  
 γαμβρὸς ἐὼν ἐμνᾶτο κασιγνήτῳ Μενελάῳ.

———  
 υἱὸ δ' Ἀμφιαράου Ὀϊκλείδαο ἄνακτος  
 ἐξ Ἄργεος ἐμνῶντο μά[λ' ἐγ]γύθεν· ἀλλ' ἄρα καὶ τοὺς



### 1.3. Livro 5

#### 1.3.1. Fr. 154 Most – Catálogo de pretendentes de Helena: Parte 1

##### a) Papiro de Berlim

... líder dos homens [lanc]eiros  
 ... fam[os]o dentre todos os homens.  
 ... e com lança af[iad]a.  
 ... a brilhante cidad[e p]ela moça  
 5 que] possuía [a bele]za da áurea Af[rodi]te.  
 ... tinha o esplêndido olhar das Graças.  
 ... do rei Tíndaro  
 ... no palácio ... de olhos cobalto:  
 ...  
 10 ...  
 ...  
 ( $\pm 23$  linhas faltando)

##### b) Papiro de Berlim

tantas mulheres conhecedoras de impecáveis trabalhos,  
 todas tendo áureas taças nas mãos.  
 E eis que então Cástor e o potente Polideuces  
 15 cunhado o teriam tornado forçosamente, mas Agamêmnon,  
 cunhado deles, cortejou-a pelo irmão, Menelau.<sup>100</sup>

Os filhos do senhor Anfiarau, filho de Oiclíde,  
 cortejaram-na de Argos, mui[to] de [per]to, mas também contra eles

<sup>100</sup> Nesse verso e no anterior, cunhado diz respeito a dois personagens diferentes. O primeiro teria como referente o último herói mencionado nos fragmentários versos anteriores. Já o segundo diz respeito a Agamêmnon, que é cunhado dos dióscuros devido a seu casamento com Clitemnestra (cf. Hes. fr. 19 acima).

ᾧρσ]ε θεῶν [..... ..νέ]μεσίς τ' ἀ[νθρώπων  
 ....].θητ[

(±25 *linhas faltando*)

c) 1-11: P. Berol. 9739 col. III; 6-16: P. Oxy. 2491 fr.1;

20 ἀλλ' οὐκ ἦν ἀπάτης ἔργον παρὰ Τυνδαρίδηισιν.

—  
 ἐκ δ' Ἰθάκης ἐμνάτο Ὀδυσσεῖος ἱερὴ ἴς,  
 υἱὸς Λαέρταο πολύκροτα μήδεα εἰδώς.  
 δῶρα μὲν οὐ ποτ' ἔπεμπε τανισφύρου εἵνεκα κούρης·  
 ἦιδε γὰρ κατὰ θυμὸν ὅτι ξανθὸς Μενέλαος

25 νικήσει, κτήνῳ γὰρ Ἀχαιῶν φέρτατος ἦεν·  
 ἀγγελίην δ' αἰεὶ Λακεδαίμονάδε προΐαλλεν  
 Κάστορι θ' ἵπποδάμῳ καὶ ἀθλοφόρῳ Πολυδεύκει.

—  
 Αἰ]τωλῶν δ' ἐμνάτ[ο] Θόας [Ἀνδραίμο]νος υἱὸς  
 δί]ου Ἀρητιάδαο· δί[<δ>ου] δ' ἀπε[ρείσια ἔ]δνα,  
 30 πο]λλὰ μάλ' ἄργυφα μ[ἦλ]α καὶ [εἰλίποδας ἔλικ]α[ς] βοῦς·  
 ἦθ]ελε γὰρ .αμ[..... .]σε.[  
 ..].ωδαι[  
 ...]ασθη[  
 ...]σκα[  
 ....]ρο[

(±17 *linhas faltando*)

d) 1-11: P. Berol. 9739 col. IV; 7-21: P. Berol. 10560, 1-15 [204.1-15 MW]

[ἀγγελίην δ' αἰεὶ Λακεδαίμονάδε προΐαλλεν]

31 Κάστορι θ' ἵπποδάμῳ καὶ ἀθλοφόρῳ Πολυδεύκει,

se volt]ou [ a in]dignação dos deuses e dos [ho]mens

...

(±25 linhas faltando)

**c)** 1-11: Papiro de Berlin; 6-16: Papiro de Oxirrinco

20 mas não era malicioso o empenho junto aos Tindaridas.

—

De Ítaca, cortejou-a a sacra força de Odisseu,  
filho de Laertes, conhecedor de astutas artes.

Dons vez alguma enviou pela moça de belo tornozelo,  
pois sabia no peito que o louro Menelau

25 venceria, pois em poses era o melhor dos aqueus.

Uma mensagem sempre para a Lacedemônia enviava,  
para Cástor doma-cavalos e para o vitorioso Polideuces.

—

Dos [e]tólicos, cortej[ou]-a Tôade, filho de [Andrémon  
filho do [divo] Aretíade, e ofertava incontáveis dádivas<sup>101</sup>,

30 mui]tíssimas o[velha]s brancas e [trôpeg]o[s] bois.

Pois [alme]java ...

...

...

...

...

(±17 linhas faltando)

**d)** 1-11: Papiro de Berlim; 7-21: Papiro de Berlim

[mas uma mensagem sempre para a Lacedemônia enviava]

31 para Cástor doma-cavalos e para o vitorioso Polideuces,

---

<sup>101</sup> Segundo LYONS (2011, p. 499), a promoção de um casamento passa por um acordo entre o pai da noiva e seu pretendente, que oferece presentes a fim de conquistar a mão da noiva. Por essa razão, traduzo ἔδνα por dádiva, a fim de evitar os equívocos decorrentes do uso de “dote”, que implica um valor pago pelo pai da noiva pelo seu casamento, algo que Lyons afirma não ocorrer no mundo dos heróis, sobretudo no contexto da poesia homérica.

ἰμείρων Ἑλένης πόσις ἔμμεναι ἠυκόμοιο,  
εἰδῶς οὔτε ἰδῶν, ἀλλ' ἄλλων μῦθον ἀκούων.

—  
ἐκ Φυλάκης δ' ἐμνῶντο δὺ' ἀνέρες ἔξοχ' ἄριστοι,  
35 υἱός τ' Ἰφίκλοιο Ποδάρκης Φυλακίδαο  
ἠὺς τ' Ἀκτορίδης ὑπερήνωρ Πρωτεσίλαος·  
ἄμφω δ' ἀγγελίην Λακεδαίμονάδε προΐαλλον  
Τυνδαρέου π[οτ]ὶ δῶμα δαΐφρονος Οἰβαλίδαο,  
πολλὰ δ' ἔεδν[α δίδον,] μέγα γὰρ κλέος [ἔσκε γυ]ναικός,  
40 χαλκ[  
χρυσ[  
(±22 *linhas faltando*)

e) P. Berol. 9739 col. V

..... .]ρηη[ μάλα δ' ἤθελε — — —  
Ἀργείης Ἑλένης πόσις ἔμμενα[ι ἠυκόμοιο.  
—  
ἐκ δ' ἄρ' Ἀθηνέων μνάθ' υἱὸς Π[ετεῶο Μενεσθεύς,  
πολλὰ δ' ἔεδνα δίδου· κειμήλια γ[ὰρ μάλα πολλὰ  
45 ἔκτητο, χρυσόν τε λέβητάς τε τ[ε τρίποδάς τε,  
καλά, τά ῥ' ἔνδοθι κεῦθε δόμος Π[ε[τεῶο ἄνακτος·  
οἷς μιν θυμὸς ἀνῆκεν ἐεδνώσ[ασθαι ἄκοιτιν  
πλεῖστα πορόντ', ἐπεὶ ο[ὕ] τιν' ἐέλεπε[το φέρτερον εἶναι  
πάντων] ἠρώων κτήνεσσί τε δω[τίναις τε.  
50 .....]τείδαο δόμους κρατερὸς [  
..... . Ἑλένης]ς ἕνεκ' ἠυ[κόμοιο

desejando tornar-se esposo de Helena de bela coma,  
 não por conhecê-la ou tê-la visto, mas por ouvir história de outros.

—  
 De Fílace, cortejaram-na dois homens de excelente nobreza,  
 35 Pódarce, filho de Íficlo, o Filácida,  
 e o bravo filho de Actor, o másculo Protesilau:  
 ambos uma mensagem para a Lacedemônia enviavam,  
 à] casa de Tíndaro, o prudente Oibálida,  
 e [ofertavam] muitas dádiv[as], pois grande [era] a fama da [mu]lher,  
 40 bronz[ ...  
 áur[e ...

(±22 linhas faltando)

#### e) Papiro de Berlim

... [ e almejava muito ...  
 da argiva Helena [de bela coma] torn[ar-se] esposo.

—  
 De Atenas, cortejou-a o filho de P[eteu, Menesteu,  
 e muitas dádivas ofertava, p[ois muitíssimos] tesouros  
 45 possuía – ouro, caldeirões [e trípodes –,  
 belezas que eram mantidas na casa [do senhor] Pe[teu.  
 Essas o peito incitou-o a ofer[tar] como dádiva [pela esposa,  
 oferecendo o máximo, pois n[ão] espera[va] que outro herói  
 dentre todo]s [fosse melhor] em posses e of[ertas].  
 50 ... potente filho de ... a casa ...  
 ... por [Helena] de bela [coma

## Fr. 155 Most

P. Berol. 10560; 124: *Epim. Hom.* α 361 Dyck (cum apparatu); *Etymol. Gen.* s.v. ἡμύω καὶ ἡμυσεῖν; 128-31: P. Oxy. 2504

]..

]

].[.]κ[.]ς·

]

5 ]α

dessunt versus III

9 ]σ

dessunt versus V

15 ]σ

dessunt versus fere XXV

41 μνᾶτο· πλεῖστα δὲ δῶρα μετὰ ξανθὸν Μενέλαον  
μνηστήρων ἐδίδου· μάλα δ' ἤθελε ὄν κατὰ θυμὸν  
Ἄργεῖς Ἑλένης πόσις ἔμμεναι ἠυκόμοιο.

—

Αἴας δ' ἐκ Σαλαμῖνος ἀμώμητος πολεμιστῆς  
45 μνᾶτο· δίδου δ' ἄρα ἔδνα ἐ[ο]ικότα, θαυματὰ ἔργα·  
οἱ γὰρ ἔχον Τροιζῆνα καὶ ἀγ[χ]ίαλον Ἐπίδauρον  
νῆσόν τ' Αἴγιναν Μάσητά τε κοῦρο[ι] Ἀχαιῶν  
καὶ Μέγαρα σκιάεντα καὶ ὄφρυόντα Κόρινθον,  
Ἑρμιόνην Ἀσίνην τε παρέξ ἄλλα γαιεταώσας,  
50 τῶν ἔφατ' εἰλίποδάς τε βόας κ[α]ὶ [ἴ]φια μῆλα  
συνελάσας δώσειν· ἐκέκαστο γὰρ ἔγχεϊ μακρῶι.

—

αὐτὰρ ἀπ' Εὐβο[ί]ης Ἑλεφήνωρ ὄρχαμος ἀ[νδρ]ῶν  
Χαλκωδοντιάδης, μεγαθύμων [ἀ]ρχ[ός] Ἀ[β]ά[ν]των,  
μνᾶτο· πολλὰ δὲ δῶρα δίδ[ου]· μάλα[α] δ' ἤθελε θυ[μῶ]ι  
55 Ἄργεῖς Ἑλένης πόσις ἔμμενα[ι ἠ]υκ[ό]μο[ι]ο.

—

### 1.3.2. Fr. 155 Most – Catálogo de pretendentes de Helena: Parte 2

Papiro de Berlim; 124: *Epimerismi Homerici e Etymologicum Genuinum*; 128-31: Papiro de Oxirrinco.

...

...

...

...

5 ...

(3 versos faltando)

9 ...

(5 versos faltando)

15 ...

(25 versos faltando acima)

41 cortejou-a e, depois do louro Menelau, mais dons  
que os outros pretendentes ofertava: muito almejava em seu peito  
da argiva Helena de bela coma tornar-se esposo.

—

Ájax de Salamina, irrepreensível guerreiro,  
45 cortejou-a e ofertou dádiva s[i]milares, admiráveis obras:  
os que detinham Trezena, a li[t]orânea Epidauro,  
a ilha de Egina e também Mases – o[s] jovens[s] aqueus –,  
e a umbrosa Mégara, a altiva Corinto,  
e Hermione e Asine, junto ao mar situadas,  
50 desses ele disse que seus trôpegos bois [e vis]tosas ovelhas  
traria para ofertar, pois se distinguia na lança longa.

—

E de Eube[i]a Eléfenor, comandante de h[ome]ns,  
filho de Calcodonte, o [c]he[fe dos] valentes A[ba]n[os]  
cortejou-a e muitos dons ofert[ou]: muit[o] almejava [no] pei[to]  
55 da argiva Helena [de be]lla c[om]a torna[r]-se esposo.

—

- ἐκ Κρήτης δ' ἐμνάτο μέγα σθένος Ἴδομ[ενῆος  
 Δευκαλίδης, Μίνωος ἀγακλειτοῖο γενέ[θλης·  
 οὐδέ τινα μνηστῆρα μ[ε]τάγγελον ἄλλ[ον] ἔπεμψεν,  
 ἀλλ' αὐτὸς [σ]ὺν νηὶ πολυκλήϊδι μελαίνη[ι  
 60 βῆ ὑπὲρ Ὠγυλίου πόντου διὰ κῦμα κελαιγ[όν  
 Τυνδαρέου ποτὶ δῶμα δαΐφρονος, ὄφρα ἴδοιτο  
 Ἀ]ρ[γείην] Ἑλένην, μηδ' ἄλλων οἶον ἀκ[ούοι  
 μῦθον, ὅς] ἤδη πᾶσαν ἐπὶ [χθ]όνα δῖαν ἵκαν[εν  
 .....].φαστη Ζηνὸς μεγα.η..α[  
 65 ..... ]....ε· [(.)]εταδ[.....].[  
 ]..α[.].[.].[  
 ].φ[  
 ]ει  
 ]λησ  
 70 ]κα[.]τιν  
 ]εδε...  
 ]δα  
 ]εῖζ[.....].....ι  
 ]νε[.....]...ψων  
 75 ..... ]ι[..... ..]κα[.].(.)σ...βαθείηι  
 ..... ]ρο[.....]κ[.(.)]υ.(.) εἵνεκα κούρης  
 ..... ].ουτ[.]ελε[.]...γκασ[.]  
 πάν]τας δὲ μνηστῆρ[ας] ἀπ[ή]τεεν ὄρκια πιστά,  
 ὀ]μνύμεναί τ' ἐκέλευσ[ε] και [..]π.. ἀράσθαι  
 80 σπονδῆι, μή τιν' ἔτ' ἄλλον [ἄ]νευ ἕθεν ἄλλα πένεσθαι  
 ἀμφὶ γάμωι κούρης εὐ[ω]λ[ένο]υ· ὅς δέ κεν ἀνδρῶν  
 αὐτὸς ἔλοιτο βίηι, νέμεσίν τ' ἀπ[ο]θεῖτο καὶ αἰδῶ,  
 τὸν μετὰ πάντας ἄνωγεν ἀολλέας ὀρμηθῆνα[ι  
 ποιήν τεισομένους. τοὶ δ' ἀπτερέως ἐπίθον[το  
 85 ἐλπόμενοι τελείειν πάντες γάμον· ἀλλ' ἄ]ρα πάντας  
 Ἄτρε[ίδ]ης υ[ί]κησε]ν ἀρηΐφιλος Μενέλαος  
 πλεῖ[στ]α πορών. Χείρων δ' ἐν Πηλίοιι ὑλήεντι  
 Πηλείδην ἐκόμιζε πόδας ταχύν, ἕξοχον ἀνδρῶν,



De Creta, cortejou-a o vigoroso Idom[eneu,  
 filho de Deucalião, descen[dente] do célebre Minos:  
 nenhum out[ro] m[e]nsageiro [enviou] como pretendente,  
 mas ele mesmo [c]om nau negr[a] de muitos bancos  
 60 foi, sobre o mar Ogílio por onda escu[ra,  
 à casa do prudente Tíndaro, a fi[m de ver  
 a a]r[giva] Helena e não de outro ou[vir] tal  
 história, que] já sobre toda a [te]rra divina chega[va  
 ... a de Zeus grande ...  
 65 ...  
 ...  
 ...  
 ...  
 70 ...  
 ...  
 ...  
 ...  
 75 ... profund  
 ... por causa da moça  
 ...  
 de [to]dos os pretendente[es] ex[ig]ia juramento leal,  
 que [j]urassem ele ordenav[a] e que ... fizessem votos  
 80 com libação de que ninguém [s]enão ele se ocuparia  
 das bodas da moça d[e] belos [b]r[ã]os: qualquer homem  
 que a tomasse à força e que indignação negl[i]genciasse e respeito,  
 a esse ele mandaria que todos juntos perseguisse[m  
 para pena infligir. E eles rápido obedecer[am,  
 85 todos na expectativa de granjear a boda. Mas e[ntão a todos  
 o Atr[id]a v[ence]u, o dileto de Ares, Menelau,  
 por ofertar ma[is]. Quíron, na pélia floresta,  
 do Pelida cuidava, o de pés ligeiros, excelente entre os homens,

- παῖδ' ἔτ' ἐόν[τ'] οὐ γάρ μιν ἀρηϊφίλος Μενέλαος  
 90 νίκησ' οὐδέ τις ἄλλος ἐπιχθονίων ἀνθρώπων  
 μνηστεύων Ἑλένην, εἴ μιν κίχῃ παρθένον οὔσαν  
 οἴκαδε νοστήσας ἐκ Πηλίου ὠκύς Ἀχιλλεύς.  
 ἀλλ' ἄρα τὴν πρὶν γ' ἔσχεν ἀρηϊφίλος Μενέλαος·  
 ἢ τέκεν Ἑρμιόνην καλλίσφυρ[ο]ν ἐν μεγάροισιν  
 95 ἄελπτον. πάντες δὲ θεοὶ δίχα θυμὸν ἔθεντο  
 ἐξ ἔριδος· δὴ γὰρ τότε μήδετο θέσκελα ἔργα  
 Ζεὺς ὑψιβρεμέτης, μεῖξαι κατ' ἀπίρονα γαῖαν  
 τυρβάξας, ἦδη δὲ γένος μερόπων ἀνθρώπων  
 πολλὸν αἰστῶσαι σπεῦδε, πρ[ό]φασιν μὲν ὀλέσθαι  
 100 ψυχὰς ἡμιθέω[ν ..... ..]οῖσι βροτοῖσι  
 τέκνα θεῶν μι[...].[..]ο.[ὀφ]θαλμοῖσιν ὀρῶντα,  
 ἀλλ' οἱ μ[ἐ]ν μάκ[α]ρες κ[.....]ν ὧς τὸ πάρος περ  
 χωρὶς ἀπ' ἀν[θ]ρώπων[ βίον κα]ῖ ἦθε' ἔχουσιν  
 τῶ[ι θ]ῆ[κ'] {ε} ἀθα]νάτω[ν τε ιδέ] θνητῶν ἀνθρώπων  
 105 ἀργαλέον πόλεμον· τοῖς μὲν τ]εῦχ' ἄλγος ἐπ' ἄλγει{ν}  
 Ζεὺς                   ]κ[.].ε. ἔκερσε  
 ο[                         ]ερζει  
                               ἐ]πὶ μαστῶι  
                               ]α [μη]δέ τις ἀν[δ]ρῶν  
 110 ..... .. νηῶν δέ] μελαινάων ἐπιβαίη·  
 ..... .. β]ίηφί τε φέρτατος εἶναι  
 ..... .. ]ε καταθνητῶν ἀνθρώπων  
 ..... .. ἔ]στι καὶ ὀπόσα μέλ<λ>ει ἔσεσθαι  
 ..... .. ]α μήδεται ἠδὲ γεραίρει  
 115 ..... .. ]Διὸς νεφεληγερέταο  
 .....].ι[.].α..υ(·)η.....φράσσασθαι ἔμελλεν  
 οὔτε θ]εῶ[ν] μακάρων οὔτε θνητῶν ἀνθρώπων·

infante ainda: não o teria o dileto de Ares, Menelau,  
 90 vencido, nem qualquer outro dos homens na terra  
 que cortejavam Helena, se ele a conquistasse enquanto donzela  
 ao voltar do Pélio para casa, o célere Aquiles.  
 Mas antes a obteve o dileto de Ares, Menelau.  
 Ela gerou Hermione de belo tornoz[e]lo no palácio,  
 95 inesperada.<sup>102</sup> Todos os deuses o peito dividido tinham  
 pela discórdia, pois então tramava assombrosos feitos  
 Zeus troveja-alto, suscitar sobre a imensurável terra  
 adversidade, e a linhagem dos falantes<sup>103</sup> homens,  
 numerosa, já ansiava obliterar como r[a]zão<sup>104</sup> para destruir  
 100 a vida dos semideuse[s            ] para os mortais  
 prole dos deuses ... com os [o]lhos vendo,  
 mas os ventur[o]sos ... , como outrora,  
 apartados dos h[o]mens, [vida e] morada teriam;  
 ass[im e]s[tabeleceu] para [imo]rtai[s e] homens mortais  
 105 árdua guerra: para uns], pesar sobre pesa[r c]ausou  
           Zeu[s                    ] ... devastou  
   ...  
   ... so]bre o seio ...  
   ... [n]em algum dos ho[m]ens  
 110 ... e nas naus] negras embarcou:  
   ...e na [f]orça ser o melhor  
   ... homens mortais  
   ... e]ram e tantas quantas estavam pre[s]tes a ser  
   ... tramava e honrava  
 115 ... de Zeus junta-nuens  
   ... estava prestes a declarar  
   nenhum d]eu[s] venturoso nem homem mortal;

<sup>102</sup> Cf. discussão no capítulo 3.1.

<sup>103</sup> μερόπων, traduzido aqui por “falantes”, é um adjetivo cuja etimologia e sentido são incertos. Segundo CHANTRAINE (1968, p. 687), ele é claramente utilizado formularmente em Homero (da mesma forma que ocorre aqui, adjetivando ἀνθρώπων), mas também para se referir aos descendentes do herói Mérops e também a um pássaro de mesmo nome, de onde a indefinição etimológica.

<sup>104</sup> Cf. discussão no capítulo 3.1.

- καὶ πολλὰς Ἄϊδη κεφαλὰς ἀπὸ χαλκὸν ἰάψ[ει]ν  
ἀνδρῶν ἠρώων ἐν δηϊότητι πεσόντων·
- 120 ἄλλ' οὐ πώ ποτε πατρὸς ἐπισηθάνετο φρενὸς[ς] ὄρμη[ς]  
ἀλλὰ ἄτε κῆρ' ἀλεείνοντες σφετέροισι τέκεσσι  
τέρποντ' ἄνθρωποι, πρᾶπίδων δ' ἐπετέρπετ' ἐρωῆι  
πατρὸς ἐρισθεν<έ>ος, μεγάλ' ἀνδράσι μηδομένοιο.  
πολλὰ δ' ἀπὸ γλωθρῶν δενδρέων ἀμύοντα χαμᾶζε
- 125 χεύετο καλὰ πέτηλα, ῥέεσκε δὲ καρπὸς ἔραζε  
πνείοντος Βορέας περιζαμενὲς Διὸς αἴσηι,  
οἴδεσκεν δὲ θάλασσα, τρόμ[ε]εσκε δὲ πάντ' ἀπὸ τοῖο,  
τρύχεσκεν δὲ μένος βρότεον, μινύθεσκε δὲ καρπός,  
ῶρη ἐν εἰαρινῆι, ὅτε τ' ἄτριχος οὔρεσι τίκτει
- 130 γαί[η]ς ἐν κευθμῶνι τρίτῳ ἔτει τρία τέκνα.  
ἦρο[ς] μὲν κατ' ὄρος καὶ ἀνὰ δρυμ[ν]ὰ πυκνὰ καὶ ὕλην  
εἴσι]ν ἀ[λυσ]κάζων καὶ ἀπ[ε]χθαίρων πάτον ἀνδρῶν  
ἄγκεα καὶ κνημοὺς κατα[  
χειμῶνος δ' ἐπιόντος ὑπὸ .[
- 135 κεῖται πόλλ' ἐπιεσσάμενος ε[  
ἀλλά μιν ὑβριστήν τε καὶ [ἄγριον  
δεινὸς ὄφις κατὰ νῶτα δα[φοιν-  
κῆλα Διὸς δαμναῖ φῆ λυ.[  
ψυχὴ τοῦ [γ]' οἴη καταλείπε[ται
- 140 ἦ δ' ἀμφ' αὐτόχυτον θαλαμ[  
ἠβαιήν ελ[.]ειρα κατὰ χθ[ονός  
εἴσιν ἀμαυρωθεῖσ[.]ποθε[  
κεῖται δεχ[

- e m]uitas cabeças ao Hades o bronze enviar[ia,  
de [ho]mens heróis em batalha tombados,  
120 mas ainda então não percebera o impuls[o] da ment[e] paterna<sup>105</sup>;  
p]orém, assim como, ao evitar a ruína para seus rebentos,  
se [d]eleitam os homens, regozijava-se com o ímpeto da mente  
do poderoso [pa]i, que grandiosidades para os homens tramava.  
Muitas elevadas árvores, curvando-se em direção ao solo,  
125 vertiam belas folhas, tombava o fruto na terra,  
quando Bóreas [s]oprava, violento, por decreto de Zeus,  
a]volumava-se o mar e tudo tremia por causa do vento,  
esgotava-se a força humana e minguava o fruto  
na primavera, quando a sem-pelos<sup>106</sup> gerou nas montanhas,  
130 numa gruta [d]a [t]erra, no terceiro ano, três crias.  
Na primaver]a, então, sob a montanha e pelos bosques estreitos e florestas  
i]a, e[squ]ivan[do-se] e ab[o]minando as vias dos homens  
por vales e encostas ...  
Com a chegada do inverno, debaixo ...  
135 jaz, depois de com muitas se revestir ...  
mas ao que é violento e [selvagem ...  
a terrível serpente nas costas rub[r ...  
os dardos de Zeus domam como ...  
apenas a vida dela res[tou ...  
140 em torno da toc[a] que ela mesma verteu ...  
à pequena ( ) na te[r]ra ...  
vai depois de escurecid[ ...  
jaz ...

<sup>105</sup> Os fragmentos supérstites não deixam claro que personagem seria o sujeito desse verso. Alguns editores, como HIRSCHBERGER (2004, p. 420) e também MOST (2007, p. 235), sugerem a possibilidade de que seja Apolo. GONZÁLES (2010, pp. 319-402), no entanto, embora reconheça a possibilidade de que se trata de um deus, cuja identidade não é possível reconhecer, defende que é mais provável que se trate de um mortal que falha em apreender as reais intenções de Zeus e se apraz naquilo que acha saber, por exemplo, um dos líderes de algum dos lados da Guerra de Troia, que pensa estar sendo favorecido pelo deus, mas que de fato sofrerá pelos desígnios do deus. Que Zeus seja referido aqui por “pai” não implica necessariamente que o sujeito seja um filho seu, já que em diversos momentos o deus é referido por “pai de deuses e homens”.

<sup>106</sup> HIRSCHBERGER (2004, p. 422) sugere que se trate de uma cobra, e MOST (2007, p. 237) parece seguir a mesma hipótese. Conforme ela reporta, alguns críticos sugerem que o ciclo de vida da cobra narrado na sequência seja análogo ao fim da linhagem dos heróis que, após acabar, terá uma nova vida na Ilha dos Venturosos. Um outro animal sugerido pela crítica, conforme reporta Hirschberger, é uma leoa.

- Ἔρραι τεκ..[  
 145 τέρψηι δ' ἀ[νθρώπους  
 αὔτις ἐπι[  
 γαίης τε[  
 ἔνθεν α[  
 θηλξιερ[  
 150 ἐς φῶς· ο[  
 φράζετα[ι  
 ἔρχετ[αι  
 ἦπια τη[  
 γαίη ωσ[  
 155 πότμο[  
 ἰᾶσθαι[  
 οἱ δ' ἄν ἰω[  
 νούσων[  
 ἀλλὰ τα[  
 160 τηλεθο[ω-  
 τοῖσι δε[  
 τρὶς τοῖ[  
 ἐπλη[.].[  
 εἴσιν δ[  
 165 φῦλον [  
 δ[  
 (4 versos faltando)  
 171 α[  
 υ[  
 θ[  
 φα[  
 175 εἴν[  
 ζώε[σκ-  
 νοσφ[  
 κηρ[  
 καὶ γα[  
 180 ἀγρο[

as Estações ger[am ...  
 145 deleite a[os homens ...  
 de novo ...  
 da terra ...  
 de onde ...  
 fêmea ...  
 150 à luz: ...  
 declar[a ...  
 va[i ...  
 gentil ...  
 terra ...  
 155 destin[ ...  
 curar ...  
 eles ...  
 das pestes ...  
 mas ...  
 160 ...  
 para eles ...  
 três ...  
 ...  
 vai ...  
 165 tribo ...  
 ...  
 (4 versos faltando)  
 171 ...  
 ...  
 ...  
 ...  
 175 ...  
 ...  
 ...  
 ...  
 ...  
 180 ...

**Fr. 156 Most**

Schol. bT Hom. *Il.* 19.240

Κρής ὁ Λυκομήδης, ὡς φησιν Ἡσίοδος καταλέγων  
τοὺς μνηστῆρας Ἑλένης.



### 1.3.3. Fr. 156 Most

Escólio à *Il.* 19.240

De Creta vinha Licomedes, segundo Hesíodo no catálogo de pretendentes de Helena.

## 2. A LINHAGEM DOS HERÓIS NA TRADIÇÃO HESIÓDICA

Não é tarefa fácil circunscrever o que seja a figura do ἥρωας, termo geralmente traduzido por herói, mas que abarca uma série de funções, dentre as quais a de guerreiro. Sua representação na poesia hexamétrica grega arcaica não só pode implicar distinções de tradição para tradição, como também tangenciar questões históricas, políticas e religiosas com maior ou menor grau de complexidade. Como bem nota Gregory Nagy, o termo “herói” resiste “a generalizações, especialmente as universalizantes”.<sup>107</sup> Assim sendo, busco analisar, no presente capítulo, a caracterização hesiódica do que seja o ἥρωας, a fim de entender sobretudo o que o poeta chama de “linhagem dos heróis”.<sup>108</sup> Para isso, sigo uma leitura cronológica quanto aos conteúdos dos poemas hesiódicos no que tange ao que Barbara Graziosi e Johannes Haubold chamam de “história do cosmo”.<sup>109</sup> Dessa forma, parto da análise da *Teogonia*, passando pelo *Catálogo das Mulheres*, até terminar com *Trabalhos e Dias*. Juntas, essas obras não só abarcam a história do cosmo como também apresentam perspectivas diferentes acerca do seu desenvolvimento: conforme defende Jenny Strauss Clay, enquanto a *Teogonia* apresenta a perspectiva dos deuses acerca do universo, *Trabalhos e Dias* apresenta a dos homens, e entre ambas situa-se o *Catálogo*, cuja perspectiva é a dos heróis.<sup>110</sup>

### 2.1. Teogonia

Gregory Nagy, em *O herói épico*, define os heróis como “mortais de um passado remoto, homens ou mulheres, que são dotados de poderes sobre-humanos porque eles são descendentes dos próprios deuses”.<sup>111</sup> Embora tenhamos notícia de cultos heroicos dedicados a mulheres,<sup>112</sup> no contexto da poesia hexamétrica arcaica o que prevalece é a figura masculina, que – conforme enfatizam Graziosi & Haubold – é a única a ser caracterizada pelo qualificativo ἥρωας.<sup>113</sup> Nesse ponto, conforme afirma Camila Zanon, ἥρωας designa não somente os descendentes dos deuses,

<sup>107</sup> NAGY (2017, p. 9).

<sup>108</sup> Hes. *Op.* 159-160: ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἱ καλέονται/ ἡμίθεοι (“a divina linhagem de varões heróis, esses chamados semideuses”).

<sup>109</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 8): “Defendemos que, juntos, esses dois poetas [Homero e Hesíodo] representam as maiores autoridades acerca dos deuses, do passado heroico e do conjunto global da *história do cosmos*, desde o tempo em que Terra emergiu do Abismo até o mundo da forma como ele é hoje”.

<sup>110</sup> Cf. CLAY (2003, pp. 1-2 e 166).

<sup>111</sup> NAGY (2017, p. 49).

<sup>112</sup> Cf. TSAGALIS (2009, p. 171) e WEST (1997, p. 418).

<sup>113</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 99).

mas também os guerreiros “em uma época da história do cosmo em que os homens eram considerados superiores”.<sup>114</sup>

Na *Teogonia*, a narrativa acerca daqueles que *a priori* poderíamos considerar heróis, já que frutos do envolvimento entre deuses e mortais, conforme proposto por Nagy, tem início alguns versos depois do fim do catálogo de esposas divinas de Zeus (*Th.* 881-923). O primeiro deles seria Dioniso, fruto do envolvimento entre Sêmele e Zeus (*Th.* 940-2). Ele, contudo, não é caracterizado como herói, não só por não ser qualificado como tal, mas também pelo fato de Hesíodo marcar essa passagem pela afirmação de que “ambos [Dioniso e Sêmele] agora são deuses”.<sup>115</sup> Em sua edição comentada da *Teogonia*, Martin West reporta a tradicionalidade da ideia que subjaz a esse verso, segundo a qual a própria fulminação sofrida por Sêmele é a causa de sua apoteose e também da de Dioniso, algo que segue “a crença de que aquilo que é atingido por um relâmpago torna-se sacro e imperecível, não sendo destruído, mas levado a uma forma de existência superior”.<sup>116</sup> Sendo assim, ainda que fruto do envolvimento de um deus com uma mortal, Dioniso é deus e não herói devido às circunstâncias de seu nascimento.

Na sequência, quem tem seu nascimento relatado não é ninguém menos que Hércules, fruto do enlace entre Zeus e Alcmena (*Th.* 943-4), que Nagy considera como epítome do herói enquanto ἡμίθεος (semideus), sobretudo pela história segundo a qual Hera, a grande antagonista de Hércules, o teria adotado como filho, encenando o seu renascimento entre os deuses, após o herói ser fulminado pelo relâmpago de Zeus.<sup>117</sup> Embora tal narrativa não seja hesiódica, o que ela apresenta é, mais do que a intervenção do deus, a necessidade de que, para ser deificado, o herói morra, algo que Nagy enfatiza: “o herói pode ser *imortalizado*, porém o fato fundamentalmente penoso persiste: o herói não é *imortal* por natureza”.<sup>118</sup>

Assim como Dioniso, Hércules também não é referido como herói por Hesíodo, ainda que seja um dos mais renomados heróis gregos. Não é claro o motivo para tal. West comenta essa passagem afirmando que o culto heroico ao filho de Zeus é mais antigo que o divino, ainda que fontes como Pausânias indiquem a anterioridade deste em relação àquele.<sup>119</sup> Johannes Haubold, por sua vez, nota que a representação de Hércules na *Teogonia* é apresentada em um *continuum* que, embora relate tardiamente o nascimento do herói, culminará na “sua apoteose após o fim de seus trabalhos”, o que é indicado pelas núpcias entre ele e Hebe.<sup>120</sup>

<sup>114</sup> ZANON (2018, p. 249).

<sup>115</sup> Hes. *Th.* 943: νῦν δ' ἀμφοτέρω θεοί εἰσιν.

<sup>116</sup> WEST (1997, p. 416).

<sup>117</sup> Cf. NAGY (2017, p. 52), que parte do relato de Diodoro Sículo (3.38.3-39.3) acerca do mito de Hércules.

<sup>118</sup> NAGY (2017, p. 53); grifos no original.

<sup>119</sup> Cf. WEST (1997, p. 417).

<sup>120</sup> Cf. HAULBOLD (2005, pp. 92-93).

Nesse sentido, talvez pese aqui não só a sequência narrativa do poema, mas também a perspectiva divina que o permeia e mesmo o momento da composição, algo que se dá em torno do século VII e VI a.C., no qual Hércules talvez já detivesse o estatuto de deus difundido em algumas comunidades,<sup>121</sup> algo para que também o próêmio do *Catálogo* apontaria, já que o filho de Zeus e Alcmena consta na lista de deuses com os quais as mulheres se deitaram.<sup>122</sup>

Essa hipótese de que Hércules detenha o estatuto de deus se reforça se tivermos em mente que, após a linhagem de Hélios (*Th.* 956-62), uma nova invocação às Musas é feita por Hesíodo, a fim de que elas cantem “a tribo das deusas [...] / tantas quantas junto a varões mortais deitaram e, imortais, geraram filhos semelhantes a deuses”,<sup>123</sup> de modo que a categoria dos heróis, ao menos conforme proposta por Nagy, começa a vigorar explicitamente no poema a partir desse ponto. Ainda assim, nem nessa invocação, nem nas linhagens narradas na sequência, os quinze homens que são fruto do enlace das deusas com mortais são nomeados ἥρωες. Contrariamente, esse qualificativo é atribuído apenas a dois dos homens com os quais deusas se deitam, Iásion, amante de Deméter, e Anquises, amante de Afrodite:

(A) Δημήτηρ μὲν Πλοῦτον ἐγένετο διὰ θεάων, Ἴασίῳ ἥρωι μινγεῖσ' ἐρατῆ φιλότῃτι νειῶ ἔνι τριπόλῳ, Κρήτης ἐν πίονι δήμῳ [...]	970
Deméter a Pluto gerou, diva entre as deusas, unida ao herói Iásion em desejável amor, em pousio com três sulcos, na fértil região de Creta [...]	970
(B) Αἰνείαν δ' ἄρ' ἔτικτεν ἐυστέφανος Κυθήρεια, Ἀγχίση ἥρωι μινγεῖσ' ἐρατῆ φιλότῃτι Ἴδης ἐν κορυφῆσι πολυπτύχου ἠνεμοέσσης.	1010
E a Eneias pariu Citereia bela-coroa, após ao herói Anquises se unir em desejável amor nos picos do ventoso Ida muito-vale.	1010

Não é claro o motivo desse uso restrito. Em um primeiro momento, poder-se-ia supor que subjaza a ambos os personagens um caráter religioso: por um lado, como aponta West, o enlace mítico entre Iásion e Deméter corresponde a um rito agrário, de modo que o nascimento

<sup>121</sup> Segundo WEST (1997, p. 417), no contexto ateniense, por exemplo, o culto de Hércules como deus parece ter despontado no começo do século VI a.C., e sua apoteose acompanhada por Atena era um dos temas favoritos nas pinturas de vasos áticos.

<sup>122</sup> “A linhagem] delas dissei-m[e e também sua esplêndida prole, / todas com que]m se deit[ou o pai de homens e de deuses / [...] e com quais] a força [de] Hércules”. (*Hes.* fr. 1.14-15,22).

<sup>123</sup> *Hes. Th.* 965; 967-8: θεάων φύλλον [...] / ὅσσα δὴ θνητοῖσι παρ' ἀνδράσιν εὐνηθεῖσαι / ἀθάναται γείναντο θεοῖς ἐπιείκελα τέκνα.

de Pluto como fruto dessa união assume um caráter teológico;<sup>124</sup> por outro lado, ainda que o fruto do enlace entre Anquises e Afrodite não seja senão um herói fundador, se levarmos em conta a narrativa apresentada pelo *Hino Homérico V, a Afrodite* – ao qual West remete<sup>125</sup> – talvez fosse possível pensar que estivesse na perspectiva hesiódica o caráter oriental da relação entre os dois, isto é, o casal Anquises-Afrodite remeteria a casais orientais divinos como Atis e Cibele, algo reiteradamente apontado pelos comentadores.<sup>126</sup>

No entanto, além de concordar com Adrian Kelly que a perspectiva orientalista não só é especulativa como também pressupõe uma grande erudição do poeta e de seu público acerca de “narrativas gregas e não gregas”<sup>127</sup> – e embora grande parte das progênes mencionadas nesse catálogo de amantes das deusas seja de homens que exercem as funções de rei, fundador e guerreiro, como demonstrarei adiante – ainda resta a ambígua figura de Faéton (*Th.* 987), que, segundo o poeta, Aurora gerou para Céfalos:

αὐτὰρ τοὶ Κεφάλῳ φιλύσατο φαίδιμον υἱόν,  
ἴφθιμον **Φαέθοντα**, θεοῖς ἐπιείκελον ἄνδρα·  
τόν ῥα νέον τέρεν ἄνθος ἔχοντ' ἐρικυδέος ἧβης  
παῖδ' ἄταλά φρονέοντα **φιλομειδῆς Ἀφροδίτη**  
ᾧρτ' ἀνερειαμένη, καὶ μιν ζαθέοις ἐνὶ νηοῖς  
νηπόλον μύχιον **ποιήσατο, δαίμονα δῖον.** 990

E para Céfalos gerou um filho insigne,  
o altivo **Faéton**, varão semelhante a deuses;  
ao jovem na suave flor da majestosa juventude,  
garoto imaturo, **Afrodite ama-sorriso**  
lançou-se e carregou, e de seus templos numinosos 990  
**fez dele** o servo bem no fundo, **divo espírito.**

O que está em jogo acerca da figura de Faéton é que ele, assim como Dioniso e Hércules, se torna um ser divino, ainda que não propriamente um deus, mas um δαίμων,<sup>128</sup> pela intervenção de uma divindade, Afrodite no caso. West argumenta que a ideia da deificação de Faéton “provavelmente reflete a prática de sepultar o sacerdote-rei no templo da sua divindade, onde ele é cultuado como herói”.<sup>129</sup> Se assim é, ele de fato pertence ao domínio do culto, de forma que se torna inválida a ideia de que o uso de ἥρωας, que é explícito na referência aos

<sup>124</sup> Cf. WEST (1997, p. 423).

<sup>125</sup> Cf. WEST (1997, p. 433).

<sup>126</sup> Cf. ROSE (1924, p. 13) e, mais recente, FAULKNER (2008, p. 248).

<sup>127</sup> Cf. KELLY (2010, p. 6).

<sup>128</sup> Pensado à luz de Hes. *Op.* 122, conforme destaca CLAY (2011, p. 192), δαίμων diz respeito a uma categoria de seres subordinada aos deuses, diferindo assim da concepção homérica, que entende δαίμων como equivalente genérico de uma divindade, isto é, um deus cuja ação é percebida pelos mortais, mas que não tem sua identidade apreendida por eles.

<sup>129</sup> WEST (1997, p. 428).

amantes de Deméter e Afrodite, remeta diretamente ao âmbito cultural, uma vez que não se aplica sistematicamente a figuras divinas.

Dessa forma, excluída a possibilidade de que ἥρωες atribua caráter religioso àqueles a quem qualifica, parece-me possível considerar que o uso do termo esteja subordinado sobretudo a questões de composição do poema. Se observarmos novamente as passagens acima que falam de Iásion e Anquises, veremos que os versos em que consta ἥρωες são sempre no dativo e, com exceção do nome dos heróis, idênticos e, portanto, formulares: a) Ἰασίῳ ἥρωι μυγεῖσ' ἐρατῇ φιλότῃτι; b) Ἀγχίση ἥρωι μυγεῖσ' ἐρατῇ φιλότῃτι.

Se não podemos, então, distinguir os heróis pelo uso do termo ἥρωες, como caracterizá-los? O caminho mais efetivo me parece ser olhar novamente para a invocação às Musas que principia esse catálogo e também para os versos que o encerram, assim como para a caracterização dos outros homens que o integram.

Nessa invocação, o poeta solicita que:

νῦν δὲ θεάων φῶλον ἀείσατε, ἠδυνέπειαι 965  
Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο,  
**ὄσσαι δὴ θνητοῖσι παρ' ἀνδράσιν εὐνηθεῖσαι**  
**ἀθάναται γείναντο θεοῖς ἐπιείκελα τέκνα.**

agora a tribo das **deusas** cantai, doce-palavra 965  
Musas do Olimpo, filhas de Zeus porta-égide,  
**tantas quantas junto a varões mortais deitaram**  
**e, imortais, geraram filhos semelhantes a deuses.**

Por meio dela, o poeta não só anuncia um novo relato como também caracteriza o que sejam os heróis: eles descendem das “deusas” (*Th.* 965) que “junto a varões mortais deitaram” (*Th.* 967) e que, sendo elas “imortais” (*Th.* 968), “geraram filhos *semelhantes a deuses*” (*Th.* 967). É importante aqui a construção θεοῖς ἐπιείκελα: ela marca ao mesmo tempo certa proximidade, mas também a distância entre os deuses e esses seres. Os heróis são “semelhantes”, parecidos com os deuses, mas não são de forma alguma seus iguais. Nesse sentido, Nagy enfatiza mesmo que “não importa quantos imortais se podem encontrar numa ‘árvore genealógica’ heroica: a intromissão de mesmo um único mortal fará com que todos os descendentes sucessivos sejam mortais”.<sup>130</sup> Dessa forma, ainda que não haja na *Teogonia* menção à morte dos heróis – algo que será assunto tanto do *Catálogo* quanto de *Trabalhos e Dias* –, subjaz a perspectiva da grande diferença entre eles e os deuses.

<sup>130</sup> NAGY (2017, p. 50).

Os versos que encerram o catálogo de heróis, formando uma estrutura anelar com a invocação, não fazem senão repetir que “essas [deusas] junto a varões mortais deitaram e, imortais, geraram filhos semelhantes a deuses”,<sup>131</sup> reiterando assim o que se viu acima.

Contudo, ao mesmo tempo que caracterizam os heróis como fruto do enlace entre deusas e homens, tanto a invocação quanto os versos finais também levantam a questão acerca da natureza dos “varões mortais” com os quais as deusas se deitaram: são também eles heróis nos mesmos termos que seus filhos? A fim, então, de responder a essa questão, parto da análise da apresentação dos amantes das deusas para só depois me voltar aos filhos gerados desses enlaces. Deixo de lado, no entanto, Iásion, Pluto, Anquises, Eneias e Faéton, sobre os quais já discuti anteriormente.

Dos oito amantes das deusas, quatro não são caracterizados por Hesíodo para além da prole que geram: Títono (984), Céfalos (986), Éaco (1005) e Peleu (1006).

Acerca de Títono sabemos que era irmão de Príamo e filho de Laomedonte,<sup>132</sup> e que, se tornando amante de Aurora, viveu entre os deuses como imortal,<sup>133</sup> porém envelheceu, porque a deusa se esquecera de pedir a Zeus que o tornasse também sem-velhice, e foi apartado dos demais. Sua mãe não figura na poesia hexamétrica arcaica, mas Pseudo-Apolodoro diz que ela é Estrimo, filha de Escamandro, o deus-rio.<sup>134</sup> Pierre Grimal, em seu *Dicionário da mitologia grega e romana*, reporta uma versão segundo a qual ele seria filho de Aurora e Céfalos.<sup>135</sup> Em ambos os casos, sua mãe seria uma deusa e seu pai, um mortal.

Voltando-nos para Céfalos, nem seu pai nem sua mãe são atestados na poesia hexamétrica arcaica. Pseudo-Apolodoro atesta dois Céfalos: o primeiro deles seria filho de Dêion e de Diomedes,<sup>136</sup> ambos mortais, embora Diomedes seja filha de Xuto e neta da ninfa Orseida;<sup>137</sup> o outro é filho de Hermes e Herse, filha de Cécrops.<sup>138</sup> Ambos os Céfalos foram amantes de Aurora,<sup>139</sup> no entanto, do primeiro a deusa não teria gerado filho algum,<sup>140</sup> enquanto do segundo ela teria dado à luz Títono e este teria gerado Faéton. Nenhum dos dois converge integralmente com o Céfalos hesiódico. No entanto, o filho de Hermes e Herse, uma vez que é

---

<sup>131</sup> Hes. *Th.* 1019-1020.

<sup>132</sup> Cf., conforme reporta WEST (1997, p. 426), *Il.* 20.237.

<sup>133</sup> Cf. *Il.* 11.1 e *Od.* 5.1, versos nos quais figura como amante da deusa; cf. também *h. Ven.* 218-238, onde é narrado o rapto do mortal engendrado pela deusa e seu processo incompleto de deificação.

<sup>134</sup> Cf. *Bibl.* 3.12.3.

<sup>135</sup> Cf. GRIMAL (2014, p. 453).

<sup>136</sup> Cf. *Bibl.* 1.9.4.

<sup>137</sup> Cf. *Bibl.* 1.7.3.

<sup>138</sup> Cf. *Bibl.* 3.14.3.

<sup>139</sup> Cf. *Bibl.* 1.9.4. e 3.14.3.

<sup>140</sup> Cf. *Bibl.* 1.9.4.

antepassado de Faéton, parece mais próximo daquele. De todo modo, em algum grau, ambos descendem da união entre uma divindade e um mortal.

No que tange a Éaco, segundo West, ele é o primeiro rei de Egina.<sup>141</sup> Consta na *Ilíada* que ele é filho de Zeus,<sup>142</sup> e na *Odisseia*, que é antepassado de Aquiles.<sup>143</sup> Um fragmento do *Catálogo* diz que sua mãe é Egina.<sup>144</sup> Segundo Pseudo-Apolodoro, ela é filha de Ásopo, também um deus-rio, e Métope, filha do deus-rio Ládon.<sup>145</sup> Não é claro se Métope é mortal ou imortal. Grimal reporta que sua mãe seria Estinfálide,<sup>146</sup> uma figura obscura de genealogia difícil de rastrear. Dessa forma, Éaco resiste à verificação de sua mortalidade e de sua origem parcialmente mortal ou inteiramente divina (se considerarmos que as filhas de deuses-rios sejam sempre imortais).

Por fim, dentre os quatro que não são caracterizados para além de sua prole, temos Peleu, que West reporta ter matado o irmão Foco e fugido para Ftia, na Tessália, onde reinou.<sup>147</sup> Embora a *Teogonia* não mencione, ele é filho de Éaco, sendo chamado de Eácida na *Ilíada*<sup>148</sup> e também no *Catálogo*.<sup>149</sup> Sua mãe teria sido Endeis e teria Télamon por irmão, segundo Pseudo-Apolodoro.<sup>150</sup> Píndaro a menciona, mas não diz especificamente que seja mãe de Peleu, referindo-se a ele (ou talvez a Télamon) como “o famoso filho de Endeis”.<sup>151</sup> Plutarco diz que ela é filha de Ésciron e de Cáriclo, uma ninfa.<sup>152</sup> Mais uma vez, a genealogia se apresenta problemática, porque Ésciron consta em Pseudo-Apolodoro como filho de Pélops ou de Possêidon,<sup>153</sup> de modo que, se aplicarmos o segundo caso, Ésciron é filho de duas divindades. Em ambos os casos, é difícil estabelecer qual genealogia o poeta da *Teogonia* tinha em mente.

Passemos agora, então, aos demais amantes das deusas, que são Cadmo (975), Espadouro (979), Jasão (1000) e Odisseu (1012), cuja caracterização se dá para além dos filhos que geraram.

O primeiro deles é Cadmo, cujos filhos, o poeta nos diz, foram gerados por Harmonia em Tebas (*Th.* 978). Embora Hesíodo não se estenda em sua caracterização, sabemos que ele

---

<sup>141</sup> Cf. WEST (1997, p. 432).

<sup>142</sup> Cf. *Il.* 21.189.

<sup>143</sup> Cf. *Od.* 471,538.

<sup>144</sup> Cf. *Hes. fr.* 145.

<sup>145</sup> Cf. *Bibl.* 3.12.6.

<sup>146</sup> Cf. GRIMAL (2014, p. 264).

<sup>147</sup> Cf. WEST (1997, p. 432) e também *Il.* 9.252-3.

<sup>148</sup> Cf. *Il.* 16.15

<sup>149</sup> Cf. *Hes. fr.* 152.10.

<sup>150</sup> Cf. *Bibl.*

<sup>151</sup> Cf. *Isth.* 5.12.

<sup>152</sup> Cf. *Thes.* 10.3.6.

<sup>153</sup> Cf. *Epit.* 1.1.



não só reinou em Tebas como também a fundou. Conforme aponta Timothy Gantz, os tebanos são chamados de cadmeus na *Ilíada*,<sup>154</sup> isto é, eles são entendidos, da perspectiva do poema, como descendentes de Cadmo. Quanto a seus pais, segundo Pseudo-Apolodoro, ele é filho de Telefassa e Agenor,<sup>155</sup> cujos pais seriam Possêidon e Líbia,<sup>156</sup> filha por sua vez de Êpafo e Mênfis,<sup>157</sup> sendo esta uma filha do rio Nilo<sup>158</sup> e aquele, filho mortal de Ió, já que teria sido morto pelo Curetes a mando de Hera.<sup>159</sup> Assim, então, a ascendência de Cadmo culmina na união entre uma deusa e um mortal.

Espadouro (*Th.* 979), cujo nascimento resulta da decapitação de Medusa (*Th.* 280-1), casa-se com Bonflux e tem por filho Gerioneu (*Th.* 287-8, 979-82). Hesíodo explica seu nome dizendo que ele nascera “com dourada espada nas caras mãos” (*Th.* 283). No catálogo de amantes das deusas, sua única caracterização é o epíteto “ânimo-vigoroso” (καρτεροθύμω, *Th.* 979). Sua figura não repercutiu na tradição de modo que ele tivesse sua representação aprofundada para além do nascimento de seu filho. Ainda assim, sugiro a possibilidade de que o vínculo que o poeta estabelece com a figura da espada e sua caracterização como detentor de um “ânimo-vigoroso” o relacionam à figura do guerreiro, sobretudo porque o epíteto ocorre três vezes na *Ilíada* e uma vez na *Odisseia* relacionado a guerreiros conhecidos por sua bravura.<sup>160</sup>

No que tange à sua ascendência e sobretudo a seu nascimento, Espadouro diverge dos demais: primeiro, ele não nasce de forma convencional, mas de um ato de violência, isto é, da decapitação de Medusa, ainda que possamos considerá-lo filho de Possêidon, uma vez que Hesíodo reporta o enlace entre o deus e Medusa;<sup>161</sup> segundo, sua mãe era a única filha mortal dentre as três Górgonas geradas por Fórcis e Cetó.<sup>162</sup> A esse respeito, Zanon nota que, nessa parte da narrativa da *Teogonia*, “o conjunto de descendentes de Fórcis e Cetó é o único a apresentar essa variação mortal/imortal, introduzindo os primeiros seres mortais do poema”.<sup>163</sup> Nesse sentido, embora Espadouro pudesse ser facilmente entendido como mortal apenas pelo fato de ser filho de Possêidon e Medusa, sua mortalidade seria incontornável, mesmo sua mãe

<sup>154</sup> Cf., conforme reporta GANTZ (1993, p. 467), *Il.* 10.288.

<sup>155</sup> Cf. *Bibl.* 3.1.1.

<sup>156</sup> Cf. *Bibl.* 3.1.1.

<sup>157</sup> Cf. *Bibl.* 2.1.3.

<sup>158</sup> Cf. *Bibl.* 2.1.4.

<sup>159</sup> Cf. *Bibl.* 2.13.

<sup>160</sup> Cf. *Il.* 5.276; 13.350; 14.512. Nessas passagens, o epíteto caracteriza respectivamente Diomedes, Aquiles e os mísios. Cf. também *Od.* 21.25, onde o epíteto caracteriza Hércules.

<sup>161</sup> Cf. Hes. *Th.* 278-279.

<sup>162</sup> Cf. Hes. *Th.* 270-277.

<sup>163</sup> ZANON (2018, p. 249).

descendendo de duas divindades. Segundo Clay,<sup>164</sup> conforme reporta Zanon,<sup>165</sup> a união entre o deus e a mortal seria uma primeira tentativa de gerar semideuses, mas sem sucesso.

Jasão é caracterizado pelo epíteto de “pastor de tropa” (ποιμῆνι λαῶν, *Th.* 1000), que pertence à semântica do rei, sendo amplamente utilizado na *Ilíada*, por exemplo, em referência a Agamêmnon (ποιμῆνα λαῶν, *Il.* 2.243). Chamado ainda na *Teogonia* de Esonida,<sup>166</sup> seu pai é Éson, cujos pais, conforme um fragmento do *Catálogo*, são Creteu e Tiro.<sup>167</sup> Segundo outros fragmentos, nascido de Éolo e Enarete,<sup>168</sup> Creteu casou-se com Tiro, que é filha de Salmoneu, seu irmão,<sup>169</sup> de modo que os pais de Éson são descendentes de Deucalião e Pirra, filha de Pandora e Prometeu. Ainda no *Catálogo*, a mãe de Jasão seria Polimela ou Alcimedede.<sup>170</sup> Para Apolônio de Rodes, sua mãe seria Alcimedede, filha de Fílaço<sup>171</sup> e Climene.<sup>172</sup> Em Hesíodo, há registro de não menos que três Clímenes: a primeira seria a oceânide que casou-se com Jápeto e gerou, dentre outros filhos, Prometeu e Epimeteu;<sup>173</sup> a segunda seria filha de Catreu, que de Possêidon teria gerado Palamedes, Oeax e Nausímedon;<sup>174</sup> a terceira, mãe de Deucalião.<sup>175</sup> Em relação a nenhuma delas consta como filha Alcimedede. Fílaço é mencionado em um fragmento do *Catálogo* como pai de Íficlo e avô de Podarce, todos da cidade de Fílace.<sup>176</sup> Embora difícil de traçar a genealogia materna de Jasão, o fato é que ao menos a sua ascendência paterna culmina num ancestral divino, isto é, Prometeu, de modo que não me parece plausível que a única dentre as três Clímenes que é deusa seja justamente sua mãe. Sendo assim, a ascendência de Jasão, embora tenha Prometeu como ancestral, é dominada sobretudo por mortais.

Por fim, Odisseu comparece como pai duas vezes no catálogo de amantes das deusas. Na primeira, é caracterizado pelo epíteto juízo-paciente (ταλασίφρονος, *Th.* 1012), que se repete não menos que onze vezes na *Odisseia*,<sup>177</sup> sempre associado ao próprio herói em contextos onde sua ausência é de alguma forma marcada, e duas vezes na *Ilíada*, das quais apenas uma associado a ele.<sup>178</sup> Conforme argumenta Nagy, para Odisseu, “o seu *nostos* é a mesma coisa

---

<sup>164</sup> Cf. CLAY (1993, p. 109).

<sup>165</sup> Cf. ZANON (2018, p. 154-155).

<sup>166</sup> Cf. Hes. *Th.* 993 e 999.

<sup>167</sup> Cf. Hes. fr. 37.

<sup>168</sup> Cf. Hes. fr. 10.26, 31.

<sup>169</sup> Cf. Hes. fr. 27.

<sup>170</sup> Cf. Hes. fr. 37.

<sup>171</sup> Cf. A.R. 1.47.

<sup>172</sup> Cf. A.R. 1.233.

<sup>173</sup> Cf. Hes. *Th.* 506-511.

<sup>174</sup> Cf. Hes. fr. 234.

<sup>175</sup> Cf. Hes. fr. 5.

<sup>176</sup> Cf. Hes. fr. 154.

<sup>177</sup> Cf. *Od.* 1.87,129; 3.84; 4.241, 270; 5.31; 17.34, 114, 292, 510; 18.311.

<sup>178</sup> Cf. *Il.* 4.421 e 11.466.

que o seu *kleos*”,<sup>179</sup> de modo que ao caracterizá-lo por meio do epíteto que alude fortemente à sua ausência, Hesíodo, sem ignorar seu status como guerreiro e rei, aponta para a sua característica distintiva, que é justamente o retorno. No que tange à sua ancestralidade, sabemos que seu avô materno Autólico é, segundo Pseudo-Apolodoro, filho de Hermes.<sup>180</sup> Quanto a seu pai, ele é Laertes, algo marcado constantemente na poesia épica homérica pelo patronímico laércida.<sup>181</sup> Laertes é dito por Pseudo-Apolodoro filho de Arcísio.<sup>182</sup> Pouco se tem acerca de sua genealogia. Grimal, no entanto, afirma que sua mãe é Calcomedusa e que descende de Deucalião.<sup>183</sup> Se assim for, então, Odisseu também tem sua ascendência marcada por mortais, embora descenda de deuses nos dois lados da família.

Problemáticas quanto sejam as genealogias míticas aqui traçadas por toda limitação que as referências e o *corpus* impõem, de modo geral verifica-se que a maioria dos homens que se deitam com as deusas são indubitavelmente mortais, descendentes em algum grau da união entre uma divindade e um mortal, de modo que podem ser também entendidos como heróis.

Vejamos então agora a caracterização de seus filhos, cujo pertencimento à categoria de herói vimos estar definida na invocação às Musas que abre o catálogo de amantes das deusas da *Teogonia*.

Dentre os outros onze filhos das deusas mencionados, quatro não recebem nenhuma caracterização mais ampla que o nome de seus progenitores, são eles: Polidoro (978), Focos (1004), Nauveloz (1016) e Náutico (1017). Dentre esses, sabemos que Polidoro, sendo filho de Cadmo e único filho homem entre outras quatro mulheres, deve ter reinado em Tebas antes de Labdaco e de Édipo; de Focos, que é, de acordo com West, o herói epônimo dos fócios;<sup>184</sup> e, por fim, Nauveloz é referido na *Odisseia*<sup>185</sup> como tendo sido o primeiro rei dos feácios, conforme aponta West.<sup>186</sup> Ele destaca ainda que, embora da perspectiva da *Odisseia* fosse incoerente que esse rei descendesse de Odisseu, isso não se aplica ao poeta da *Teogonia*.<sup>187</sup> Entre todos esses, com exceção de Náutico, que seria, segundo West, um feácio cujo nome reflete a qualidade naval do seu povo,<sup>188</sup> vigora então a figura do herói fundador e/ou rei. Vejamos agora aqueles heróis que são caracterizados para além de sua paternidade ou filiação.

---

<sup>179</sup> NAGY (2017, p. 36).

<sup>180</sup> Cf. *Bibl.* 1.9.16.

<sup>181</sup> Cf. *Il.* 2.173; 4.358; 8.93; 9.308, 624; 10.144; 19.185.

<sup>182</sup> Cf. *Bibl.* 1.9.16.

<sup>183</sup> Cf. GRIMAL (2014, p. 264).

<sup>184</sup> Cf. WEST (1997, p. 431).

<sup>185</sup> Cf. *Od.* 6.7; 7.55.

<sup>186</sup> Cf. WEST (1997, p. 436).

<sup>187</sup> Cf. WEST (1997, p. 436).

<sup>188</sup> Cf. WEST (1997, p. 436).

Gerioneu (*Th.* 982), o filho de Espadouro, é descrito por Hesíodo como portador de três cabeças (*Th.* 287), “o filho mais vigoroso de todos os mortais” (*Th.* 981) e vítima da força de Hércules (*Th.* 289; 982). Clay, ao analisar sua presença no chamado “catálogo de monstros” (*Th.* 270-336), define essa categoria como aquilo que “é anômalo, que não se adapta a classificações usuais ou que transgride limites, de modo que pode ser considerado perigoso”;<sup>189</sup> eles são “criaturas híbridas que unem elementos normalmente díspares, por exemplo, o humano e o bestial”<sup>190</sup> e que “ocasionalmente [...] incorporam elementos contraditórios que violam categorias fundamentais, como mortal/imortal, jovem/velho e masculino/feminino”.<sup>191</sup> Já Zanon entende as criaturas que integram a categoria dos monstros, a qual ela sugere chamarmos de criaturas prodigiosas, deste modo:

“Mais do que o hibridismo ou o excesso de alguma característica ou mesmo as disparidades entre velhice/juventude ou mortalidade/imortalidade, esses seres se apresentam como possuidores de um caráter extraordinário ou fantástico, que extrapola a observação da realidade imediata”<sup>192</sup>

Seu entendimento parte da análise dos termos pelos quais essas criaturas são referidas na poesia hexamétrica grega arcaica, isto é, pelos substantivos *τέραξ*, *πέλωρ* e *πέλωρον* e pelos adjetivos *πέλωροξ* e *πελώριος*, que também se referem a deuses, heróis, objetos e também a fenômenos naturais,<sup>193</sup> de modo que os chamados monstros devem ser entendidos por meio de três noções básicas:

“[...] primeiro, a noção de algo extraordinário e, por isso, espantoso e impressionante, podendo ou não infundir o sentimento de terror; segundo, e derivada da primeira, a noção de portentoso ou prodígio enquanto manifestação do ato comunicativo da divindade com o âmbito humano, considerado, portanto, uma mensagem enviada pelos deuses; terceiro, uma noção de enormidade espantosa [...]”<sup>194</sup>

Nesse sentido, é minimamente curioso que a figura de Gerioneu, já tendo seu nascimento relatado, compareça novamente, desta vez no catálogo de amantes das deusas, em meio à geração daqueles que vimos ser possível chamarmos de heróis enquanto frutos do envolvimento entre divindades e mortais. É possível entender que isso marque a proximidade

<sup>189</sup> CLAY (2003, p. 151).

<sup>190</sup> CLAY (2003, p. 151).

<sup>191</sup> CLAY (2003, p. 152).

<sup>192</sup> ZANON (2018, pp. 165-166).

<sup>193</sup> Cf. ZANON (2018, p. 68).

<sup>194</sup> ZANON (2018, p. 67).

existente entre monstros e heróis apontada por Hugo Koning, para quem ambas as categorias são detentoras de grande poder, o que no caso dos heróis se configuraria como uma ameaça à ordem pretendida por Zeus, levando o deus a decidir pelo fim dessa linhagem.<sup>195</sup> Tal proximidade é apontada também por Zanon,<sup>196</sup> a partir de Clay,<sup>197</sup> justamente ao analisar o caso de Gerioneu. No entanto, Zanon se opõe a Clay, dizendo que, enquanto para Clay os monstros estão fadados à destruição e os heróis, ao sucesso, ambas as categorias de seres encontrarão seu fim.<sup>198</sup>

Juntos, Mêmnon (*Th.* 984), que é dito “rei dos etíopes” (Αιθιόπων βασιλῆα, *Th.* 985), e Emátion, que é chamado de “senhor” (ἄνακτα, *Th.* 985), são caracterizados por epítetos que, na *Ilíada*, por exemplo, são atribuídos a Agamêmnon (ἄναξ ἀνδρῶν, *Il.* 1.7; βασιλῆϊ, *Il.* 1.9), sendo relacionados assim à função de rei.

Medeio (*Th.* 1001), filho de Jasão e Medeia, é caracterizado como alguém “de quem Quíron cuidou nos morros” (*Th.* 1001). Conforme aponta West, “Quíron é o responsável pela educação de diversos heróis”,<sup>199</sup> como Aquiles, Hércules e o próprio pai de Medeio, Jasão. Dessa forma, Medeio também deve se enquadrar na função de guerreiro ou de rei.

Aquiles, que é caracterizado pelos epítetos de “rompe-batalhão” e “ânimo leonino” (ῥηξήνορα θυμολέοντα, *Th.* 1007), parece fugir à semântica do rei e se vincular à do guerreiro, algo que não é de se espantar, já que é possível que Hesíodo não o caracterize como rei porque ele nunca chegou a exercer a realeza de fato, pois morreu em Troia após conquistá-la, sem poder assim herdar o reino de Ftia de seu pai Peleu. Desse modo, seus epítetos, que são recorrentes na *Ilíada*,<sup>200</sup> remetem à sua função enquanto guerreiro.

Por fim, temos Ágrio, Latino e Telégono (*Th.* 1013-14), aos quais Hesíodo se refere por meio dos versos “quanto a eles, mui longe, no recesso de sacras ilhas, a todos os esplêndidos tirrenos regiam”, o que aponta para a função de rei exercida pelos três heróis. De fato, West reporta que os três são relacionados à fundação e ao reinado do povo latino.<sup>201</sup>

O que a caracterização de todos esses homens, tanto pais quanto filhos, permite ver é que estão no horizonte de Hesíodo três grandes funções, isto é, a de fundadores, reis e guerreiros. Sendo assim, dado o restrito uso do termo ἥρωες, que como vimos se mostra mais

<sup>195</sup> Cf. KONING (2017, pp. 101-103).

<sup>196</sup> Cf. ZANON (2018, p. 156).

<sup>197</sup> Cf. CLAY (1993, p. 109).

<sup>198</sup> Cf. ZANON (2018, p. 156). O fim da linhagem dos heróis será mais bem explorado no próximo capítulo.

<sup>199</sup> Cf. WEST (1997, p. 430).

<sup>200</sup> Cf., por exemplo, *Il.* 7.228; 13.324; 16.146; 16.575, para o uso de ῥηξήνορα e *Il.* 5.539; 7.228, para o uso de θυμολέοντα.

<sup>201</sup> Cf. WEST (1997, pp. 433-6).

formular que semântico, concludo que, no contexto da *Teogonia*, os chamados heróis são definidos como fruto da união entre imortais e mortais e, sobretudo, como homens que cumprem uma ou mais funções em um contexto social maior. Essas funções parecem permear também, como veremos, tanto a construção do *Catálogo das Mulheres* quanto o mito das cinco linhagens presente em *Trabalhos e Dias*.

## 2.2. Catálogo das Mulheres

O *Catálogo das Mulheres*, que na Antiguidade era considerado como a continuação da *Teogonia*,<sup>202</sup> relata os enlaces entre deuses e mulheres mortais dos quais nascem filhos que integrarão a chamada linhagem dos heróis e também filhas que darão nascimento a novos heróis. Embora possamos chamá-los de tal modo a partir da definição de Nagy,<sup>203</sup> o termo ἥρωες, assim como na *Teogonia*, não é comum no *Catálogo*. Nos cento e oitenta e quatro fragmentos que o integram, apenas oito ocorrências do termo são atestadas. Antes de discuti-las, no entanto, convém analisarmos o próêmio da obra (fr. 1):

Nῦν δὲ γυναικῶν [φῦλον ἀείσατε, ἠδυέπειαι  
Μοῦσαι Ὀλυμπιάδε[ς, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο,  
**αἶ τὸτ’** ἄρισται ἔσαν [καὶ κάλλιστα κατὰ γαῖαν  
**μίτρας τ’ ἀλλύσαντο** δι[τὰ χρυσέην τ’ Ἀφροδίτην  
**μισγόμεναι θεοῖσιν** 5

Agora, a **tribo das mulheres** cantai, Musas Olímpias  
de doce fala, filhas de Zeus porta-égide,  
**elas que um dia** foram as mais nobres [e belas na terra  
e **afrouxaram as cintas** p[or obra da áurea Afrodite  
**unindo-se [ao]s deuses ...** 5

Nesses primeiros versos do poema, cujo início (1-2) converge com o término da *Teogonia* (1021-1022), é enunciado o tema do poema, isto é, as mulheres que se uniram aos deuses. Com exceção da provável influência de Afrodite (4),<sup>204</sup> tal como estabelecida no suplemento feito por Most e afirmada em outros contextos em que a mesma fórmula usada por Most ocorre, não sabemos qual foi a motivação desses enlaces. No entanto, os versos seguintes explicitam o contexto:

**ξυναὶ γὰρ τότε δαί[ι]τες ἔσαν, ξυνοὶ δὲ θόωκοι**

<sup>202</sup> Cf. HUNTER (2005, p. 1) e também Introdução i, para outras perspectivas a esse respeito.

<sup>203</sup> Cf. NAGY (2017, p. 49).

<sup>204</sup> Argumentei a respeito da importância de Afrodite no contexto da linhagem dos heróis em OLIVEIRA (2019).

ἀθανάτοις τε θε|οῖσι καταθνητοῖς τ' ἀνθρώποις· 7  
**οὐδ' ἄρα ἰσαίωνες οἱ]**  
 ἀνέρες ἠδὲ γυναῖκες ε[

**Pois comunais eram então os banquetes, e comunais os concelhos**  
 entre os deuses imortais e os homens mortais; 7  
**mas não igual o tempo de vida ...**  
 homens e mulheres ...

Esses versos revelam que o período em que a linhagem dos heróis foi gerada ainda é marcado pela proximidade entre deuses e homens.<sup>205</sup> Tal proximidade é marcada de diferentes formas na poesia hexamétrica arcaica. Há, por exemplo, o mito de Prometeu na *Teogonia*,<sup>206</sup> no qual, antes do ardil do deus e de sua disputa com Zeus, homens e deuses compartilhavam banquetes. Embora o mito não especifique quais são esses homens e nem os divida em linhagens, Clay sugere que eles se assemelham aos da linhagem de bronze, uma vez que “eles possuíam o fogo, que utilizavam para guerra, e armaduras que os tornavam uma ameaça aos deuses”.<sup>207</sup> Já no contexto de *Trabalhos e Dias*, em que uma outra versão do mito prometeico é atestada, Clay sugere a existência de “uma era de ouro antes e uma era de sofrimento e labuta pós-prometeica depois”.<sup>208</sup> Outro exemplo é a caracterização dos feácios na *Odisseia*,<sup>209</sup> que apresenta também uma proximidade que, segundo Christian Werner, “é mais acentuada que aquela usual entre heróis e deuses na *Ilíada* e na *Odisseia*”.<sup>210</sup> Já no *Catálogo* – e nisto temos uma primeira marca distintiva acerca do que sejam os heróis – a linhagem dos heróis, embora próxima dos deuses, é mortal, algo que é marcado não só pelo uso de “καταθνητοῖς τ' ἀνθρώποις” (7) como pela construção “οὐδ' ἄρα ἰσαίωνες” (8), já que há a possibilidade de que o adjetivo composto explicita uma ressalva acerca do limite que distingue uma categoria da outra.<sup>211</sup>

A segunda marca distintiva dessa linhagem se destaca alguns versos adiante:

τάων ἔσπετε μ[οι γενεῖν τε καὶ ἀγλαὰ τέκνα,  
**ἄσ[αι]ς δὴ παρέλ[εκτο πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε** 15  
**σ]περμ[αί]νων τὰ [πρῶτα γένος κυδρῶν βασιλῶν**

<sup>205</sup> Nessa passagem, homens traduz ἀνθρώποις, entendido como “humanos” em geral, abrangendo tanto homens quanto mulheres.

<sup>206</sup> Cf. Hes. *Th.* 535-564.

<sup>207</sup> CLAY (2003, p. 126).

<sup>208</sup> CLAY (2003, p. 126).

<sup>209</sup> Cf. *Od.* 5.35.

<sup>210</sup> WERNER (2018, p. 102).

<sup>211</sup> Segundo HIRSCHBERGER (2004, p. 167), há seis suposições acerca de quais categorias são contrapostas nesse oitavo verso do próemio, podendo ser elas: 1) homens a mulheres; 2) deuses a humanos; 3) heróis aos humanos de hoje; 4) heróis a outros humanos coevos; 5) heróis que permaneceram jovens e fortes a outros que morreram cedo e subitamente de morte violenta; e 6) os próprios heróis, em termos de longevidade.

A linhagem] delas dissei-m[e e também sua esplêndida prole,  
**todas com que]m se deit[ou o pai de homens e de deuses 15**  
**semeando por primeiro a linhagem dos gloriosos reis,**

Semeada por Zeus, o “pai de homens e de deuses” (15),<sup>212</sup> essa linhagem é caracterizada, numa passagem não corrompida do fragmento, como “linhagem dos gloriosos reis” (16).

Nesse ponto, caso aceitarmos, com Hirschberger, Most e outros, a reconstrução de Lobel, me parece significativa a fórmula atribuída a Zeus pelo poeta. Conforme apontam Graziosi e Haubold, “pai de homens e de deuses”, na tradição hexamétrica, “expressa a supremacia de Zeus em termos genealógicos”,<sup>213</sup> de modo que “o poder de Zeus é intimamente conectado a seu papel enquanto pai”.<sup>214</sup> Eles ressaltam que não está em jogo a literalidade do termo “pai”, isto é, ele não implicaria que o deus seja de fato ancestral de todos os homens, mas que dele provém “uma enorme árvore genealógica que inclui deuses e homens mas, deixando de lado pouquíssimas e explicáveis exceções, não inclui mulheres”.<sup>215</sup> Tão maior é essa distância entre os sexos se lembrarmos da distinção do uso do termo ἥρωες, que só se aplica a figuras masculinas, nunca a femininas.<sup>216</sup>

Além de mortais próximos aos deuses, esses homens do sexo masculino também são reis. De fato, o que se expressa nesses dois versos é o conteúdo tradicional de διοτρεφής, διογενής e διόγνητος, epítetos de heróis na poesia hexamétrica arcaica.<sup>217</sup> Isso converge com parte do que se concluiu acerca do catálogo de amantes das deusas na *Teogonia*, na qual além da função de guerreiros e fundadores, os homens exercem também a função de rei.

Vejamos agora como se aplica o termo ἥρωες nos fragmentos supérstites do *Catálogo*:

τῆι δ' Ἀχελῷος ἐυρρείτης] μίχθη φιλόττι	35
[ ἐν ὕψη]λοῖσι δόμοισι	
[ ]ος βασιλῆος,	
[ὄς ] ναιετάασκεν	
ἄφ[ν]ειὸς μήλο[ισι	
γλ.....[	40
κούρη τ...[	
τοῦ κουρ...αι[	
ἢ [δ'] ὑποκυς[αμένη	
καὶ τὴν μέ[ν	
<b>ἥρωϊ πτο[λιπόρθωι</b> ]..[	45

<sup>212</sup> Este o suplemento mais aceito; cf. HIRSCHBERGER (2004, p. 169).

<sup>213</sup> GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 98).

<sup>214</sup> GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 98).

<sup>215</sup> GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 99); como notam os autores, na fórmula em questão, o termo para “homens” é ἄνδρες, e não ἄνθρωποι ou βρότοι, mais inclusivos quanto a gênero (p. 98).

<sup>216</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 99).

<sup>217</sup> Cf. HIRSCHBERGER (2004, p. 169).



αὐτὰρ ὃ γ' Ἴπ[ποδάμας πολλή]ρ[α]τον εἶδος ἔχουσαν ἤγάγετ...[ ποτι δώμα]τα ἠχίεντα· ἦ δ' ὑποκυσα[μένη <b>μεγαλήτο]ρα ποιμένα λαῶν</b> Ἀντίμαχον [τέκε παῖδα, φίλον μακ]άρεσσι θεοῖσιν	
A ela <sup>218</sup> , Aquelôo de belas correntes] uniu-se em amor nos alt]os aposentos ] do rei	35
[ele que ] habitava r[i]co em reban[hos ... moça ... do ... [e] ela, [depois de] engravidar e a ela [ <b>para o herói [saqueia-]cid[ades ...</b>	40
Quanto a Hipodamas, à moça de muito-atrante feição levou [ para] o soante pa[lácio. E ela, depo[is de] engravidar, [gerou <b>o brav]o pastor de povos, Antímaco, [como filho, <b>caro] aos deuses [ven]turosos.<sup>219</sup></b></b>	45

Nesse fragmento, Perimede, filha de Éolo e Enarete, depois de se envolver com o rio Aquelôo, se casa e gera prole. A cermos na proximidade entre as linhagens apresentadas pelo *Catálogo* e pela *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro sugerida por Reinhold Merkelbach em sua edição dos fragmentos hesiódicos,<sup>220</sup> essa prole seria composta por Hipodamas e Orestes,<sup>221</sup> cujas descendências são apresentadas, de acordo com Hirschberger, pelos versos 45 a 49 e 38-44, respectivamente.<sup>222</sup>

Nessa passagem, consta a expressão nominal no dativo “para o herói saqueia-cidades” (45). Não sabemos em qual contexto esse verso se encontra e nem a que herói o poeta se refere. No entanto, além de ser caracterizado como ἥρωος, ele recebe o epíteto πολυλιπόρθος (saqueia-cidades). Esse epíteto recorre tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia* caracterizando Aquiles, Odisseu e também outros heróis.<sup>223</sup> Já vimos, analisando a *Teogonia*, que a maioria dos heróis são fundadores, guerreiros ou reis, sem que essas três funções sejam mutuamente excludentes. O proêmio do *Catálogo* enfatiza os heróis como reis. Nesse sentido, a associação do “herói saqueia-cidades” com o saque de cidades por meio de um epíteto que caracteriza dois dos grandes heróis da épica homérica acaba por vinculá-lo à função de guerreiro, ou seja, à prática da guerra, da qual resultam os saques. No entanto, assim como na *Teogonia*, o uso de ἥρωος aqui

<sup>218</sup> Perimede, filha de Éolo e Enarete.

<sup>219</sup> Hes. fr. 10.35-48.

<sup>220</sup> Cf. CINGANO (2005, p. 120) e RUTHERFORD (2000, p. 82).

<sup>221</sup> Cf. *Bibl.* 1.7.3.

<sup>222</sup> Cf. HIRSCHBERGER (2004, p. 187).

<sup>223</sup> Aquiles: cf. *Il.* 8.372, 15.77, 21.550 e 24.108. Odisseu: cf. *Il.* 2.278, 10.363; *Od.* 8.3, 14.447, 16.442, 18.356, 22.283 e 24.119. Outros: cf. *Il.* 2.728, 5.333, 20.384.

não parece ter caráter distintivo, mas, dada a natureza fragmentária da passagem que impede a identificação de quem seja esse herói, não é possível avançar a questão. A sequência do relato, no entanto, me parece ser ilustrativa.

O filho de Hipodamas, Antímaco, é caracterizado como “bravo pastor de povos” (μεγαλήτορα ποιμένα λαῶν, fr. 10.48) e “caro aos venturosos deuses” (φίλον μακάρεσσι θεοῖσιν, fr. 10.49). Assim como ele, dois outros personagens masculinos, cuja caracterização os associa à função de rei, são apresentados no *Catálogo* por meio das mesmas fórmulas, de modo que a relação de Antímaco com a função de rei pode ser inferida:

Τιμάνδρην δ' Ἐχε[μος θαλερὴν] ποιήσατ' ἄκ[οιτιν,  
ὄς πάσης Τεγ[έης ἢ δ' Ἀρκαδίας] πολυμήλου  
ἀφνειὸς ἦνας[σε, φίλος μακάρεσσι θεοῖ]σιν·  
ἢ οἱ Λαόδοκον **μεγαλήτορα ποιμέν]α λαῶν**  
γ]εῖνα[θ]' ὑποδμη[θεῖσα διὰ] χρυσην Ἀφ[ροδίτην (...)

35

De Timandra fez Equemo sua viçosa esposa,  
ele que toda a Teg[eia e Arcádia] de muitos rebanhos  
**reg[eu], rico, [caro aos venturosos d]eu[s]es;**  
ela para ele Laódoco, **b[ravo past]or de povos,**  
g]er[ou, subju[gada por obra] da áurea Af[rodite (...)]<sup>224</sup>

35

Nesse fragmento, Equemo é caracterizado como rei por meio do verbo ἀνάσσω (33) e também como φίλος μακάρεσσι θεοῖσιν (33). Seu filho, Laódoco, assim como Antímaco, é caracterizado por meio da fórmula μεγαλήτορα ποιμένα λαῶν e, embora não seja ele próprio um rei, a sua ascendência indica, assim como no caso de Aquiles que discuti anteriormente, a possibilidade de que ele possa vir a ser. O fato de que ποιμένα λαῶν não ocorra em Homero, nem na *Ilíada* nem na *Odisseia*, antecedido por um adjetivo como μεγαλήτορα, do modo que ocorre na presente passagem, pode apontar para certa ênfase que o poeta do *Catálogo* dê a figuras caracterizadas como tais. Seja como for, Antímaco é relacionado ao mesmo tempo à função de rei e à de guerreiro.

O mesmo vale para o fragmento 41, no qual os filhos de Copreu – portanto netos de Orcômenos, herói epônimo da cidade – com uma das filhas de Lêucon<sup>225</sup> são caracterizados, um, como ἥρωσ e, o outro, como μεγάθυμος:

ἢ δέ οἱ ἐν με]γάροις **θεοείκελα** γείνατο τέκνα  
Ἄργυννόν θ'] **ἥρωα** καὶ Ἴπποκλον **μεγάθυμον**·

<sup>224</sup> Hes. fr. 19.31-35.

<sup>225</sup> O fragmento não permite identificar qual das três filhas de Leucon se casa com Copreu; são elas: Pisidice, Euipe e uma cujo nome começa com Hiper, cf. Hes. fr. 41.10.

Ela lhe gerou no palácio filhos **símeis aos deuses**,  
o **herói** Argino e o **valente** Hipocles.<sup>226</sup>

A ocorrência seguinte do termo ἥρωες está relacionada a Meleagro, filho de Alteia e Ares, não por ele figurar como herói, mas por aqueles que o evitam serem caracterizados dessa maneira:

**οὔτέ τις** ἐν **πολέμ[ωι]** φθισήνο]ρι δακρυόε[ντι  
ἔτλη ἐσάντα ἰδῶ[ν μείναι κρατερ]ὸν Μελέαγ[ρον] 10  
**ἀνδρῶν ἡρώων**, ὁπότ[ι' ἰθύοι] ἄντα μάχεσ[θαι].

**Ninguém** na lacrimosa **guerra** mata-homens  
ousava confrontar o potente Meleagro ao vê-lo, 10  
**nenhum dos homens heróis**, uma vez que ele almejasse combater.<sup>227</sup>

Em nenhuma das passagens que analisei até agora, o termo ἥρωες havia constado no plural, o que nessa passagem parece apontar para uma conceitualização do que seja o herói: primeiro, o contexto é a “lacrimosa guerra mata-homens” (10); segundo, “heróis” diz respeito à totalidade dos homens que dela participam. Sendo assim, vemos aqui que o ἥρωες parece se distinguir e se definir quando aplicada no plural ao coletivo, circunscrevendo assim não só uma das funções de seus membros como possivelmente, se a associarmos ao relato de *Trabalhos e Dias*, a linhagem à qual eles pertencem.

Algo similar ocorre no fragmento que se refere à Guerra de Tebas:

..... ..] Ἀλκμάονα π[οιμέ]να λα[ῶν  
..... ..]ρας Καδμηΐδες ἐλκεσίπε[πλοι  
..... .. ἐτέ]θηπε δέμας εἰσάντα ἰδοῦ[σα  
..... .. **τ]ραφὰς πολυκηδέος Οἰδιπό[δαο**  
..... ..]αμενου κτήνου πέρι δῆριν ἔχ[οντ- 5  
..... .. **ἥρωε]ς Δαναοὶ** θεράποντες Ἄρη[ος  
..... ..]ι Πολυνείκει ἦμοσ[  
..... ..] Ζηνὸς πάρα θέσφατα [  
..... ..] ἀπ' Ἀλφειοῦ βαθυδίγ[εω

... ] Alcmeão pastor-de-povos  
... ] as cadmeias de longas vestes  
... ela sur]preendeu-se quando viu diante de si o corpo  
... s]epultamento de Édipo muita-aflição 5  
... ] em[penhado] no conflito pela riqueza [  
... os herói]s dánaos, servos de Ares  
... ] Polinices [  
..... ..] Ζηνὸς πάρα θέσφατα [  
..... ..] ἀπ' Ἀλφειοῦ βαθυδίγ[εω

<sup>226</sup> Hes. fr. 41.32.33.

<sup>227</sup> Hes. fr. 22.9-11.

... ] as determinações de Zeus [  
 ... [ do profun[do] Alfeu<sup>228</sup>

Que esse fragmento diga respeito à Guerra de Tebas fica evidente na menção à morte de Édipo (4) e também ao conflito pelo seu rebanho (5), algo que é apresentado por Hesíodo em *Trabalhos e Dias*:

καὶ τοὺς μὲν πόλεμός τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνὴ  
 τοὺς μὲν ὑφ' **ἑπταπύλω Θήβη**, Καδμηίδι γαίη,  
 ὄλεσε **μαρναμένους μῆλων ἔνεκ' Οἰδιπόδαο** [...]

E a eles guerra danosa e prélio terrível,  
 a uns sob **Tebas sete-portões**, na terra cadmeia,  
 destruiu, **ao combaterem pelos rebanhos de Édipo** [...]<sup>229</sup>

Mais notório é o fato de que essa é, junto à Guerra de Troia, uma das guerras responsáveis pelo fim da linhagem dos heróis, algo que discutirei adiante em mais detalhes. Basta por ora notar que, assim como no caso do fragmento de Meleagro, aqui no fragmento 136 o termo ἦρωσ ganha sentido só quando aplicado no plural ao coletivo, contrariamente à sua ocorrência no singular versos adiante para caracterizar um dos filhos de Electrião e Lisídice (13).

Um outro grupo de fragmentos traz mais explicitamente uma nova dimensão ao universo dos heróis, a do casamento ou, melhor, a do cortejo à noiva. No primeiro desses fragmentos, relata-se que:

**μνᾶτο** γὰρ αὐτοκασιγν[ήτωι, **ἦρωι** Βίαντι, 5  
 ἦνυέ θ['] ἱμερόεντα **γάμ|ov**  
 βοῦς ἔλικας, καὶ ἄεθλον ἀμ[ύμονα **δέξατο** **κούρη**ν.

Pois ele<sup>230</sup> **cortejou** [pelo] seu irm[ão], o **herói** Biante, 5  
 e realizou a desejável **bo[da]**  
 bois de curvos chifres, e como prêmio im[pecável] **recebeu a moça**.<sup>231</sup>

Todos os nascimentos que apresentei anteriormente resultaram de eventuais enlances entre mulheres e deuses ou de enlances conjugais, de sorte que esse é o primeiro fragmento a apresentar a prática do cortejo em si associada ao termo ἦρωσ. Como já vimos, o uso do termo no singular não evoca, de maneira geral, nenhuma especificidade acerca da caracterização

<sup>228</sup> Hes. fr.136.1-9.

<sup>229</sup> Hes. *Op.* 161-3.

<sup>230</sup> Melampo.

<sup>231</sup> Hes. fr. 35.5-7.

daqueles a quem ele é atribuído. No entanto, chama a atenção a relação entre essa linhagem e o cortejo que leva ao casamento, sobretudo porque é justamente de um casamento assim que terá início o fim da linhagem dos heróis, aquele entre Helena e Menelau, contexto ao qual um outro fragmento se relaciona, também no contexto do cortejo:

ἐκ δ' ἄρ' Ἀθηνέων μνάθ' υἱὸς Π[ετεῶο **Μενεσθεύς**,  
 πολλὰ δ' ἔεδνα δίδου· κειμήλια γ[ὰρ] μάλα πολλὰ  
 ἔκτιτο, χρυσόν τε λέβητάς τ[ε] τρίποδάς τε, 45  
 καλά, τὰ ῥ' ἔνδοθι κεῦθε δόμος Π[ετεῶο] ἄνακτος·  
 οἷς μιν θυμὸς ἀνήκεν ἔεδνώσ[ασθαι] ἄκοιτιν  
 πλεῖστα πορόντ', **ἐπεὶ ο[ὗ] τιν' ἔέλπε[το] φέρτερον εἶναι**  
**πάντων] ἡρώων κτήνεσσι τε δω[τίνας] τε.**

De Atenas, cortejou o filho de P[eteu, **Menesteu**,  
 e muitas dádivas ofertava, p[ois] muitíssimos] tesouros  
 possuía – ouro, caldeirões [e tripodes –, 45  
 belezas que eram mantidas na casa [do senhor] Pe[teu.  
 Essas o peito incitou-o a ofertar como dádiva pela esposa,  
 oferecendo o máximo, **pois não esperava que algum**  
**dentre todos os heróis fosse melhor em posses e ofertas.**<sup>232</sup>

Essa passagem é situada pelos editores no quinto e último livro do *Catálogo*, no qual predomina o catálogo de pretendentes de Helena. Vindos de diferentes partes da Hélade, cada um dos pretendentes faz sua oferta de presentes à noiva visando conquistar sua mão em casamento. É como coletivo que esses pretendentes são referidos nesse fragmento: Hesíodo nos faz saber que Menesteu “não esperava que algum dentre todos os heróis fosse melhor” (48-49). É como conjunto também que esses mesmos homens deverão se mobilizar para promover a Guerra de Troia a fim de reaver Helena, impelidos pelo juramento demandado por Tíndaro:

πάν[τας] δὲ μνηστῆρ[ας] ἀπ[ή]τεεν ὄρκια πιστά,  
**ὀ]μνύμεναί τ' ἐκέλευσ[ε]** καὶ [..]π.. ἀράσθαι  
 σπονδῆι, μή τιν' ἔτ' ἄλλον [ἄ]νευ ἔθεν ἄλλα πέγνεσθαι 80  
 ἀμφὶ γάμωι κούρης εὐ[ω]λ[ένο]ν· **ὃς δὲ κεν ἀνδρῶν**  
**αὐτὸς ἔλοιτο βίηι, νέμεσίν τ' ἀπ[ο]θξίτο καὶ αἰδῶ,**  
**τὸν μετὰ πάντας ἄνωγεν ἀολλέας ὀρμηθῆνα[ι]**  
**ποινήν τεισομένους.** τοὶ δ' ἀπτερέως ἐπίθον[το]  
 ἐλπόμενοι τελέειν πάντες γάμον· 85

de [to]dos os pretendente[es] ex[ig]ia juramento leal,  
**que [j]urassem ele ordenava** e que ... fizessem votos  
 com libação de que ninguém [s]enão ele se ocuparia 80  
 das bodas da moça d[e] belos [b]r[α]ço)s: **qualquer homem**  
**que a tomasse à força e que Indignação negl[i]genciasse e Respeito,**  
**a esse ele mandaria que todos juntos perseguisse[m]**

<sup>232</sup> Hes. fr. 154e.9.

**para pena infligir.** E eles rápido obedecer[am,  
 todos na expectativa de granjear a boda.<sup>233</sup>

85

Com base nesses fragmentos, vemos então que as núpcias são algo comum na vida dos heróis, algo que se aplica tanto ao fim do *Catálogo*, que aponta para o princípio da Guerra de Troia em virtude do rapto de Helena, como também à poesia épica homérica, na qual os principais conflitos decorrem de disputas por mulheres, como Criseida, Briseida, Penélope e, novamente e sobretudo, Helena. Conforme aponta Ettore Cingano, há, na poesia épica, uma relação entre o tema da competição pelas núpcias e as consequências fatais que acompanham os pretendentes vencidos.<sup>234</sup> Nesse sentido, como o próprio autor nota, não há no *Catálogo* nenhuma consequência para aqueles que não conquistam a mão de Helena senão a própria Guerra de Troia e tudo que dela decorre.<sup>235</sup> Sendo assim, podemos entender que, no contexto do catálogo de pretendentes de Helena, o tema das núpcias aponta para um entendimento do ἥρωας enquanto membro de um coletivo que caminha para o seu próprio fim.

Um último fragmento no qual o termo ocorre parece endossar essa ideia:

**καὶ π]ολλὰς Ἀΐδη κεφαλὰς ἀπὸ χαλκὸν ἰάψ[ει]ν**  
**ἀν]δρῶν ἡρώων** ἐν δηϊοτήτι πεσόντων·  
 ἀλλ' οὔ πώ ποτε πατρὸς ἐπισηθάνετο φρενὸς] ὄρμη]ς· 120  
 ἀ]λλὰ ἄτε κῆρ' ἀλεείνοντες σφετέρουσι τέκεσσι  
 τ]έρποντ' ἄνθρωποι, πραπίδων δ' ἐπετέρπετ' ἐρωῆι  
 πα]τρὸς ἐρισθεν<έ>ος, μεγάλ' ἀνδράσι μηδομένοιο.

**e m]uitas cabeças ao Hades** o bronze **enviar[ia,**  
**de [ho]mens heróis** em batalha tombados,  
 mas ainda então não percebera<sup>236</sup> o impuls[o] da ment[e] paterna; 120  
 p]orém, assim como, ao evitar a ruína para seus rebentos,  
 se [d]eleitam os homens, regozijava-se com o ímpeto da mente  
 do poderoso [pa]i, que grandiosidades para os homens tramava.<sup>237</sup>

Nele consta o resultado do plano de Zeus de promover uma guerra com a intenção de dar fim à linhagem dos heróis. Sendo assim, no contexto do *Catálogo*, além de também caracterizados pelas funções de guerreiro e de rei, os heróis estão fadados a morrer em batalha, algo que é marcado também na passagem de *Trabalhos e Dias* acerca da linhagem dos heróis, como veremos a seguir.

<sup>233</sup> Hes. fr. 155.78-85.

<sup>234</sup> Cf. CINGANO (2005, p. 126).

<sup>235</sup> Cf. CINGANO (2005, p. 126).

<sup>236</sup> Cf., supra, n. 104.

<sup>237</sup> Hes. fr. 155.118-23.

### 2.3. Trabalhos e Dias

Em *Trabalhos e Dias*, o termo ἥρωες não ocorre senão duas vezes e em formas do plural, ambas no chamado mito das cinco linhagens, de forma que para bem entendermos o lugar dos heróis entre essas linhagens é preciso ter em vista o que seja esse mito.

Nomeadas a partir de metais, as outras quatro linhagens são apresentadas numa ordem que parece partir do mais para o menos valioso – começando do ouro, seguindo até o bronze e depois, na sequência da linhagem dos heróis, o ferro – a fim de representar a decadência das linhagens. No entanto, análises mais detidas já demonstraram que não é isso que está em questão, sobretudo pela caracterização que as linhagens recebem, algo sobre o que não me deterei.<sup>238</sup> O que o mito apresenta são as fases do desenvolvimento da vida humana representadas por essas linhagens, desde seu princípio até o estágio atual, a partir do qual ela pode ter continuidade ou ser totalmente destruída pelos deuses.<sup>239</sup>

Nesse sentido, a linhagem dos heróis, que é apresentada como sucessora da linhagem de bronze e antecessora da linhagem de ferro, insere-se em um contexto paradigmático, sobretudo porque, conforme nota Clay, é durante sua existência que a Justiça (Δίκη) vem ao mundo dos homens, permitindo que a linhagem se desenvolva de modo a ser caracterizada como mais justa e melhor (δικαιότερον καὶ ἄρειον, 158) do que sua antecessora:

Αὐτὰρ ἐπεὶ καὶ τοῦτο γένος κατὰ γαῖα κάλυψεν,  
αὐτίς ἔτ' ἄλλο τέταρτον ἐπὶ χθονὶ πουλυβοτείρῃ  
**Ζεὺς Κρονίδης ποίησε, δικαιότερον καὶ ἄρειον,**  
**ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἳ καλέονται**  
**ἡμίθεοι,** προτέρη γενεὴ κατ' ἀπείρονα γαῖαν. 160

Mas depois que a terra também essa espécie encobriu,  
de novo ainda outra, a quarta, sobre a terra nutre-muitos  
**Zeus Cronida produziu, mais justa e melhor,**  
**a divina espécie de varões heróis, esses chamados**  
**semideuses,** a geração anterior sobre a terra infinda. 160

Caracterizados como mais justos e melhores, os heróis são também chamados de semideuses (ἡμίθεοι, 160). Esse termo, conforme observa Nagy, ocorre uma única vez na épica heroica homérica, pertencendo, por isso mesmo, sobretudo às tradições poéticas cosmo- e

<sup>238</sup> Acerca da especificidade de cada linhagem, cf. CLAY (2003), MOST (1997) e KOENEN (1994).

<sup>239</sup> Cf. CLAY (2003, p. 84) e KOENEN (1994, p. 7).

antropogônicas,<sup>240</sup> nas quais se insere a poesia hesiódica.<sup>241</sup> Ele aponta para a origem dos heróis no envolvimento entre deuses e mortais.<sup>242</sup> Clay nota que “a geração de heróis requer intervenção contínua dos deuses de modo a preservar a sua natureza miscigenada”.<sup>243</sup> Antonio Orlando Dourado-Lopes, embora reconheça tais características como algo expresso pelo termo, faz uma ressalva, dizendo que o emprego de ἡμίθεος não se adequa bem à caracterização dos semideuses enquanto linhagem ou, como ele chama, estirpe, ambas traduções para o termo γένος, sobretudo porque os descendentes de semideuses não seriam também ἡμίθεοι.<sup>244</sup> Conforme essa perspectiva, então, embora todos os homens que participaram das guerras de Tebas e de Troia sejam ἥρωες, nem todos são ἡμίθεοι. Nesse sentido, Dourado-Lopes afirma mesmo que “Hesíodo se limita a dizer, cautelosamente, que eles [os ἥρωες] são assim [ἡμίθεοι] chamados”.<sup>245</sup> Ser chamado, aqui, traduz o verbo καλέομαι,<sup>246</sup> usado pelo poeta ou para evitar se comprometer com a ideia da miscigenação entre deuses e homens, ainda que se refira a uma relação à qual os heróis apelam constantemente,<sup>247</sup> ou para indicar que o termo é “um modo alternativo, secundário e menos adequado de se chamar os *heróis*”.<sup>248</sup>

Quanto às implicações do uso de ἡμίθεοι, Nagy ressalta que o termo, embora relacione os heróis aos deuses uma vez que deles são descendentes, não implica em imortalidade inerente, sendo antes a natureza mortal que vigora entre eles.<sup>249</sup> Seu uso aponta sobretudo para a morte e esquecimento ao qual essa linhagem está fadada,<sup>250</sup> algo que pode ser transposto, resultando em imortalização, após os heróis experienciarem a morte.<sup>251</sup> No contexto da poesia épica homérica, essa imortalização se dá em termos de κλέος (glória), que pode decorrer da morte, como no caso de Aquiles,<sup>252</sup> ou de uma grande façanha, como no caso de Odisseu, para quem o νόστος, o retorno, equivale ao κλέος.<sup>253</sup> No contexto de *Trabalhos e Dias*, no entanto, a imortalização dos heróis se dará por intermédio de Zeus, que os alocará na Ilha dos

<sup>240</sup> Cf. NAGY (2017, pp. 46-7), que remete a *Ilíada* 12.23, onde consta “Tantos quantos das encostas do Ida fluem ao mar/ (...) onde muitas adargas e elmos/ caíram no pó, bem como a linhagem de varões **semidivinos (ἡμιθέων)**:/ Febo Apolo volveu a boca de todos ao mesmo lugar” (*Il.* 12.19-24).

<sup>241</sup> Cf. NAGY (2017, pp. 37-38).

<sup>242</sup> Cf. NAGY (2017, p. 4) e também CLAY (2003, pp. 92-93).

<sup>243</sup> Cf. CLAY (2003, p. 93).

<sup>244</sup> Cf. DOURADO-LOPES (2016, p. 259).

<sup>245</sup> Cf. DOURADO-LOPES (2016, p. 259).

<sup>246</sup> Cf. Hes. *Op.* 159.

<sup>247</sup> Cf. DOURADO-LOPES (2016, p. 265).

<sup>248</sup> Cf. Hes. *Op.* 159.

<sup>249</sup> DOURADO-LOPES (2016, p. 266); grifo no original.

<sup>249</sup> Cf. NAGY (2017, pp. 49-50).

<sup>250</sup> Cf. NAGY (2017, p. 46-47).

<sup>251</sup> Cf. NAGY (2017, p. 52).

<sup>252</sup> Cf. NAGY (2017, p. 31) e também *Od.* 24.93-94.

<sup>253</sup> Cf. NAGY (2017, p. 36).



Venturosos,<sup>254</sup> sem que haja menção alguma ao κλέος. Embora o poema diga que foram alocados nessa ilha aqueles que lutaram nas guerras de Tebas e de Troia, Hesíodo teria evitado “associar simplesmente a morte na guerra e a imortalização, coerentemente recusando-se a dar ao adjetivo ‘semideus’ o sentido de uma superioridade *durante a vida*”.<sup>255</sup>

Já vimos, ao discutir o *Catálogo*, que faz parte da intenção de Zeus dar fim à linhagem dos heróis, à qual pertencem também os semideuses, e que para isso ele planeja suscitar uma guerra sobre a terra. Embora possamos entender pelos fragmentos do *Catálogo* que a guerra decisiva seja a de Troia, em *Trabalhos e Dias*, tanto ela quanto a Guerra de Tebas são ditas responsáveis pelo fim da linhagem:

καὶ τοὺς μὲν πόλεμος τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνὴ  
τοὺς μὲν ὑφ' ἑπταπύλῳ Θήβῃ, Καδμηίδι γαίῃ,  
ᾧλεσε μαρναμένους μῆλων ἔνεκ' Οἰδιπόδαο,  
τοὺς δὲ καὶ ἐν νήεσσιν ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης  
ἔς Τροίην ἀγαγὼν Ἑλένης ἔνεκ' ἠυκόμοιο. 165

E a eles **guerra danosa** e prélio terrível,  
a uns sob Tebas sete-portões, na terra cadmeia,  
destruiu, ao combaterem pelos rebanhos de Édipo,  
a outros, **nas naus, sobre o grande abismo do mar,**  
**levando a Troia** por conta de Helena bela-coma. 165

Além da justiça e da guerra, dois outros elementos caracterizam a linhagem nessa passagem, a existência de cidades e a prática de navegação. A existência das cidades, que são aqui representadas por Tebas e Troia (62 e 165), talvez possa ser pensada como elemento subjacente à própria função do rei, que aponte nas seções a respeito da *Teogonia* e do *Catálogo*, isto é, a função do rei não é possível senão em cidades. Conforme afirma Clay, o seu surgimento implica a “vida comum e a organização social”<sup>256</sup> e também a navegação, aqui manifesta enquanto meio de transporte até Troia (164-5), e a agricultura: essas atividades se relacionam ao exercício de “domesticar a inata violência humana que marcou as duas linhagens anteriores”<sup>257</sup>, isto é, a de prata e a de bronze.

No que tange à existência das cidades, uma passagem de *Trabalhos e Dias* parece paradigmática, na medida em que exemplifica de que maneiras elas podem se desenvolver de acordo com a forma como são administradas pelos reis – trata-se do chamado mito das duas

<sup>254</sup> Cf. NAGY (2017, p. 47).

<sup>255</sup> DOURADO-LOPES (2017, pp. 265-266); grifo no original.

<sup>256</sup> CLAY (2003, pp. 92-3).

<sup>257</sup> CLAY (2003, p. 93).

ciudades (225-247). Caracterizada pela justiça de seu rei,<sup>258</sup> a cidade justa “viceja, nela as gente florescem/ [...] e nunca a eles/ destina guerra aflitiva Zeus ampla-visão”<sup>259</sup> e seus habitantes “vicejam com coisas boas direto: para os barcos/ não vão, e fruto produz o solo dá-trigo”.<sup>260</sup> Já a cidade injusta, embora o apelo final do mito se destine aos reis, é caracterizada pela ação de seus indivíduos:

**οἷς δ' ὕβρις τε μέμηλε κακῆ καὶ σχέτλια ἔργα,**  
 τοῖς δὲ δίκην Κρονίδης τεκμαίρεται εὐρύοπα Ζεὺς.  
**πολλάκι καὶ ξύμπασσα πόλις κακοῦ ἀνδρὸς ἀπήύρα,** 240  
**ὅστις ἀλιτραίνει καὶ ἀτάσθαλα μηχανάσται.**  
 τοῖσιν δ' οὐρανόθεν μέγ' ἐπήγαγε πῆμα Κρονίων,  
 λιμὸν ὁμοῦ καὶ λοιμὸν, ἀποφθινύθουσι δὲ λαοί·  
 οὐδὲ γυναῖκες τίκτουσιν, μινύθουσι δὲ οἴκοι  
 Ζητὸς φραδμοσύνησιν Ὀλυμπίου· ἄλλοτε δ' αὖτε 245  
**ἢ τῶν γε στρατὸν εὐρὺν ἀπώλεσεν ἢ ὃ γε τεῖχος**  
**ἢ νέας ἐν πόντῳ Κρονίδης ἀποτείνονται αὐτῶν.**

**A quem importa nociva violência e feitos terríveis,**  
 a eles justiça destina o Cronida, Zeus ampla-visão.  
**Amiúde até urbe inteira lucra com um mau varão,** 240  
**um que ofensa comete e arma iniquidades.**  
 Sobre eles, do céu o Cronida envia grande desgraça,  
 fome e peste, e as gentes perecem;  
 as mulheres não parem e as fazendas fenecem  
 pelo plano de Zeus Olímpico. E outra vez 245  
**destrói seu amplo exército ou sua muralha**  
**ou de suas naus o Cronida se vinga no mar.**<sup>261</sup>

Na cidade injusta, portanto, uma única ação injusta que tenha sido perpetrada por um cidadão se torna um flagelo para todos, resultando na decadência física da cidade e na necessidade da prática da guerra e da navegação.

Como nota Werner, o mito apresenta uma polaridade entre δίκη (justiça) e ὕβρις/βίη (desmedida/violência),<sup>262</sup> sendo que estas duas se manifestam, sobretudo, em termos de πόλεμος (guerra). A justiça é um princípio que favorece e estrutura uma comunidade, enquanto que a guerra a destrói, algo que Werner aponta ser justamente o que se dá com a linhagem dos

<sup>258</sup> Cf. Hes. *Op.* 225: οἱ δὲ δίκας ξείνοισι καὶ ἐνδήμοισι διδοῦσιν [...] (“Os que juízos dão a estrangeiros e nativos [...]”). Nesse verso, aqueles que dão juízo não podem ser outros que não os próprios reis, algo marcado ao longo de *Trabalhos e Dias* ao se falar sobretudo dos reis devoradores de presentes que, corrompidos, favorecem aqueles que os bajulam.

<sup>259</sup> Hes. *Op.* 227-229: [...] τέθηλε πόλις, λαοὶ δ' ἀνθέουσιν ἐν αὐτῇ· [...] οὐδέ ποτ' αὐτοῖς/ ἀργαλέον πόλεμον τεκμαίρεται εὐρύοπα Ζεὺς·

<sup>260</sup> Hes. *Op.* 236-237: θάλλουσιν δ' ἀγαθοῖσι διαμπερές· οὐδ' ἐπὶ νηῶν/ νίσονται, καρπὸν δὲ φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.

<sup>261</sup> Hes. *Op.* 238-247.

<sup>262</sup> Cf. WERNER (2014, p. 45).

heróis.<sup>263</sup> Nesse sentido, é distintivo que as formas como Zeus pune a cidade injusta sejam justamente a destruição do exército e/ou das muralhas da cidade ou mesmo das naus (245-247), situações que caracterizam as guerras de Tebas e de Troia nos versos 161-165,<sup>264</sup> nos quais o poeta nos relata que:

**καὶ τοὺς μὲν πόλεμὸς τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνὴ  
τοὺς μὲν ὑφ' ἑπταπόλῳ Θήβῃ, Καδμηίδι γαίῃ,  
ᾤλεσε μαρναμένους μῆλων ἔνεκ' Οἰδιπόδαο,  
τοὺς δὲ καὶ ἐν νήεσσιν ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης  
ἔς Τροίην ἀγαγὼν Ἑλένης ἔνεκ' ἠυκόμοιο.** 165

**E a eles guerra danosa e prélio terrível,  
a uns sob Tebas sete-portões, na terra cadmeia,  
destruiu, ao combaterem pelos rebanhos de Édipo,  
a outros, nas naus, sobre o grande abismo do mar,  
levando a Troia por conta de Helena bela-coma.** 165

Um outro paralelo interessante de se observar, embora não explicitado em *Trabalhos e Dias*, é aquele entre o “mau varão, um que ofensa comete e arma iniquidades” e a figura de Páris: é justamente a ofensa à hospitalidade de Menelau, que se dá pelo rapto de Helena, que levará à violação das muralhas de Tróia e à destruição de seu exército. Chama a atenção, no entanto, que os versos 164-165 falem daqueles que morreram “nas naus, sobre o grande abismo do mar” como sendo os que foram a Tróia “por conta de Helena bela-coma”, o que nos permite inferir que não só os troianos serão flagelados, como também os aqueus. Nesse sentido, Werner nota que não parece estar no horizonte de *Trabalhos e Dias* a ideia de uma guerra justa,<sup>265</sup> ainda que na tradição mitopoética a Guerra de Troia seja por vezes vista como uma forma de punição à injustiça cometida por Páris.<sup>266</sup>

Sendo assim, visto que o mito das duas cidades pode ser relacionado justamente ao período em que vigora a linhagem dos heróis e que a discussão acerca de seu fim e o princípio da seguinte, a de ferro, será tema do próximo capítulo, basta por ora concluir que, no contexto de *Trabalhos e Dias*, os heróis, integralmente referidos no mito das cinco linhagens como coletivo pelo termo ἥρωες no plural, são um grupo de homens, dentre os quais há aqueles que são semideuses, cujas atividades principais são a regência das cidades e também sua proteção por meio de guerras, das quais decorrerá também o seu fim. No entanto, diferente das linhagens

<sup>263</sup> Cf. WERNER (2014, p. 47).

<sup>264</sup> Cf. WERNER (2014, p. 47).

<sup>265</sup> Cf. WERNER (2014, p. 48).

<sup>266</sup> Cf., por exemplo., Hes. fr. 19.19-20. A questão permeia ainda o *Agamêmnon* de Ésquilo, cf. vv. 40-67, 104-145, onde a expedição é colocada em termos de punição, mas ainda assim passível de crítica.

anteriores, há entre eles a justiça, seja como princípio social, seja como divindade, algo que pode favorecê-los, caso a respeitem, ou, do contrário, prejudicá-los e acarretar seu fim. Isso, como veremos, será essencial para se pensar o modo como essa linhagem será tratada por Zeus no *post-mortem*.

#### **2.4. Conclusão**

Conforme demonstrei, não é possível caracterizar o herói enquanto indivíduo no contexto da poesia hesiódica senão pelas funções que pode exercer, isto é, a de guerreiro, fundador e rei. No entanto, ao tentar defini-lo, revelou-se que o termo ἥρωες abarca um coletivo de homens caracterizados como mais justos que a linhagem que os precedeu e como mortais, embora parte deles descenda dos deuses. Vivendo em cidades, suas principais práticas podem ser, variando de acordo com o contexto, a navegação, agricultura/pecuária e também a guerra. Embora caracterizados como justos, é sobretudo pela guerra que sua linhagem também está fadada a ser destruída.

### 3. O FIM DA LINHAGEM DOS HERÓIS NO EPOS GREGO ARCAICO

Conforme se viu no último capítulo, a chamada linhagem dos heróis está destinada a ser destruída. Quais as razões para que essa destruição ocorra, os modos como ela ocorre e o que ela acarreta, no entanto, são questões cujas respostas não são apresentadas da mesma maneira na tradição hexamétrica grega arcaica, nos testemunhos a seu respeito e nem mesmo na hesiódica, não sendo sequer tema central em nenhum dos poemas supérstites, mas algo mencionado pela narrativa ou latente nela. Sendo assim, neste capítulo, buscarei analisar de que formas a tradição alude a essas questões. Para isso, faço uma leitura comparativa de diversos poemas da tradição hexamétrica grega arcaica, partindo dos poemas hesiódicos, isto é, do *Catálogo das Mulheres* e de *Trabalhos e Dias*, deixando de fora a *Teogonia*, cujo escopo foge da questão, e passando pelos poemas homéricos, tanto pela *Iliada* e *Odisseia* quanto pelos *Hinos Homéricos*, e também pelo poema épico fragmentário conhecido como *Cantos Cíprios*.

#### 3.1. Antecedentes

No *Catálogo*, a intenção de Zeus de destruir a linhagem dos heróis está associada ao nascimento de Hermíone, filha de Helena e Menelau, que é caracterizado pelo poeta como “inesperado” (ἄελπτον), como se pode ver no excerto abaixo:

ἧ τέκεν Ἑρμιόνην καλλίσφυρ[ο]ν ἐν μεγάροισιν  
**ἄελπτον**. πάντες δὲ θεοὶ δίχα θυμὸν ἔθεντο 95  
 ἐξ ἔριδος· δὴ γὰρ τότε μήδετο θέσκελα ἔργα  
 Ζεὺς ὑπιβρεμέτης, μεῖζαι κατ' ἀπείρονα γαῖαν  
 τυρβάξας, ἦδη δὲ γένος μερόπων ἀνθρώπων  
**πολλὸν ἀϊστῶσαι σπεῦδε, πρόφασιν μὲν ὀλέσθαι**  
**ψυχὰς ἡμιθέω[ν] ..... .]οἰσι βροτοῖσι** 100  
 τέκνα θεῶν μι[...].[...].[...].[...].[...].[...].[...].  
 ἀλλ' οἱ μ[ε]ν μάκ[α]ρες κ[...].[...].[...].[...].[...].  
**χωρὶς ἀπ' ἀν[θ]ρώπων[ ] βίωτον καὶ ἦθε' ἔχουσιν**  
 τῶ[ι θ]ῆ[κ'] {ε} ἀθα[νάτω]ν τε ἰδέ[ ] θνητῶν ἀνθρώπων  
**ἀργαλέον πόλεμον· (...)]** 105

Ela gerou Hermíone de belo tornoz[e]lo no palácio,  
**inesperada**. Todos os deuses o peito dividido tinham 95  
 pela discórdia, **pois então tramava assombrosos feitos**  
**Zeus troveja-alto**, suscitar sobre a imensurável terra  
 adversidade, e **a linhagem dos falantes homens,**  
**numerosa, já ansiava obliterar como r[a]zão para destruir**  
**a vida dos semideuse[s] ] para os mortais** 100  
 prole dos deuses ... com os [o]lhos vendo,  
 mas os ventur[o]sos ... , **como outrora,**

apartados dos h[om]ens, [vida e] morada teriam;  
 ass[im e]s[tabeleceu] para [imo]rtai[s e] homens mortais  
 árdua guerra: (...) ]<sup>267</sup>

105

Em uma primeira leitura, não há nada que indique propriamente que o nascimento da menina teria motivado nem a discórdia entre os deuses, que é explicada pela oração introduzida por γάρ (96), nem a vontade de Zeus de destruir a “linhagem dos falantes homens” (99) a fim de dar cabo da “vida dos semideuses” (100). No verso 95, passa-se de Hermíone para os deuses por meio da partícula δέ, que indica pouco mais que mudança de sujeito. Assim, seu nascimento parece antes circunstancial, marcando o momento no qual tal situação ocorria no universo divino.

José González, no entanto, propõe uma leitura diferente: para ele, primeiro é necessário compreender que πρόφασιν (99) não diz respeito a um “pretexto”, conforme geralmente se lê a passagem, mas a uma declaração pública, jamais expressando qualquer intenção secreta, de modo que Zeus ansiaria obliterar os “falantes homens” para “claramente destruir a vida dos semideuses”.<sup>268</sup> A partir disso, o nascimento de Hermíone, que é caracterizada como “inesperada” (ἄεπλον, 95), não indicaria apenas o momento em que a discórdia dos deuses e a destruição da linhagem dos heróis teria início, mas seria ela mesma o estopim de tudo.<sup>269</sup> Dada a possibilidade de que a narrativa acerca do nascimento da filha de Helena fosse minimamente conhecida pelo público, já que a narrativa do *Catálogo* acerca de seu nascimento é muito breve, González considera que ou Helena fora proibida pelos deuses, sobretudo por Zeus, de ter filhos e acabou por desobedecê-lo ou, então, que ela não acreditava ser capaz de ter filhos<sup>270</sup>. Hirschberger, em uma sugestão mais alinhada à segunda possibilidade levantada por González e embasada na narrativa de *Odisseia* 8.11 (conforme a qual os deuses tornam Helena infértil depois do nascimento de Hermíone), diz que é possível que houvesse uma tradição em que Helena fosse absolutamente infértil, donde a caracterização de Hermíone como “inesperada”.<sup>271</sup>

Nessa passagem, a relação entre homens (ἄνθρώπων, 99) e semideuses (ἡμιθέων, 100) parece significativa: conforme apresentei no fim do capítulo anterior, semideuses (ἡμίθεοι) denomina, na poesia hesiódica, um conjunto de homens que são filhos de divindades com mortais e pertencem à linhagem dos heróis. Mais que isso, eles “constituem a raiz da qual toda

<sup>267</sup> Hes. fr. 155.94-105.

<sup>268</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p.380).

<sup>269</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 394).

<sup>270</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, pp. 392-393).

<sup>271</sup> Cf. HIRSCHBERGER (2004, pp. 415-416).

a árvore genealógica heroica germina”.<sup>272</sup> Nesse sentido, quanto ao que sejam os ἄνθρωποι aqui, concordo com González que eles não são um grupo de mortais “ordinários” contrastados com os heróis-semideuses,<sup>273</sup> mas uma parte constituinte da própria linhagem dos heróis, de forma que o termo denomina os demais mortais que não são propriamente semideuses, ou seja, aqueles que não são filhos dos deuses, mas seus descendentes. Sendo assim, embora em uma leitura os semideuses pudessem parecer ser o alvo final dos planos de Zeus, a destruição, na verdade, diz respeito a todos os mortais de então.

Nesse sentido, é significativa a suplementação proposta por González aos versos 100-101. Na edição de Most, lemos que:

<p>(...) <b>πρ[ό]φασιν μὲν ὀλέσθαι</b>  <b>ψυχὰς ἡμιθέω[v ..... ..]οῖσι βροτοῖσι</b>  <b>τέκνα θεῶν μι[...].[..]ο.[ὀφ]θαλμοῖσιν ὀρῶντα (...)</b></p>	100
<p>(...) <b>como r[a]zão para destruir</b>  <b>a vida dos semideuse[s] ] para os mortais</b>  <b>prole dos deuses ... com os [o]lhos vendo</b></p>	100

Most não sugere suplemento algum às lacunas desses versos e, assim, βροτοῖσι fica isolado no fim do verso sem nenhuma interação explícita com quaisquer outros termos, e lê-se τέκνα em associação direta com θεῶν, entendido a princípio como “prole dos deuses”.

Já González sugere uma única suplementação para o verso 100 e duas para o 101:<sup>274</sup>

ψυχὰς ἡμιθέω[v οἷς τ' ὀκυμόρ]οῖσι βροτοῖσιν /  
 τέκνα θεῶν μί[αν αἴσαν ἐν ὀφ]θαλμοῖσιν ὀρῶντα  
 οὐ τέκνα θεῶν μί[τον οὔλον ἐν ὀφ]θαλμοῖσιν ὀρῶντα.<sup>275</sup>

Sua tradução para os versos 99-101 é a seguinte:

... avowedly to destroy  
 the lives of the demigods, the short-lived mortals whose  
 offspring see before their eyes one [and the same] doom from the gods  
 (offspring see before their eyes a baneful fate from the gods).<sup>276</sup> 101

(...) declaradamente para destruir  
 a vida dos semideuses, os mortais de curta vida cuja

<sup>272</sup> GONZÁLEZ (2010, pp. 397-398).

<sup>273</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 382).

<sup>274</sup> Para outras propostas de suplementação, cf. HIRSCHBERGER (2004, p. 418) e o aparato crítico em WEST (1990).

<sup>275</sup> GONZÁLEZ (2010, pp. 402-403).

<sup>276</sup> GONZÁLEZ (2010, pp. 402-403).

prole vê diante de seus olhos uma (e a mesma) ruína vinda dos deuses  
(prole vê diante de seus olhos um funesto destino vindo dos deuses).

Na leitura de González, então, βροτοῖσι integra uma oração relativa associado a τέκνα, que deixa de ser associado a θεῶν, já que este passa a servir de adjunto nominal de μίαν αἴσαν/μίτον οὐλον. Nessa construção, conforme defende o autor, reforça-se a ideia de que toda a linhagem, que abarca tanto os filhos quantos os demais descendentes dos deuses, está submetida ao destino designado por Zeus, o de viverem pouco e de serem aniquilados, e de que esse desígnio diz respeito a todos os mortais, atribuindo assim à ἔρις que vigora entre os deuses por conta do nascimento de Hermíone um valor instrumental.

Os versos 102-103 (ἀλλ' οἱ μ[ἐ]ν μάκ[α]ρες κ[.....]ν ὥς τὸ πάρος περ/ χωρὶς ἀπ' ἀν[θ]ρώπων[ βίοντον κα]ὶ ἥθε' ἔχουσιν), embora não haja neles qualquer conjunção final, parecem indicar a finalidade visada pelo deus: que os deuses venturosos voltassem a viver apartados dos homens. William Allan sugere, seguindo sobretudo a leitura de West,<sup>277</sup> que os versos possam se referir não aos deuses, mas ao deslocamento dos heróis para um lugar apartado dos mortais.<sup>278</sup> Contudo, para que essa ideia vigore, seria preciso entender que μάκαρες (102) refira-se aos heróis.<sup>279</sup> Mas além do fato de que o termo no plural se refere exclusivamente aos deuses na poesia hexamétrica grega arcaica,<sup>280</sup> também não há nada que indique, na leitura de ὥς τὸ πάρος περ (“como outrora”, 102), que os heróis tenham tido uma vida pregressa em que vivessem “apartados dos mortais” (χωρὶς ἀπ' ἀνθρώπων, 103), sobretudo porque isso pressuporia existência de mortais que fossem distintos dos heróis.<sup>281</sup> Que a proximidade excessiva entre deuses e heróis (por exemplo, por meio da geração de filhos em comum) seja representada como problemática na tradição hexamétrica, isso já o notaram diversos estudiosos, dentre os quais Graziosi e Haubold<sup>282</sup>, González<sup>283</sup> e também Clay<sup>284</sup>.

Na poesia épica homérica, no qual a relações divinas estão finalmente balanceadas pelo poder estabelecido de Zeus e pelas τίμαι concedidas aos demais deuses, Graziosi e Haubold afirmam que a principal fonte de conflitos entre eles são os acontecimentos humanos,

<sup>277</sup> WEST (1985, pp. 119-121) e também (1997, pp. 480-482).

<sup>278</sup> Cf. ALLAN (2008, p. 209).

<sup>279</sup> Cf. WEST (1985, p. 120) e KOENEN (1994, p. 29, n.67).

<sup>280</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 411), que, opondo-se a West e a Koenen referidos acima, defende o uso específico do termo no plural apenas para os deuses e argumenta que “quando o adjetivo é aplicado aos mortais, ele é evidentemente acompanhado por um substantivo ou adjetivo elucidativo”, como é o caso de Hes. *Op.* 139 onde consta μάκαρες θνητοί (venturosos mortais). Nesse sentido, ele defende ainda que mesmo a Ilha dos Venturosos (μακάρων νῆσοι) seria originalmente uma ilha dos deuses (venturosos).

<sup>281</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 412).

<sup>282</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 72).

<sup>283</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, pp. 396, 417).

<sup>284</sup> Cf. CLAY (2003, p. 164).



sobretudo aqueles relacionados aos semideuses, isto é, aos filhos humanos dos deuses,<sup>285</sup> como, por exemplo, o conflito entre Zeus e Hera decorrente da promessa de honrar Aquiles feita a Tétis por Zeus<sup>286</sup> ou, também entre esse par de deuses, a controvérsia acerca da morte de Sarpédon.<sup>287</sup> Além disso, como aponta González, na poesia homérica, os deuses são caracterizados como espectadores privilegiados da Guerra de Troia e, por ser essa uma condição que favorece a empatia e parcialidade, eles acabam se envolvendo com as situações de guerra e gerando dissenso entre si.<sup>288</sup>

Clay, inter-relacionando o mito de sucessão presente na *Teogonia* às histórias de Tétis e Aquiles e de Afrodite e Eneias, ou seja, de deusas com sua prole mortal, afirma que são sobretudo as deusas, com seu poder de sedução e de geração e com seu cuidado maternal, que se apresentam como ameaça a “estabilidade e serenidade olímpicas”.<sup>289</sup>

De fato, como se viu, o caso de Aquiles suscita mesmo problemas no Olimpo. Quanto ao caso de Afrodite e Eneias, embora Clay não especifique em que contexto essa relação se mostra problemática, é fácil inferir que se trata do resgate operado pela deusa no quinto canto da *Iliada*, no qual ela, ao tentar resgatar seu filho da morte iminente, é ferida por Diomedes e, se apressando para o Olimpo, é cuidada e consolada por sua mãe, Dione. A ideia de que o contato entre humanos e deuses é fonte de problemas para estes é reiterado não só pela série de episódios de agressão aos deuses perpetrados por homens que é narrada por Dione<sup>290</sup> como também pela fala que, escarnecendo de Afrodite, Atena dirige a seu pai.<sup>291</sup> No relato da mãe de Afrodite, diversos foram os deuses vítimas dos homens, dentre eles, Ares, Hera e mesmo Hades.<sup>292</sup> Dentre os agressores, consta até mesmo Hércules. A fala de Atena a Zeus é introduzida pelo poeta da seguinte maneira:

αἰ δ' αὐτ' εἰσορώσαι Ἀθηναίη τε καὶ Ἥρη <b>κερτομίους ἐπέεσσι Δία Κρονίδην ἐρέθιζον.</b>	
τοῖσι δὲ μύθων ἦρχε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη·	420
Ζεῦ πάτερ ἦ ρά τί μοι κεχολώσεται ὅτι κεν εἶπω;	
ἦ μάλα δὴ τινα Κύπρις Ἀχαιϊάδων ἀνείισα	
Τρῶσιν ἅμα σπέσθαι, τοὺς νῦν ἐκπαγλα φίλησε,	
τῶν τινα καρρέζουσα Ἀχαιϊάδων εὐπέπλων	
πρὸς χρυσοῦ περόνη καταμύξατο χεῖρα ἀραιήν.	425

<sup>285</sup> Cf. GRAZIOSI & HAUBOLD (2013, p. 72) e também GONZÁLEZ (2010, pp. 396, 417).

<sup>286</sup> Cf. *Il.* 1.540-569.

<sup>287</sup> Cf. *Il.* 16.431-458.

<sup>288</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 417).

<sup>289</sup> CLAY (2003, p. 164)

<sup>290</sup> Cf. *Il.* 5.381-404.

<sup>291</sup> Cf. *Il.* 5.418-425

<sup>292</sup> Cf. *Il.* 5.381-404.

Atena e Hera, por sua vez, vendo isso,  
**com palavras assanhadas provocaram Zeus Cronida;**  
entre eles começou a falar a deusa, Atena olhos-de-coruja: 420  
“Zeus pai, ficarás furioso pelo que vou dizer?  
Creio que Cípris, incitando uma mulher aqueia  
a seguir os troianos, que agora ama demais,  
acariciando uma aqueia belo-peplo,  
arranhou a mão fina em fivela de ouro”.<sup>293</sup> 425

As deusas provocam Zeus, caçoando de Afrodite, que não fora ao campo de batalha “incitar mulher aqueia/ a seguir os troianos” (uma clara referência ao rapto de Helena), mas proteger seu próprio filho. Nesse contexto, pesa não só o cuidado dos deuses com seus próprios filhos, mas também a predileção que eles têm por uma ou outra parte dos envolvidos na guerra.

Assim sendo, justifica-se a ênfase dada por Clay às deusas, estendida aqui sobre um espectro mais amplo que abarca não só Tétis e Afrodite, mas também Hera e Atena, que usam de provocações para desestabilizar a harmonia olimpiana. Seja como for, o denominador comum em todos os casos vistos parece ser, na verdade, os semideuses enquanto objeto de cuidado de deuses mais ou menos específicos.

Nesse sentido, então, vemos que um dos motivos da decisão de Zeus pelo fim da linhagem dos heróis é a potencial instabilidade que a existência desses seres, sobretudo daqueles que são filhos dos deuses, suscita no universo divino, de modo que sua destruição não é senão instrumental para o objetivo final de Zeus de apartar deuses de humanos.<sup>294</sup>

Como discuti acima, não parece possível pensar que, na narrativa do *Catálogo*, quem terá vida e morada apartada dos mortais sejam os heróis. Nesse sentido, González suplementa a lacuna do verso 102 com *κὰς ὕστερον*, mas se opõe a *βίωτος* para o verso 103,<sup>295</sup> já que o termo está estritamente associado à mortalidade, não sendo assim apropriado para descrever a vida dos deuses.<sup>296</sup> Ele sugere, então, suplementar o verso com *εὐνάς κατὰ ἦθε'(α)* ou com *φιλότητα κατ' ἦθε'(α)*.<sup>297</sup> Em ambos os casos, tanto *εὐνάς* quanto *φιλότητα* diriam respeito à vida sexual dos deuses. Já *κατὰ ἦθεα*, defende González, diria respeito “ao que é usual entre os deuses (“aceito” e conseqüentemente “aceitável”), e equivalente a ‘conforme é apropriado’”.<sup>298</sup> Dessa forma, a ideia essencial é que os deuses, conforme lhes cabe, a partir de então, como outrora, abstivessem-se de relações tanto amigáveis quanto sexuais com os mortais.

<sup>293</sup> *Il.* 5.418-425, grifo meu.

<sup>294</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 399).

<sup>295</sup> Cf. KOENEN (1994, p. 29, n. 68).

<sup>296</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 412).

<sup>297</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, pp. 412-413).

<sup>298</sup> GONZÁLEZ (2010, p. 414).

Essa ideia, sobretudo quanto ao âmbito sexual, encontra respaldo no *Hino Homérico V - a Afrodite*, em que o poder que a deusa tem de incitar o enlace entre deuses e mortais – e mais ainda o deboche que lhes dirige por isso – é tematizado:

Τῇ δὲ καὶ αὐτῇ Ζεὺς γλυκὸν ἴμερον ἔμβαλε θυμῷ 45  
 ἀνδρὶ καταθητῷ μυχθήμεναι, ὄφρα τάχιστα  
 μηδ' αὐτὴ βροτέης εὐνής ἀποεργμένη εἶη  
**καὶ ποτ' ἐπευξαμένη εἶπη μετὰ πᾶσι θεοῖσιν**  
**ἠδὲ γελοῖσασα φιλομειδῆς Ἀφροδίτη**  
**ὥς ῥα θεοὺς συνέμιξε καταθητῆσι γυναιξὶ 50**  
 καὶ τε καταθητοὺς υἱεῖς τέκον ἀθανάτοισιν,  
**ὥς τε θεὰς ἀνέμιξε καταθητοῖς ἀνθρώποις.**

Mas da própria Afrodite Zeus no ânimo pôs doce desejo 45  
 de se unir a um homem mortal, e rápido foi,  
 para que ela não se impedisse de um leito mortal  
**e para que, quando junto dos deuses, não mais pudesse ela,**  
**a ama-sorriso Afrodite, com atrevido sorriso, gabar-se**  
**de induzir à união deuses e mulheres mortais 50**  
 – estas aos imortais mortais filhos geraram –  
**além de enredar deusas a homens mortais.**<sup>299</sup>

Voltando à passagem do *Catálogo*, portanto, tanto a discórdia entre os deuses que se instaura após o nascimento de Hermíone, quanto o fim da linhagem dos heróis seriam modos instrumentais de Zeus atingir seu objetivo último de reestabelecer a ordem cósmica e de manter a vida dos deuses livre das perturbações decorrentes do contato entre deuses e mortais.

Passando a outras instâncias da tradição hexamétrica grega arcaica, no entanto, nos deparamos ainda com outra razão: a superpopulação da Terra. Nos *Cantos Cíprios*, um poema do ciclo troiano que narra os acontecimentos anteriores àqueles que perfazem a narrativa central da *Iliada*, temos nos primeiros versos do primeiro fragmento, preservado num escólio a *Iliada* 1.5., a narrativa de que:

ἦν ὅτε μυρία φύλα κατὰ χθόνα πλαζόμενα <αἰεὶ  
 ἀνθρώπων ἐ>βάρυ<νε βαθυ>στέρνου πλάτος αἴης,  
 Ζεὺς δὲ ἰδὼν ἐλέησε καὶ ἐν πυκιναῖς πρᾶπίδεσσιν  
 κουφίσαι ἀνθρώπων παμβώτορα σύνθετο γαῖαν [...]

Havia então, movendo-se sempre sobre a terra, **incontáveis tribos de homens que estorvavam a extensão da Terra de cavo peito. Zeus, ao perceber, apiedou-se e na mente sagaz resolveu aliviar dos homens a Terra de tudo nutriz [...]**<sup>300</sup>

<sup>299</sup> *h. Ven.* 45-52.

<sup>300</sup> *Cypr. fr.* 1.1-4

A passagem indica que grande quantidade de homens sobrecarregava a Terra e que, por iniciativa de Zeus, isso poderia ser solucionado. O escólio que preserva o fragmento não só inverte o sujeito da iniciativa como também adiciona um elemento moral à questão:

ἄλλοι δὲ ἀπὸ ἱστορίας τινὸς εἶπον εἰρηκέναι τὸν Ὅμηρον. φασὶ γὰρ τὴν γῆν βαρουμένην ὑπὸ ἀνθρώπων πολυπληθείας, μηδεμιᾶς ἀνθρώπων οὔσης εὐσεβείας, αἰτῆσαι τὸν Δία κουφισθῆναι τοῦ ἄχθους.

Outros declararam que Homero fala de uma narrativa. Pois dizem que **Terra, sobrecarregada pela multidão de homens e por não haver piedade entre eles**, demandou que Zeus a aliviasse do fardo.<sup>301</sup>

Conforme o escólio, a iniciativa de buscar alívio é de Terra, que exige de Zeus um meio de livrá-la da “multidão de homens”. Diferente do fragmento, no entanto, o escólio apresenta como problema não só a quantidade de homens, mas a falta de piedade (εὐσεβείας) que vigorava entre eles. Falta de piedade, aqui, parece se relacionar a certa noção de justiça, isto é, ser ímpio para com os deuses significa não respeitar as suas prerrogativas. Embora o termo εὐσεβεία não ocorra nem em Homero, nem em Hesíodo, algumas passagens parecem indicar o que vem a ser a piedade e em que medida ela pode, talvez guardadas as devidas proporções, ser relacionada a certa noção de justiça: em *Il.* 24.65-70, Zeus se dirige a Hera para que ela não enfureça com a proteção dedicada ao cadáver de Heitor pelos deuses e diz que, da parte do herói, οὐ γὰρ μοί ποτε βωμὸς ἐδεύετο δαιτὸς εἴσης/ λουβῆς τε κνίσης τε· τὸ γὰρ λάχομεν γέρας ἡμεῖς. (“Em meu altar nunca faltaram **porção justa,/ libação e olor: essa a mercê que nos é atribuída**”), isto é, Heitor sempre respeitou as prerrogativas divinas. Nesse sentido, em *Op.* 134-139, se diz que a linhagem de prata fora destruída porque, dentre outras coisas, não queriam servir aos deuses nem lhes dedicar sacrifícios. Soma-se a isso, conforme afirma Allan, o fato de que “é elemento básico do universo moral dos poemas [*Iliada* e *Odisseia*] que a justiça é estritamente relacionada à sensibilidade acerca da honra de alguém assim como acerca da honra de outros”.<sup>302</sup>

Ainda que essa questão acerca da justiça e piedade diga mais respeito à recepção dos *Cantos Cíprios* que ao seu conteúdo propriamente dito, é possível relacionar tal recepção ao que parece subjazer à narrativa de *Trabalhos e Dias*, onde o fim da linhagem dos heróis decorre das guerras de Tebas e de Troia, que resulta de um ato de injustiça, como busquei apontar no último capítulo.

<sup>301</sup> Schol. (D) *Il.* 1.5 (= *Cypr.* fr. 1).

<sup>302</sup> ALLAN (2006, p. 12), que argumenta a favor de um conceito de justiça compartilhado entre o *corpus* hesiódico e homérico.

Dessa forma, seria possível vislumbrar na tradição duas outras razões para a intenção de Zeus de destruir a linhagem dos heróis: a grande quantidade de homens e o princípio moral relativo à justiça.

### 3.2. Modos e seus agentes

#### 3.2.1. As guerras de Troia e de Tebas

Como vimos no fragmento 155 do *Catálogo*, visando apartar deuses de mortais, Zeus planeja suscitar uma adversidade sobre a terra que resultaria no fim da linhagem dos heróis. Mas que adversidade seria essa? Conforme os versos seguintes do fragmento, essa adversidade seria, segundo um suplemento, uma “árdua guerra” (105).<sup>303</sup> A sequência preservada dos versos 105-106 fala de sofrimentos infligidos por Zeus aos mortais. No entanto, a passagem não explicita nem o tipo de sofrimento nem que guerra seria essa. Ainda assim, com base no desenvolvimento da narrativa no poema, pode-se supor que se trate da Guerra de Troia. Vejamos:

καὶ πολλὰς Αἴδη κεφαλὰς ἀπὸ χαλκὸν ἰάψ[ει]ν  
 ἀνδρῶν ἡρώων ἐν δηϊοτήτι πεσόντων·  
 ἀλλ' οὐ πώ ποτε πατρὸς ἐπισθάνετο φρενὸς ὄρμη[ς]· 120  
 ἀλλὰ ἄτε κῆρ' ἀλεείνοντες σφετέρωσι τέκεσσι  
 τέρποντ' ἄνθρωποι, **πραπίδων δ' ἐπετέρπετ' ἐρωῆι**  
**πατρὸς ἐρισθεν<έ>ος, μεγάλ' ἀνδράσι μηδομένοιο.**

e m]uitas cabeças ao Hades o bronze enviar[ia],  
 de [ho]mens heróis em batalha tombados [...] mas ainda então não percebera o impuls[o] da ment[e] paterna; 120  
 p]orém, assim como, ao evitar a ruína para seus rebentos, se [d]eleitam os homens, **regozijava-se com o ímpeto da mente do poderoso [pa]i, que grandiosidades para os homens tramava.**<sup>304</sup>

Como se vê, em meio a uma guerra, diversos heróis morreriam subjogados em batalha. Nessa passagem, o “poderoso pai”, cujas tramas são grandiosas, parece designar ninguém menos que Zeus. Em que medida esses versos podem ser relacionados à Guerra de Tróia, isso é sugerido pela linguagem tradicional que é utilizada em sua construção e que se assemelha a três versos do próêmio da *Iliada*:

πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν  
 ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἐλώρια τεῦχε κύνεσσιν

<sup>303</sup> Sigo aqui o suplemento proposto por MOST (2007). Cf. HIRSCHBERGER (2004, pp. 419) para outras suplementações.

<sup>304</sup> Hes. fr. 155.118-123.

οἰωνοῖσί τε πᾶσι, Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή (...) 5

**remessou ao Hades muitas almas vigorosas  
de heróis** e fez deles mesmos presas de cães  
e banquete de aves – **completava-se o designio de Zeus**<sup>305</sup> 5

Esses versos iliádicos – parece-me possível sugerir – são análogos aos versos 118-119 do *Catálogo*: em ambas passagens, o verbo *ιάπτω* marca o Hades como destino de uma grande parte (π]ολλὰς ... κεφαλὰς; πολλὰς ... ψυχὰς) dos heróis ([ἀνδρῶν] ἥρώων). Sugiro ainda que ambas as passagens do *Catálogo* (fr. 155.95-103, 118-123) configuram-se como parte do que no início da *Iliáda* chama-se de Διὸς βουλή.

Muito embora haja uma grande discussão acerca do que seria a Διὸς βουλή no proêmio da *Iliáda* – se ela diria respeito à τιμή de Aquiles ou à Guerra de Troia como um todo –, diversos poemas da tradição hexamétrica grega arcaica não só nomeiam a Guerra de Troia como contexto do fim da linhagem dos heróis, mas também sugerem que uma Διὸς βουλή diga respeito a ela, de modo que parece possível a hipótese de que a guerra destinada a destruir a linhagem dos heróis mencionada no *Catálogo* é a de Troia.

Um desses poemas é cíclico *Cantos Cíprios*. Já vimos, na seção anterior, que seu primeiro fragmento explica uma das razões pelas quais Zeus decide destruir os mortais, isto é, a sobrecarga que eles infligem à Terra; continuando o fragmento:

κουφίσαι ἀνθρώπων παμβώτορα σύνθετο γαῖαν,  
**ῥίπισσας πολέμου μεγάλην ἔριν Ἰλιακοῖο** 5  
ὄφρα κενώσειεν θανάτῳ βᾶρος. οἱ δ' ἐνὶ Τροίῃ  
**ἥρωες κτείνοντο, Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή.**

resolveu aliviar dos homens a Terra de tudo nutriz,  
**lançando a grande disputa que foi a Guerra de Troia** 5  
para exaurir o peso com morte. Aqueles **em Troia,**  
**heróis, morreram, e cumpriu-se o designio de Zeus.**<sup>306</sup>

Embora a questão da sobrecarga de Terra não seja tematizada na *Iliáda*, a morte dos heróis no contexto específico da Guerra de Troia é, tanto lá quanto aqui, associada a uma Διὸς βουλή, algo que a recepção do escoliasta que preservou o fragmento e também o resumo de Proclo dos *Cantos Cíprios* parecem reforçar. No registro do primeiro argumento que este faz do poema, não só é tematizada a deliberação de Zeus, que se dá junto a Têmis, como ela também é expressa por meio do verbo βουλευομαι: **Ζεὺς βουλεύεται μετὰ τῆς Θέμιδος περὶ τοῦ**

<sup>305</sup> *Il.* 1.3-5.

<sup>306</sup> *Cypr.* fr. 1.4-7.

Τρωϊκοῦ πολέμου (“**Zeus delibera** junto a Têmis acerca da Guerra de Troia”). Segundo o escoliasta, a Guerra de Troia ἦν **Διὸς βουλήν** Ὅμηρός φησιν (“era aquela que Homero diz ser **o desígnio de Zeus**”).<sup>307</sup>

Em “Performing the Will of Zeus”, Allan discute a abrangência e particularidades da expressão Διὸς βουλή. A conclusão a que chega é que, mais do que entender a expressão como o referente de um desígnio unívoco,<sup>308</sup> é preciso compreendê-la como um recurso poético que tem sentidos locais, isto é, restritos ao contexto do poema no qual figura, mas também amplos, que dizem respeito às demais narrativas da tradição épica<sup>309</sup> e, sobretudo, ao poder supremo de Zeus tanto sobre homens quanto deuses<sup>310</sup>. Além disso, o uso que os poetas fazem da fórmula lhes permite não só inserir sua narrativa na tradição, mas também reivindicar autoridade poética, na medida em que, favorecidos por sua relação privilegiada com as Musas, detêm até mesmo conhecimento dos pensamentos e desígnios de Zeus, relacionando, dessa maneira, sua narrativa ao contexto cósmico.<sup>311</sup>

Sendo assim, o que essas ocorrências permitem afirmar é que, ainda que o fim da linhagem dos heróis não seja tematizado na *Iliada* e nem seja necessariamente parte da Διὸς βουλή neste e em outros poemas da tradição hexamétrica grega arcaica, a Guerra de Troia é um evento que integra o contexto em que esses homens encontram seu fim, servindo de instrumento para que Zeus dê cabo dessa linhagem.

Uma outra guerra consta na tradição como parte do processo de destruição da linhagem dos heróis, trata-se da Guerra de Tebas. Ainda no contexto dos *Cantos Cíprios*, sua ocorrência só é registrada pelo escoliasta da *Iliada*, não sendo mencionada nem pelos fragmentos supérstites nem por Proclo em seus argumentos. Conforme o escólio, depois de cobrado por Terra para que desse cabo da “multidão de homens”,

**τὸν δὲ Δία, πρῶτον μὲν εὐθὺς ποιῆσαι τὸν Θηβαϊκὸν πόλεμον, δι' οὗ πολλοὺς πάνυ ἀπόλεσεν, ὕστερον δὲ πάλιν τὸν Ἰλιακόν,** συμβούλω τῷ Μώμῳ χρησάμενος, ἦν Διὸς βουλήν Ὅμηρός φησιν, ἐπειδὴ οἷός τε ἦν κεραυνοῖς ἢ κατακλισμοῖς ἅπαντας διαφθεῖρειν·

**Zeus, então, primeiro e de imediato promoveu a Guerra de Tebas, por meio da qual matou muitos de uma só vez. Em seguida, promoveu novamente, orientado pelo conselheiro Escárnio, a de Troia – que Homero diz ser o desígnio de Zeus –, uma vez que era capaz de tudo destruir com conflagrações ou cataclismos.**

<sup>307</sup> Schol. (D) *Il.* 1.5 (= *Cypr.* fr. 1)

<sup>308</sup> ALLAN (2008, p. 210).

<sup>309</sup> ALLAN (2008, p. 211).

<sup>310</sup> ALLAN (2008, pp. 207 e 213).

<sup>311</sup> ALLAN (2008, pp. 212-213).

Nesse contexto, então, essa guerra é predecessora da Guerra de Troia, mas, diferente dela, não tem caráter terminal no que diz respeito ao fim da linhagem dos heróis.

No *Catálogo*, a Guerra de Tebas subjaz aos versos do fragmento 136, no qual são mencionados a morte e sepultamento de Édipo.<sup>312</sup> Contudo, nada mais se diz a seu respeito. O poema hesiódico que a menciona explicitamente é *Trabalhos e Dias*, no qual ela é, junto a Guerra de Troia, causa da destruição da linhagem dos heróis. O poeta narra que:

**καὶ τοὺς μὲν πόλεμὸς τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνῆ  
τοὺς μὲν ὑφ' ἑπταπύλῳ Θήβῃ, Καδμηίδι γαίῃ,  
ᾧλεσε μαρναμένους μῆλων ἔνεκ' Οἰδιπόδαο,  
τοὺς δὲ καὶ ἐν νήεσσιν ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης  
ἔς Τροίην ἀγαγὼν Ἑλένης ἔνεκ' ἠυκόμοιο.** 165

**E a eles guerra danosa e prélio terrível,  
a uns sob Tebas sete-portões, na terra cadmeia,  
destruiu, ao combaterem pelos rebanhos de Édipo,  
a outros, nas naus, sobre o grande abismo do mar,  
levando a Troia por conta de Helena bela-coma.**<sup>313</sup> 165

Nesse contexto, a Guerra de Tebas parece ter importância igual à de Troia na destruição da linhagem, uma vez que os heróis são subdivididos entre os que morreram em Tebas, introduzidos sintaticamente por τοὺς μὲν (162), e os que morreram em Troia, referidos por τοὺς δὲ (164).

Por fim, no contexto homérico, a Guerra de Tebas é recorrentemente mencionada, mas nunca em termos de destruição da linhagem dos heróis.<sup>314</sup>

Sendo assim, ainda que a Guerra de Tebas seja apresentada ora como meio paralelo à de Troia, ora como sua coadjuvante ou mesmo com menor importância, como é o caso do que os poemas homéricos e também os fragmentos do *Catálogo* permitem (com todas suas limitações) afirmar, a Guerra de Troia ainda se destaca como principal meio pelo qual Zeus executa seu plano de dar cabo da linhagem dos heróis. Dado isto, nos resta entender os recursos que o deus mobiliza para que ela ocorra: como *Trabalhos e Dias* permite vislumbrar, um desses recursos é Helena.

<sup>312</sup> Hes. fr. 136.5-7: ..... τ]αφὰς πολυκηδέος Οἰδιπό[δαο / ..... ]αμενου κτήνου πέρι δῆριν ἔχ[οντ/ ..... ἥρωε]ς Δαναοὶ θεράποντες Ἄρη[ος ("s]epultamento de Édipo muita-aflição/ ] em[penhado] no conflito pela riqueza [/ ... os herói]s dánaos, servos de Ares (...)).

<sup>313</sup> Hes. *Op.* 161-165.

<sup>314</sup> Cf. *Il.* 4.372-398, 405-408; 5.801-808 e 10.285-90.



### 3.2.2. Helena

Como se viu no escólio à *Iliáda*, Zeus poderia, ao invés de promover a Guerra de Troia, destruir tudo por meio de conflagrações e cataclismos, mas – e o escólio continua:

ὅπερ τοῦ Μώμου κωλύσαντος, ὑποθεμένου δὲ αὐτῷ γνώμας δύο, τὴν Θέτιδος θνητογαμίαν, καὶ θυγατρὸς καλῆς γένναν, ἐξ ὧν ἀμφοτέρων πόλεμος Ἑλλησὶ τε καὶ Βαρβάρους ἐγένετο, ἀφ' οὗ συνέβη κουφισθῆναι τὴν γῆν πολλῶν ἀναιρεθέντων.

No entanto, Escárnio impediu isso [sc. 'conflagrações e cataclismos'] e sugeriu-lhe duas ideias: o casamento de Tétis com um mortal e a geração de uma filha bela. De ambas se originou a guerra entre gregos e bárbaros, da qual resultou o alívio de Terra com a morte de muitos.<sup>315</sup>

A bela filha a que o escólio se refere não pode ser outra senão Helena. Segundo a poesia homérica, sua mãe foi Leda: em *Iliáda* 3, Helena se refere a Cástor e Polideuces, durante o episódio da *Teikhoscopia*, como “os gêmeos, que para mim gerou uma única mãe”,<sup>316</sup> em *Odisseia* 11, Leda é referida por Odisseu como mãe dos gêmeos: “E vi Leda, a consorte de Tíndaro,/ ela que de Tíndaro gerou duas crianças juízo-forte,/ Cástor doma-cavalos e Polideuces bom-de-punho”.<sup>317</sup>

No *Catálogo*, contudo, embora os gêmeos sejam referidos por Hesíodo como irmãos de Helena,<sup>318</sup> Leda não é referida como sua mãe, sendo apenas três as suas filhas, a saber, Timandra, Clitemestra e Filonoé:

Λήδη ἐ[υπλόκαμος ἰκέλη φαέεσσ]ι σελήνης  
γείνατ[ο Τιμάνδρην τε Κλυταιμῆστρ]ην τε βοῶπ[ιν  
Φυλο]νόην θ' ἢ εἶδος ἐρήριστ' ἀθαν]άτησι. 10

Leda d[e belos cachos, símil aos raio]s da lua,  
gero[u Timandra, Clitemestr]a de olh[os] bovinos  
e Filo[noé, que em beleza rivalizava com as imor]tais.<sup>319</sup> 10

<sup>315</sup> Schol. (D) *Il.* 1.5 (= *Cypr.* fr. 1).

<sup>316</sup> *Il.* 3.236-238: δοιῶ δ' οὐ δύναμαι ιδεῖν κοσμήτορε λαῶν/ Κάστορά θ' ἰππόδαμον καὶ πύξ ἀγαθὸν Πολυδεύκεα/ αὐτοκασιγνήτω, τῷ μοι μία γείνατο μήτηρ.

<sup>317</sup> *Od.* 11.298-300: καὶ Λήδην εἶδον, τὴν Τυνδαρέου παράκοιτιν,/ ἢ ῥ' ὑπὸ Τυνδαρέφ κρατερόφρονε γείνατο παῖδε,/ Κάστορά θ' ἰππόδαμον καὶ πύξ ἀγαθὸν Πολυδεύκεα (...).

<sup>318</sup> Numa passagem do quinto livro (*Hes.* fr. 154.14-16), diz-se que os gêmeos teriam escolhido Agamêmnon como cunhado entre os pretendentes de Helena, tivesse ele participado do cortejo e não fosse já casado com Clitemnestra.

<sup>319</sup> *Hes.* fr. 19.8-10.

Não há nos fragmentos papiráceos supérstites nenhuma referência ao nascimento de Helena, mas um escólio à *Nemeia* 10 de Píndaro diz que “Hesíodo não apresenta Helena como descendente nem de Leda nem de Nêmesis, mas de uma filha de Oceano e de Zeus”,<sup>320</sup> mas não explicita qual das oceânides seria a sua mãe.

Que Nêmesis tenha sido tida como a mãe de Helena é algo preservado num dos fragmentos dos *Cantos Cíprios*, citado por Ateneu em seu *Banquete dos Sofistas* (8.10.6-13):

τοὺς δὲ μετὰ τριτάτην Ἑλένην τέκε, θαῦμα βροτοῖσι·  
τήν ποτε καλλίκομος Νέμεσις φιλότητι μιγείσα  
Ζηνὶ θεῶν βασιλῆϊ τέκε κρατερῆς ὑπ' ἀνάγκης·

Depois deles, **gerou Helena** por terceira, maravilha aos mortais;  
a ela um dia **Nêmesis** de bela coma, após se unir em amor  
a Zeus, rei dos deuses, **gerou** sob potente constrição.<sup>321</sup>

Pseudo-Apolodoro sintetiza a narrativa, dizendo que, nascida de um ovo colocado por Nêmesis e encontrado por um pastor, Helena foi adotada por Leda como sua filha.<sup>322</sup>

Antes de compreender as implicações das diferentes genealogias de Helena, é preciso entender, contudo, em que medida a filha de Zeus lhe serve para a promoção da Guerra de Troia.

No contexto dos *Cantos Cíprios*, o argumento registrado por Proclo diz que:

παραγενομένη δὲ Ἔρις εὐωχουμένων τῶν θεῶν ἐν τοῖς Πηλέως γάμοις νεῖκος  
περὶ κάλλους ἀνίστησιν Ἀθηνᾶ, Ἥρα καὶ Ἀφροδίτη αἱ πρὸς Ἀλέξανδρον  
ἐν Ἴδη κατὰ Διὸς προσταγὴν ὑφ' Ἑρμοῦ πρὸς τὴν κρίσιν ἄγονται· (...) καὶ  
προκρίνει τὴν Ἀφροδίτην ἐπαρθεὶς τοῖς Ἑλένης γάμοις Ἀλέξανδρος.

Presente nas bodas de Peleu durante o festim dado pelos deuses, **Éris institui para Atena, Hera e Afrodite disputa acerca da beleza**. Elas são levadas por Hermes, sob ordem de Zeus, até Alexandre no Ida para o julgamento. (...) **Alexandre escolhe Afrodite, instigado pelas bodas com Helena**.<sup>323</sup>

É desse episódio conhecido como “O Julgamento das Deusas” que terão início os eventos que levarão à guerra, porque, como registrado no segundo argumento dos *Cantos Cíprios*, depois de escolher Afrodite, Alexandre é favorecido pela deusa em seu enlace com Helena, uma vez que:

<sup>320</sup> Hes. fr. 21.

<sup>321</sup> *Cypr.fr.*10.

<sup>322</sup> Cf. *Bibl.* 3.10.7.

<sup>323</sup> *Procl. Chr.* 84-90.

ἐπιβάς δὲ τῇ Λακεδαιμονίᾳ Ἀλέξανδρος ξενίζεται παρὰ τοῖς Τυνδαρίδαις, καὶ μετὰ ταῦτα ἐν τῇ Σπάρτῃ παρὰ Μενελάῳ <ἐπι ἑννέα ἡμέρας Ἀρ.<sup>324</sup>>· καὶ Ἑλένη παρὰ τὴν εὐωχίαν δίδωσι δῶρα ὁ Ἀλέξανδρος. καὶ μετὰ ταῦτα Μενέλαος εἰς Κρήτην ἐκπλεῖ <κηδεῦσαι τὸν μητροπάτορα Κατρέα Ἀρ.>, κελεύσας τὴν Ἑλένην τοῖς ξένοις τὰ ἐπιτήδεια παρέχειν, ἕως ἂν ἀπαλλαγῶσιν. ἐν τούτῳ δὲ Ἀφροδίτῃ **συνάγει τὴν Ἑλένην τῷ Ἀλεξάνδρῳ**. καὶ μετὰ τὴν μίξιν τὰ πλεῖστα κτήματα ἐνθέμενοι νυκτὸς ἀποπλέουσι. (...) καὶ ἀποπλεύσας εἰς Ἴλιον **γάμους τῆς Ἑλένης ἐπετέλεσεν**.

Ao chegar à Lacedemônia, Alexandre hospeda-se junto aos Tindáridas e depois, em Esparta, junto a Menelau <por nove dias>. Durante os festins, Alexandre dá presentes a Helena. Em seguida, Menelau navega para Creta <para o funeral de seu avô materno, Crateu>, ordenando que Helena provesse as necessidades dos hóspedes até que partissem. Nisso, **Afrodite une Helena a Alexandre** e, depois do enlace, eles dispuseram da maior parte dos bens e partiram em navegação durante a noite. (...) E **ele**, após navegar para Ílion, **celebrou bodas com Helena**.<sup>325</sup>

Menelau é, então, avisado por Íris do que ocorre em Esparta e viaja até seu irmão, com quem dá início à convocação para que fosse cumprido o juramento de Tíndaro e punido o rapto de Helena.<sup>326</sup> Chegando a Troia, os aqueus exigem que Helena seja devolvida, mas os troianos se negam, com o que tem início o sítio da cidade e o saque dos vilarejos vizinhos.<sup>327</sup>

No *Catálogo*, fragmentário quanto seja, nenhum desses episódios é mencionado, mas no catálogo de pretendentes de Helena, apresenta-se o que seria o juramento de Tíndaro. Segundo o poeta, o rei espartano:

πάν]τας δὲ μνηστῆρ[ας] ἀπ[ή]τεεν ὄρκια πιστά,  
ὀ]μνύμεναί τ' ἐκέλευσ[ε] και [..]π.. ἀράσθαι  
σπονδῆι, μή τιν' ἔτ' ἄλλον [ἄ]νευ ἕθεν ἄλλα πένεσθαι 80  
ἀμφὶ γάμῳ κούρης εὐ[ω]λ[ένο]υ· ὃς δὲ κεν ἀνδρῶν  
αὐτὸς ἔλοιτο βίηι, νέμεσίν τ' ἀπ[ο]θῆϊτο καὶ αἰδῶ,  
τὸν μετὰ πάντας ἄνωγεν ἀολλέας ὀρμηθῆνα]ι  
ποινήν τεισομένους.

de [to]dos os pretendente[es] ex[ig]ia juramento leal,  
que [j]urassem ele ordenava e que ... fizessem votos  
com libação de que ninguém [s]enão ele se ocuparia 80

<sup>324</sup> West (2003, p. 13) suplementa o texto de Proclo com detalhes da narrativa de Apolodoro, o que ele marca em sua edição com a abreviação Ap. entre parênteses angulares, <Ap.>.

<sup>325</sup> Procl. *Chr.* 95-102; 104-105. Um escólio à *Ilíada* diz essencialmente a mesma coisa: cf. *Schol. (D) Il.* 3.443.

<sup>326</sup> Cf. Procl. *Chr.* 110-147.

<sup>327</sup> Cf. Procl. *Chr.* 148-154.

das bodas da moça d[e] belos [b]r[aço]s: **qualquer homem que a tomasse à força e que indignação negl[i]genciasse e respeito, a esse ele mandaria que todos juntos perseguisse[m] para pena infligir.**<sup>328</sup>

As implicações desse juramento se fazem ver na *Iliada*, já que, com exceção dos “filhos do senhor Anfiarau” que “cortejaram de Argos” e cujos nomes não sabemos,<sup>329</sup> todos os pretendentes mencionados nos fragmentos do *Catálogo* são nomeados como líderes de frota no catálogo das naus iliádico,<sup>330</sup> algo que corrobora mais uma vez a ideia de que a guerra pretendida por Zeus no *Catálogo* para dar cabo da linhagem dos heróis seja a troiana.

Ainda no que tange a Helena e ao “Julgamento das Deusas”, um escólio à *Odisseia* sugere que a filha de Zeus era visada pelos deuses justamente como instrumento de sedução de Páris, que iria raptá-la:

δια τί δέ Ελένη μόνην τήν Ἑρμιόνην ἔτεκε; διότι τὸ πολλάκις τεκεῖν ἄλλοιοῖ τὸ κάλλος τῆς γυναικός. **μελλούσης γὰρ αὐτῆς μεσολαβῆσαι εἰς τὸν πόλεμον τῶν Τρώων καὶ τῶν Ἑλλήνων**, οὐκέτι ἐδίδουν αὐτῇ τέκνον οἱ θεοί, ἵνα τὸ κάλλος φυλάττη, ᾧ Ἀλέξανδρος ἠδυνθῆναι ἔμελλε.

Por que Helena gerou apenas Hermíone? Porque gerar muitas vezes compromete a beleza da mulher. **E uma vez que [Helena] estava destinada a ser raptada para a guerra entre troianos e gregos**, os deuses não lhe concediam mais filhos, a fim de que mantivesse sua beleza, **com a qual Alexandre estava destinado a se aprazer.**<sup>331</sup>

Nos fragmentos e relatos que vimos até aqui, não há qualquer imputação de culpa a Helena por sua ida a Troia, recaindo sobre Páris, sobretudo, a ação de raptá-la e levá-la de Esparta. Na *Iliada*, no entanto, em que pesem suas menções à responsabilidade de Páris, Helena se autodeprecia e se responsabilizará pela guerra.<sup>332</sup> Nesse sentido, um escólio ao *Orestes* de Eurípides cita uma passagem do *Catálogo das Mulheres* ou talvez da composição conhecida

<sup>328</sup> Hes. fr. 155.78-84.

<sup>329</sup> Hes. fr. 154.17-18.

<sup>330</sup> Agamêmnon e Menelau (Hes. fr. 154.15-16, *Il.* 2.569-590), Odisseu (Hes. fr. 154.21, *Il.* 2.630-637), Tóade (Hes. fr. 154.28, *Il.* 2.638-644), Podárce (Hes. fr. 154.35, *Il.* 2.695-710), Menesteu (Hes. fr. 154.43, *Il.* 2.546-556), Ájax [Telamônio] (Hes. fr. 155.44, *Il.* 2.557-558), Eléfenor (Hes. fr. 155.52, *Il.* 2.536-545) e Idomeneu (Hes. fr. 155.56, *Il.* 2.645-652).

<sup>331</sup> Schol. *Od.* 4.11 *apud* GONZÁLEZ (2010, p. 394, n. 68).

<sup>332</sup> Cf., por exemplo, *Il.* 3.171-180, onde Helena não só se coloca como agente enquanto acompanhante de Páris como também se autodeprecia por meio do adjetivo cara-de-cadela (κυανώπις).

como *Megala Ehoiai*, conforme sugere Most,<sup>333</sup> segundo a qual a natureza infiel de Helena e também de sua irmã Clitemestra resultam de uma maldição de Afrodite. Conforme o escólio:

Στησίχορός φησιν ὡς θύων τοῖς θεοῖς Τυνδάρεως Ἀφροδίτης ἐπελάθετο· διὸ ὀργισθεῖσαν τὴν θεὸν διγάμους τε καὶ τριγάμους καὶ λειψάνδρους αὐτοῦ τὰς θυγατέρας ποιῆσαι ... καὶ Ἡσίοδος δέ·

τῆσιν δὲ φιλομμειδῆς Ἀφροδίτη  
**ἠγάσθη** προσιδουῖσα, **κακὴν δέ σφ' ἔμβαλε φήμην.**  
 Τιμάνδρη μὲν ἔπειτ' Ἔχεμον προλιποῦσ' ἐβεβήκει,  
 ἴκετο δ' ἐς Φυλῆα φίλον μακάρεσσι θεοῖσιν·  
 ὡς δὲ Κλυταιμῆστρη <προ>λιποῦσ' Ἀγαμέμνονα δῖον 5  
 Αἰγίσθῳ παρέλεκτο καὶ εἴλετο χεῖρον' ἀκοίτην·  
**ὡς δ' Ἑλένη ἦσχυνε λέχος ξανθοῦ Μενελάου**

Estesícoro diz que Tíndaro, ao fazer um sacrifício aos deuses, se esqueceu de Afrodite: por isso, enfurecida, a deusa tornou as filhas dele bigamas, trígamas e desertoras de homens... e Hesíodo também:

Ao vê-las, **a ama-sorriso Afrodite encolerizou-se com elas e lançou-lhes má fama.**  
 Timandra, então, após abandonar Equemo, partiu e foi para junto de Fileu, caro aos venturosos deuses.  
 Assim, Clitemestra, após <aban>donar o divino Agamêmnon, 5 escolheu um marido inferior ao deitar-se com Egisto.  
**E assim, Helena desonrou o leito do louro Menelau.**<sup>334</sup>

Nesse ponto, chama a atenção o fato de que, seja por uma maldição ou por outra circunstância, a relação entre Helena e Afrodite é inegável, sobretudo no que diz respeito à beleza. A mortal é, no *Catálogo*, caracterizada como detentora da beleza da deusa, como podemos ver num fragmento que pertence à sequência do catálogo de pretendentes de Helena:

]ου λιπαρὴν πόλι[ν εἴ]νεκα κούρης  
 ἢ εἴ]δος ἔχε **χρυσῆς Ἀφ[ροδί]της;** 5  
 ... a brilhante cidad[e p]ela filha<sup>335</sup>  
 que] possuía [a bele]za **da áurea Af[rodi]te.**<sup>336</sup> 5

Além dessa relação com o divino, uma outra merece atenção, isto é, o fato de Helena ser, ao menos nos *Cantos Cíprios*, filha de Nêmesis, deusa cujo nome é significativo: em *Teogonia* 223, Nêmesis, caracterizada como “desgraça aos humanos mortais”, figura como filha

<sup>333</sup> MOST (2007, pp. 318-319, n. 32).

<sup>334</sup> Hes. fr. 247.

<sup>335</sup> Helena.

<sup>336</sup> Hes. fr. 154a.4-5.

da Noite, e seu nome pode ser traduzido por Indignação, de modo que é notável a mortal que é a causa da Guerra de Troia ser filha dela e de Zeus, o deus da justiça cósmica, tal como se representa em *Trabalhos e dias*.

É notável também que no juramento de Tíndaro, embora não seja entendida pelos editores de forma personificada, Nêmesis (indignação) seja apresentada ao lado de Aidós (respeito) como objeto de cuidado, já que, com esse juramento, o pai de Helena torna a punição pelo seu rapto algo inevitável: o termo a que “juramento” se refere nesse contexto é ὄρκια, o neutro plural de ὄρκιον, derivado de ὄρκος, que é, segundo Hesíodo, um filho de Éris (Disputa): “E a odiosa Disputa pariu (...) *Juramento*, ele que demais aos homens mortais desgraça se alguém, de bom grado, falseia juramento”,<sup>337</sup> “*Juramento* ao nascer, que Disputa pariu, desgraça os perjuros”.<sup>338</sup> Assim, por menos que quisessem, todos os pretendentes estavam atados por esse laço – e por que não dizer por essa divindade? – inexorável e, portanto, estavam fadados a lutar e eventualmente morrer na Guerra de Troia.

Sendo assim, Helena é de extrema serventia para a promoção da guerra pretendida por Zeus: sendo detentora da beleza de Afrodite, ela pode servir de moeda de troca para a deusa no julgamento das deusas e de elo entre seus pretendentes heróis que, em decorrência do juramento de Tíndaro, são impelidos a defender sua honra combatendo na Guerra de Troia, onde muitos encontrarão seu fim.

### 3.2.3. Um dilúvio

A ideia de um dilúvio como método de destruição geracional parece permear o *Catálogo* na medida em que o nome de Deucalião é referido em dois dos primeiros fragmentos do poema, ambos provenientes de menções a Hesíodo, que falam da genealogia do mortal.<sup>339</sup> A ideia do dilúvio provém, sobretudo, de um escólio à *Odisseia*, no qual se diz que Δευκαλίων, ἐφ’ οὗ ὁ κατακλυσμὸς γέγονε, Προμηθέως μὲν ἦν υἱὸς [...] (“Deucalião, em cujo tempo ocorreu o dilúvio, era filho de Prometeu [...]).<sup>340</sup> A esse respeito, enquanto Clay considera a possibilidade de que tal desastre permeie o princípio do poema,<sup>341</sup> González<sup>342</sup> e West<sup>343</sup> a recusam, o que

<sup>337</sup> Hes. *Th.*226; 231-232: αὐτὰρ Ἔρις στυγερὴ τέκε (...) / Ὅρκον θ', ὃς δὴ πλεῖστον ἐπιχθονίους ἀνθρώπους / πημαίνει, ὅτε κέν τις ἐκὼν ἐπίορκον ὀμόσση·

<sup>338</sup> Hes. *Op.*804: Ὅρκον γεινόμενον, τὸν Ἔρις τέκε πῆμ' ἐπίορκος.

<sup>339</sup> Cf. Hes. *frr.* 2 e 3.

<sup>340</sup> Schol. Hom. *Od.* 10.2. (= Hes. *fr.* 5).

<sup>341</sup> Cf. CLAY (2005, pp. 27-28).

<sup>342</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 388).

<sup>343</sup> Cf. WEST (1985, pp. 55-56).

parece mais plausível já que, conforme aponta Dourado-Lopes, “Deucalião só seria sobrevivente do dilúvio a partir das versões bem posteriores das *Metamorfoses* de Ovídio e da *Biblioteca*, de Pseudo-Apolodoro, ou seja, de meados do século I d.C. em diante”.<sup>344</sup> Seja como for, esse seria um evento marcante do princípio da linhagem dos heróis.

No que tange ao seu fim, a ideia de desastres naturais só é referida pelo escoliasta da *Iliada*, segundo o qual, prevenindo que Zeus lançasse mão de conflagrações e cataclismos, Escárnio sugere o casamento de Tétis com Peleu e o nascimento de Helena, como vimos acima. Koenen, no entanto, sugere que há, no *Catálogo*, uma referência à ideia de um dilúvio associado a um terremoto que integraria o processo do fim da linhagem dos heróis.<sup>345</sup> Nos versos, que se seguem aos planos de Zeus discutidos anteriormente, lê-se que:

πολλὰ δ' ἀπὸ γλωθρῶν δενδρέων ἀμύοντα χαμᾶζε  
 χεύετο καλὰ πέτηλα, ῥέεσκε δὲ καρπὸς ἔραζε 125  
 π]νεύοντος Βορέας περιζαμενὲς Διὸς αἴσηι,  
**ο]ἶδεσκεν δὲ θάλασσα, τρὸμ{ε}εσκε δὲ πάντ' ἀπὸ τοῖο,**  
 τρύχεσκεν δὲ μένος βρότεον, μινύθεσκε δὲ καρπός,  
 ὄρηι ἐν εἰαρινῆι (...)

Muitas elevadas árvores, curvando-se em direção ao solo,  
 vertiam belas folhas, tombava o fruto na terra, 125  
 quando Bóreas [s]oprava, violento, por decreto de Zeus,  
**a]volumava-se o mar e tudo tremia por causa do vento,**  
 esgotava-se a força humana e minguava o fruto  
 na primavera (...)

Apesar da sugestão de Koenen acerca de um terremoto, o que se diz no verso 127 é que “tudo tremia por causa dos ventos”, o que não me parece indicar um terremoto, mas reforçar a ideia de uma tempestade, de onde se torna possível a leitura da passagem enquanto referência a um dilúvio. O momento cronológico em que ele ocorreria, contudo, não é claro no poema, já que o verso 124 é coordenado com o restante da narrativa por meio da partícula δέ. O que talvez se possa aventar é a hipótese de que essas mudanças climáticas e o próprio dilúvio ocorreriam após a Guerra de Troia. Contudo, West sugere que a passagem se relaciona ao que seria a narrativa do primeiro outono, uma vez que, durante o período em que vigorou a linhagem dos heróis, não haveria estações.<sup>346</sup> Clay se opõe a isso e sugere que faz mais sentido que a passagem refira-se à tempestade que ocorreu em Áulis e que retardou a frota grega.<sup>347</sup> Seja

<sup>344</sup> DOURADO-LOPES (2016, p. 242).

<sup>345</sup> Cf. KOENEN (1994, p.32).

<sup>346</sup> Cf. WEST (1961, p. 133).

<sup>347</sup> Cf. CLAY (2003, p. 173).

como for, o caráter extremamente fragmentário dos versos finais do *Catálogo* não permite maiores avanços e, se é que houve um desastre natural associado ao fim da linhagem, essa seria a única referência a ele.

Uma passagem da *Iliada*, que é frequentemente entendida por parte da crítica como alusiva à possibilidade de um dilúvio que destruiria a linhagem dos heróis,<sup>348</sup> poderia corroborar a ideia não só do fenômeno enquanto instrumento de destruição, como a de que ele ocorreria após o fim da guerra. Trata-se do episódio da destruição do muro aqueu no canto 12. Logo em seus primeiros versos, no que se configura uma prolepse, lê-se que, após Troia ser tomada e os aqueus partirem para suas terras natais:

**δὴ τότε μητιόωντο Ποσειδάων καὶ Ἀπόλλων  
τείχος ἀμαλδῦναι ποταμῶν μένος εἰσαγαγόντες.**  
 ὅσσοι ἀπ' Ἰδαίων ὀρέων ἄλλα δὲ προρέουσι, 20  
 Ῥῆσός θ' Ἐπτάπορός τε Κάρησός τε Ῥοδῖος τε  
 Γρήνικός τε καὶ Αἴσηπος δῖός τε Σκάμανδρος  
 καὶ Σιμόεις, ὅθι πολλὰ βοάγρια καὶ τρυφάλεια  
 κάππεσον ἐν κονίησι καὶ ἡμιθέων γένος ἀνδρῶν·  
 τῶν πάντων ὁμόσε στόματ' ἔτραπε **Φοῖβος Ἀπόλλων,**  
**ἐννήμαρ δ' ἐς τεῖχος ἴει ῥόον· ὕε δ' ἄρα Ζεὺς** 25  
**συνεχῆς,** ὄφρα κε θάσσον ἀλίπλοα τείχεα θεῖη.  
 αὐτὸς δ' ἐννοσίγαιος ἔχων χεῖρεςσι τρίαιναν  
 ἠγεῖτ', ἐκ δ' ἄρα πάντα θεμεῖλια κύμασι πέμπε  
 φιτρῶν καὶ λάων, τὰ θέσαν μογέοντες Ἀχαιοί,  
 λεῖα δ' ἐποίησεν παρ' ἀγάρροον Ἑλλήσποντον, 30  
 αὐτίς δ' ἠϊόνα μεγάλην ψαμάθοισι κάλυψε  
**τείχος ἀμαλδύνας· ποταμοὺς δ' ἔτρεψε νέεσθαι**  
**κἄρ ῥόον, ἧ περ πρόσθεν ἴεν καλλίρροον ὕδωρ.**  
 - Ὡς ἄρ' ἔμελλον ὀπίσθε Ποσειδάων καὶ Ἀπόλλων  
**θησέμεναι·** 35

(...) então Posêidon e Apolo conceberam  
**aniquilar a muralha volvendo o ímpeto dos rios.**  
 Tantos quantos das encostas do Ida fluem ao mar,  
 Reso, Heptáporo, Careso, Ródio, 20  
 Grênico, Esepo, o divino Escamandro  
 e Simoeis, onde muitas adargas e elmos  
 caíram no pó, **bem como a linhagem de varões semidivinos:**  
**Febo Apolo** volveu a boca de todos ao mesmo lugar.  
**Nove dias contra o muro lançou a corrente; Zeus chovia** 25  
**sem parar,** para mais rápido pôr a muralha à deriva no oceano.  
 O próprio Treme-Solo, com o tridente nas mãos,  
 ia na frente, e às ondas enviou o fundamento  
 de troncos e pedras, que aqueus montaram com esforço,  
 e aplainou a terra ao lado do caudaloso Helesponto. 30  
 De novo cobriu com areia a grande costa,  
**a muralha tendo aniquilado; redirecionou os rios**

<sup>348</sup> Cf., por exemplo, NAGY (2017, p. 45).



**a seu curso, por onde antes corria a água belo-fluxo.  
Assim Posêidon e Apolo fariam no futuro (...).**<sup>349</sup>

A passagem é bastante significativa tanto pelo que apresenta quanto pelo que subjaz a ela. Em primeiro lugar, o deslocamento do curso dos rios (25), algo que gera um grande volume de deslocamento de água, pode ser equiparado ao mar que se avoluma no *Catálogo*, e a chuva de Zeus (25), equiparada à tempestade. Em segundo lugar, destaca-se na passagem o uso de ἡμιθεός (23): na poesia épica homérica, onde essa é sua única ocorrência, o termo indica que os heróis são caracterizados a partir de uma perspectiva pós-heroica, na qual eles já estão “mortos e perto de serem esquecidos”, conforme aponta Nagy.<sup>350</sup> Em terceiro lugar, ainda que não expresso nesses versos, o episódio decorre sobretudo da perspectiva divina segundo a qual a construção do muro desrespeita as prerrogativas dos deuses já que se deu sem a oferta de sacrifícios, sendo assim vista como ímpia e passível de punição,<sup>351</sup> algo que pode ser equiparado ao que narra o escólio à *Iliada* já mencionado, onde um dos motivos para que Terra demandasse a Zeus a destruição dos mortais era “μηδεμιᾶς ἀνθρώπων οὔσης εὐσεβείας (por não haver piedade entre eles)”.<sup>352</sup>

Dourado-Lopes apresenta ressalvas quanto à aproximação da destruição do muro aqueu ao fim da linhagem dos heróis. Segundo ele, o aluvião não atinge diretamente nenhum dos heróis, privando-os apenas do κλέος que decorreria da permanência duradoura do muro.<sup>353</sup> A principal função poética do muro, então, seria conferir historicidade ao poema.<sup>354</sup> No entanto, conforme defende Porter, é justamente a sua destruição que lhe confere κλέος.<sup>355</sup> Nesse sentido, me parece possível sugerir que o muro aqueu opera, no contexto iliádico, por sinédoque, equivalendo aqui aos heróis que, quer sejam mortos pela guerra quer pelos fenômenos promovidos pelos deuses, adquirem κλέος justamente em decorrência de sua morte. Além disso, assim como a existência do muro desrespeita as prerrogativas divinas, também os heróis, conforme já discuti, mostram-se como uma ameaça a elas, na medida em que geram desarmonia entre os deuses, por estes, vez ou outra, favorecerem-nos a despeito dos outros.

---

<sup>349</sup> *Il.* 12.17-35.

<sup>350</sup> NAGY (2017, p.47).

<sup>351</sup> Conforme os versos antecessores: “Não iria/ mais contê-los o fosso dos dânaos e a muralha em cima,/ larga, que sem dar hecatombes esplêndidas aos deuses/ edificaram para os navios com o fosso em torno,/ para que ela protegesse suas naus velozes e o numeroso butim./ Foi feita malgrado os deuses imortais;/ por isso não ficou muito tempo firme.”, *Il.* 12. 3-9.

<sup>352</sup> Schol. (D) *Il.* 1.5 (= *Cypr.* fr. 1).

<sup>353</sup> Cf. DOURADO-LOPES (2016, p. 243).

<sup>354</sup> Cf. DOURADO-LOPES (2016, p. 241-242, 246).

<sup>355</sup> Cf. PORTER (2011, p. 33).

Sendo assim, essas duas instâncias poéticas me parecem suficientes para aventarmos a hipótese de que um dilúvio possa ter aparecido na tradição hexamétrica como instrumento para que Zeus promovesse o fim da linhagem dos heróis.

### 3.3. Desdobramentos

Conforme discuti na primeira parte do presente capítulo, o fim da linhagem dos heróis não é senão instrumental, junto talvez ao cataclismo, ao desígnio final de Zeus que é propriamente apartar os deuses do convívio com os mortais uma vez que estes são fonte de instabilidade para a ordem cósmica. Resta entender, então, tendo já visto que meios Zeus mobiliza para que isso aconteça, quais os desdobramentos do fim da linhagem dos heróis.

No *Catálogo*, para além da narrativa acerca da decisão de Zeus de dar fim à linhagem e dos recursos dos quais lança mão, não é narrado nada mais, ao menos até onde o fragmentário fim do texto que nos chegou permite afirmar. O mesmo ocorre no que tange aos *Cantos Cíprios*, nos quais, pelo que podemos afirmar a partir dos nossos esparsos testemunhos, se menciona a decisão do deus, mas não seu resultado final propriamente dito.

#### 3.3.1. Justiça, morte e ventura

Já em *Trabalhos e Dias*, conforme vimos, a linhagem dos heróis é destruída pelas guerras de Tebas e de Troia. Em uma breve correção, no entanto, o poeta destaca que:

ἔνθ' ἧ τοι τοὺς μὲν θανάτου τέλος ἀμφεκάλυψε  
 τοῖς δὲ δίχ' ἀνθρώπων βίον καὶ ἦθε' ὀπάσσας  
 Ζεὺς Κρονίδης κατένασσε πατῆρ ἐς πείρατα γαίης. 168  
 καὶ τοῖ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες 170  
 ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ὀκεανὸν βαθυδίνην,  
 ὄλβιοι ἦρωες, τοῖσιν μελιδέα καρπὸν  
 τρὶς ἔτεος θάλλοντα φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.

Lá<sup>356</sup> em verdade **a alguns** o termo, **a morte encobriu,**  
**e a outros,** longe dos homens, **ofertou sustento e casa**  
**o pai, Zeus Cronida,** e os alocou nos limites da terra. 168  
**E eles habitam** com ânimo sereno 170  
**nas Ilhas dos Venturosos** junto a Oceano funda-corrente,  
**heróis afortunados,** aos quais delicioso fruto,  
 que três vezes ao ano floresce, traz a gleba dá-trigo.<sup>357</sup>

<sup>356</sup> O advérbio refere-se às guerras de Tebas e de Troia.

<sup>357</sup> Hes. *Op.* 166-173, grifos meus.

Bastante discutida, a passagem levanta a questão de se, afinal, a linhagem é destruída por completo ou se parte dela (ou mesmo sua totalidade) é preservada ao ser alocada nas ilhas do venturosos. A dúvida decorre, sobretudo, da leitura filológico-editorial acerca do verso 166: Solmsen e West<sup>358</sup>, por exemplo, o consideram espúrio devido a sua ausência em certos papíros, enquanto Most<sup>359</sup> o mantém sem ressalvas.

Nesse sentido, seguindo a ideia de Solmsen e West, Nagy defende que os heróis que morreram nas duas guerras “foram preservados após a morte e imortalizados ao serem transportados para a Ilha dos Bem-Aventurados”,<sup>360</sup> apresentando assim um “cenário de esquecimento seguido de imortalização”.<sup>361</sup>

Contrariamente, considerando o verso como ao menos uma possibilidade, a construção dos versos 166-168, nos quais se apresenta a construção τούς μὲν ... τοῖς δὲ, parece indicar que parte dos heróis morreu em guerra enquanto outra parte foi alocada por Zeus nos limites da terra, na Ilha dos Venturosos. Essa é a visão de Most<sup>362</sup> e também de Clay, que entende que parte dos heróis é alocada na ilha “para gozarem um estado que se assemelha à vida dos deuses e também à da linhagem de ouro que vivia ‘como deuses’”,<sup>363</sup> enquanto a outra “simplesmente morre assim como nós”.<sup>364</sup> Christian Werner parece compartilhar de visão similar ao dizer que “a menção de apenas duas guerras, as mais importantes na tradição oral da épica, como que prepara outra duplicação, a de dois destinos *post mortem*, o Hades e a Ilha dos Bem-Aventurados”.<sup>365</sup>

O que motivaria essa duplicação de destinos *post mortem* não é claro na narrativa de *Trabalhos e Dias*. Most sugere a possibilidade de haver dois tipos de herói: o herói justo, que seguiria no sentido oposto ao da má ἔρις e por isso seria alocado na Ilha dos Venturosos, e o herói injusto, que simplesmente morre.<sup>366</sup> Para ele, que recorre aos poemas homéricos, um exemplo paradigmático seria os dois líderes aqueus, Agamêmnon e Menelau: com base em

---

<sup>358</sup> Cf. WEST (1990, p. 56).

<sup>359</sup> Cf. MOST (2010, p. 100).

<sup>360</sup> Cf. NAGY (2017, p. 47).

<sup>361</sup> Cf. NAGY (2017, p. 47).

<sup>362</sup> Cf. MOST (1997, p. 111).

<sup>363</sup> CLAY (2003, p. 93), no mesmo sentido, parece-me interessante a colocação de GONZÁLEZ (2010, p. 411) acerca do significado de μακάρες. Conforme ele defende, o termo é usado na poesia épica para se referir unicamente aos deuses, de modo que Ilha dos Venturosos deve significar, originalmente, Ilha dos *Deuses* Venturosos. Algo que parece corroborar a ideia de que parte dos heróis retome certo contato com o âmbito divino do cosmo, ainda que não em termos sexuais.

<sup>364</sup> CLAY (2003, p. 93).

<sup>365</sup> WERNER (2013, p. 44).

<sup>366</sup> Cf. MOST (1997, p. 124).

*Iliada* 6.37-65, defende que este se mostra piedoso<sup>367</sup> com Adresto, que lhe suplica por sua vida, enquanto aquele não só recusa a súplica como também mata a todos indiscriminadamente.<sup>368</sup> Se pudermos ler essa passagem à luz da *Odisseia*, a distinção feita por Most parece fundamentada *a priori*: enquanto no canto 4 sabemos que Menelau não só está vivo, mas também destinado a viver nos Elísios, nos cantos 11 e 24 encontramos Agamêmnon no Hades.<sup>369</sup> No entanto, pesa contra essa leitura o fato de que, da perspectiva da *Odisseia*, todos os heróis estão ou vão para o Hades, com exceção de Menelau.

A despeito disso, pensada à luz do paralelo entre o mito das linhagens e o das duas cidades que discuti no capítulo anterior, a hipótese de Most se mostra plausível, sobretudo porque a caracterização da cidade justa se mostra bastante similar à da Ilha dos Venturosos. Lê-se acima que, nela, os heróis “habitam com ânimo sereno” (170) e a eles “delicioso fruto,/ que três vezes ao ano floresce, traz a gleba dá-trigo” (172-173). Ora, quanto à cidade justa, o poeta diz precisamente que seus habitantes “vicejam com coisas boas direto: para os barcos/ não vão, e fruto produz o solo dá-trigo”.<sup>370</sup> Contrariamente, para a cidade injusta “[...] do céu o Cronida envia grande desgraça,/ fome e peste, e as gentes perecem;/ as mulheres não parem e as fazendas fenecem”.<sup>371</sup> Nesse sentido, o que é o Hades senão um local de total ausência de vida? Durante sua catábase, Odisseu, ao ver Agamêmnon, descreve da seguinte maneira: “Mas sua força não era mais firme nem o vigor/ como no passado fora sobre os membros recurvos”.<sup>372</sup>

O paralelo entre os dois mitos e a hipótese de Most, contudo, encontram certo limite no fato de que o mito das duas cidades diz respeito a destinos coletivos, enquanto que Most se posiciona em termos de destinos individuais. Nesse sentido, embora possa ter agido com justiça enquanto indivíduo, Menelau não está menos envolvido na promoção da Guerra de Troia e em suas batalhas do que seu irmão, atividades que, da perspectiva hesiódica, caracterizam a cidade injusta. Apesar disso, e tendo em vista o caráter protréptico dos mitos narrados por Hesíodo em *Trabalhos e Dias*, que visa justamente exortar seu irmão Perses à prática da justiça, parece-me possível a hipótese de que destinos individuais possam ser contemplados no contexto da obra e, deste modo, correta a sugestão de Most.

<sup>367</sup> Aqui, piedoso se refere à ideia de ἔλεος e não de εὐσέβεια discutida anteriormente, e, portanto, relaciona-se à noção de compaixão, não à de reverência e respeito às prerrogativas divinas.

<sup>368</sup> Cf. MOST (1997, p. 124).

<sup>369</sup> Cf. *Od.* 11.387-394, 24.102-104.

<sup>370</sup> Hes. *Op.* 236-237: “θάλλουσιν δ' ἀγαθοῖσι διαμπερές· οὐδ' ἐπὶ νηῶν/ νίσονται, καρπὸν δὲ φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.”.

<sup>371</sup> Hes. *Op.* 242-244: “τοῖσιν δ' οὐρανόθεν μέγ' ἐπήγαγε πῆμα Κρονίων,/ λιμὸν ὁμοῦ καὶ λοιμόν, ἀποφθινύθουσι δὲ λαοί· οὐδὲ γυναῖκες τίκτουσιν, μινύθουσι δὲ οἴκοι”.

<sup>372</sup> *Od.* 11.393-394.

### 3.3.2. Ventura e continuidade

A narrativa de *Trabalhos e Dias* acerca da alocação de parte dos heróis na Ilha dos Venturosos deixa aberta uma importante questão: quando ela se dá? Seriam os heróis transportados para essa ilha imediatamente após o fim da Guerra de Troia? A resposta, pensada à luz dos poemas homéricos, que discutirei adiante, seria não. A partir disso, então, a ideia de um fim absoluto da linhagem se torna nula. Para entendermos melhor esse ponto, é preciso justamente entender duas outras questões: o surgimento da linhagem de ferro, sucessora dos heróis, e a perspectiva dos ouvintes da poesia hexamétrica arcaica.

Em *Trabalhos e Dias*, diferentemente do que ocorre com as demais linhagens, não se relata a gênese da linhagem de ferro. Em uma transição um tanto abrupta entre a narrativa acerca do alocamento da linhagem dos heróis na Ilha dos Venturosos e da linhagem de ferro, o poeta diz que:

Μηκέτ' ἔπειτ' ὄφελλον ἐγὼ **πέμπτοισι** μετεῖναι  
**ἀνδράσιν**, ἀλλ' ἢ πρόσθε θανεῖν ἢ ἔπειτα γενέσθαι. 175  
**νῦν γὰρ δὴ γένος ἐστὶ σιδήρεον**: οὐδέ ποτ' ἤμαρ  
 παύσονται καμάτου καὶ οἰζύος οὐδέ τι νύκτωρ  
 φθειρόμενοι: χαλεπὰς δὲ θεοὶ δώσουσι μερίμνας.

Não mais, depois, eu devia viver entre os **quintos**  
**varões**, mas ter antes morrido ou depois nascido. 175  
**De fato agora a espécie é de ferro**: nunca, de dia,  
 se livrarão da fadiga e da agonia, nem à noite,  
 arruinados: os deuses darão duros tormentos.

Embora marcada ordinalmente como sendo composta pelos “quintos varões” (πέμπτοισι ἀνδράσιν, 174-175), essa linhagem não é criada. Conforme aponta Werner, o fato de Zeus ser declarado criador das duas linhagens anteriores, a de bronze e a dos heróis, mas não dessa contribui para uma maior proximidade entre os homens da linhagem de ferro e os heróis.<sup>373</sup> Além disso, o parentesco entre as duas linhagens é marcado, conforme defende Most, no uso do termo γενεή na caracterização da linhagem dos heróis, como se pode ver na seguinte passagem:

Ζεὺς Κρονίδης ποιήσε, δικαιότερον καὶ ἄρειον,  
**ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος**, οἳ καλέονται  
 ἡμίθεοι, **πρωτέρη γενεή** κατ' ἀπείρονα γαῖαν. 160

<sup>373</sup>Cf. WERNER (2014, p.44).

Zeus Cronida produziu, mais justa e melhor,  
**a divina espécie de varões heróis**, esses chamados  
 semideuses, a **geração anterior** sobre a terra infinda. 160

O que Most defende é que, assim como traduz Werner, *πρωτέρη γενεή* reporta não uma linhagem propriamente distinta, mas uma geração diferente, nesse caso, anterior à de ferro.<sup>374</sup> Embora essa ideia seja bastante refutada pela crítica,<sup>375</sup> o filólogo argumenta que *γένος* diz respeito a espécies biológicas, enquanto *γενεή* é usada na épica para distinguir o subgrupo de um *γένος*.<sup>376</sup> Nesse sentido, conforme especula González, a linhagem de ferro seria composta pelos descendentes dos heróis cujo “gene divino” degenerou,<sup>377</sup> sobretudo devido ao fim das relações entre deuses e mortais.<sup>378</sup>

De fato, o fim da linhagem dos heróis decorre das guerras – sobretudo da troiana, que tem a função instrumental de reduzir a quantidade de heróis viventes, mas não de os eliminar em absoluto – mas especialmente da separação promovida por Zeus da convivência de deuses com mortais.

Nesse sentido, a abrupta transição na narrativa e o possível parentesco estabelecido pelo poeta entre as duas linhagens estão subordinados ao público dos poemas, que se considera descendente dos heróis, ao menos no que diz respeito a parte das elites aristocráticas, de modo que Hesíodo evitaria se opor a essa concepção.<sup>379</sup> Talvez decorra desse cuidado a dupla representação do destino da linhagem dos heróis. Na medida em que caracteriza dois tipos de heróis, o mito não só preserva a relação possivelmente genealógica entre eles e homens da linhagem de ferro, mas também estabelece valores paradigmáticos compartilhados pelo público. Conforme afirma Werner, “a relação entre heróis e elites é, bem entendido, limitada. Aquiles, Agamêmnon e Odisseu não são exemplos a serem imitados *tout court*. Eles são um modo privilegiado do público dos poemas pensar seu passado e presente”.<sup>380</sup>

Como afirmei anteriormente, na poesia épica homérica, onde o fim da linhagem dos heróis não é explicitamente tematizado, mas possivelmente aludido, conforme se viu na discussão acerca da destruição do muro aqueu, é possível se verificar o fato de que a alocação dos heróis na Ilha dos Venturosos não se dá imediatamente após o fim da Guerra de Troia, reforçando a hipótese de que o fim da linhagem não seja absoluto.

<sup>374</sup> Cf. MOST (1997, pp. 111-112).

<sup>375</sup> Cf., por exemplo, KOENEN (1994, p.10).

<sup>376</sup> Cf. MOST (1997, p. 112).

<sup>377</sup> Cf. GONZÁLEZ (2010, p. 385).

<sup>378</sup> Cf. WERNER (2014, p. 42).

<sup>379</sup> Cf. KOENEN (1994, p. 11), MOST (1997, p. 119) e WERNER (2014, p. 40).

<sup>380</sup> WERNER (2013, p. 35).

A principal evidência para isso é o fato de que, tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*, diversos integrantes notórios da linhagem dos heróis não só sobrevivem à Guerra de Troia, como Helena, Menelau e Eneias, como também têm filhos vivos que, eventualmente, manterão a linhagem viva, como, por exemplo, Odisseu e Nestor.

Que Helena e Menelau tenham sobrevivido à Guerra de Troia fica evidente em *Odisseia* 4, canto no qual é narrada a visita e estada de Telêmaco em Esparta, durante sua busca por notícias de seu pai. A informação mais relevante aqui, no entanto, é a que Menelau expressa enquanto narra seu retorno de Troia e seu encontro com Nereu, o velho do mar, que lhe diz:

σοὶ δ' οὐ θέσφατόν ἐστι, διοτρεφὲς ὦ Μενέλαε,  
 Ἄργει ἐν ἵπποβότῳ θανέειν καὶ πότμον ἐπισπεῖν,  
 ἀλλὰ σ' ἐς Ἥλύσιον πεδίον καὶ πείρατα γαίης  
 ἀθάνατοι πέμψουσιν, ὅθι ξανθὸς Ῥαδάμανθος, -  
 τῇ περ ῥηϊστή βιοτῇ πέλει ἀνθρώποισιν· 565  
 οὐ νιφετός, οὔτ' ἄρ χειμῶν πολὺς οὔτε ποτ' ὄμβρος,  
 ἀλλ' αἰεὶ ζεφύροιο λιγὸ πνεύοντος ἀήτας  
 Ὠκεανὸς ἀνίησιν ἀναψύχειν ἀνθρώπους, -  
 οὔνεκ' ἔχεις Ἑλένην καὶ σφιν γαμβρὸς Διὸς ἐσσι.

**E para ti não há dito divino, Menelau criado-por-Zeus,  
 que em Argos nutre-potro vais morrer e achar o fado,  
 mas a ti até o campo Elísio, os limites da terra,  
 os imortais conduzirão, onde está o loiro Radamanto –  
 lá a subsistência é a mais fácil para os homens: 565**  
 não há neve, nem forte tempestade nem chuva,  
 mas sempre rajadas de Zéfiro, soprando soantes,  
 Oceano envia para refrescar os homens –,  
**porque tens Helena e para eles és genro de Zeus'.**

O que esses versos testemunham é que Menelau não morrerá de fato, mas será favorecido pelos deuses e alocado no Elísio. Embora o destino de Helena não seja expresso, o fato de ser filha de Zeus provavelmente implica que ela terá o mesmo benefício de seu marido. Chama a atenção aqui a ideia do que seja o Elísio: um lugar caracterizado pela facilidade de viver e pelo clima agradável. Esse parece ser o mesmo lugar que, em *Trabalhos e Dias*, se chama de Ilha dos Venturosos. Aqui, assim como lá, vigora a ideia de que não se trata de um destino pós-morte, mas um lugar distante dos homens onde se pode viver tranquilamente. Nesse sentido, os Elísios, enquanto meio de apartar heróis do mundo mortal, encontrariam ressonância no muro que Possêidon pretendia lançar em torno da terra dos feácios como punição por eles

terem, a contragosto do deus, favorecido o retorno de Odisseu.<sup>381</sup> Ainda que se pudesse afirmar que o isolamento marca de um modo absoluto o fim da linhagem, ele se mostra mais instrumental do que propriamente terminal, afinal, heróis como Menelau viverão por algum tempo ainda junto aos demais antes de ser apartado.

Nesse sentido, parece-me distintivo o caso de Eneias apresentado pela *Iliada*. Quando ele está prestes a ser morto por Aquiles, Possêidon incita os deuses da seguinte maneira:

ἀλλ' ἄγεθ' ἡμεῖς πέρ μιν ὑπέκ θανάτου ἀγάγωμεν, 300  
 μή πως καὶ Κρονίδης κεχολώσεται, αἶ κεν Ἀχιλλεὺς  
 τόνδε κατακτείνειη· **μόριμον δέ οἱ ἐστ' ἀλέασθαι,**  
**ὄφρα μὴ ἄσπερμος γενεὴ καὶ ἄφαντος ὄληται**  
**Δαρδάνου,** ὃν Κρονίδης περὶ πάντων φίλατο παίδων  
 οἳ ἔθεν ἐξεγένοντο γυναικῶν τε θνητῶν. 305  
 ἤδη γὰρ Πριάμου γενεὴν ἔχθηρε Κρονίων·  
**νῦν δὲ δὴ Αἰνεῖο βίη Τρώεσσιν ἀνάξει**  
**καὶ παίδων παῖδες, τοί κεν μετόπισθε γένωνται.**

Pois vamos, que nós o afastemos da morte. 300  
 Que o Cronida não se enraiveça, caso Aquiles  
 matar esse varão; **é-lhe destinado vagar**  
**para que não pereça sem semente e suma a linhagem**  
**de Dárdano,** que o Cronida amou mais que todos os filhos  
 que dele e de mulheres mortais nasceram. 305  
 O Cronida já passou a odiar a linhagem de Príamo;  
**agora a força de Eneias regerá os troianos,**  
**e os filhos de seus filhos, esses que no futuro nascerão.**<sup>382</sup>

Ainda que o fim da linhagem dos heróis não seja tema central na *Iliada*, a ideia de que a morte de um herói pudesse enraivecer Zeus, reforça a noção de que a morte de absolutamente todos os heróis não é o objetivo final do deus. Além disso, a passagem sugere que Eneias, que se enquadraria no que defini como um semideus, já que ele é filho de Afrodite e de Anquises, não só restaurará a glória dos troianos enquanto seu regente, como enfatiza que o herói ainda dará origem a uma extensa linhagem, que sem dúvida não terá participação alguma na Guerra de Troia e provavelmente viverá muito entre os demais mortais antes de poder ser alocada junto a outros heróis nos Elísios. Embora possa ser defendido que esse é apenas um recurso poético que visa, como sugere Gregory Nagy na esteira de outros comentadores, glorificar os Enéadas,<sup>383</sup> isto é, uma família de elite que se dizia descendente direta de Eneias, seria

<sup>381</sup> Cf. *Od.* 13.152. Se o muro é efetivado ou não, este é um problema filológico, pois editores antigos do poema divergem acerca do texto, de modo que fica em aberto o destino dos feácios. A esse respeito, cf. WERNER (2018, pp. 39-40).

<sup>382</sup> *Il.* 20.300-308.

<sup>383</sup> NAGY (1990, p. 28).



minimamente incongruente usá-lo em contradição com uma suposta tradição mítica na qual todos os heróis seriam exterminados.

O caso de Nestor tem menor destaque, mas não menor importância. Em Pilos, quando visitado por Telêmaco, quem recebe o filho do Odisseu são Pisístrato e Trasímedes,<sup>384</sup> filhos de Nestor, indicando assim que a sua linhagem também sobrevive. Além disso, ao falar sobre o retorno de Troia para Telêmaco, o ancião explica que:

αὐτὰρ ἐπεὶ Πριάμοιο πόλιν διεπέρσαμεν αἰπὴν,  
βῆμεν δ' ἐν νήεσσι, θεὸς δ' ἐκέδασσεν Ἀχαιοὺς,  
**καὶ τότε δὴ Ζεὺς λυγρὸν ἐνὶ φρεσὶ μήδετο νόστον**  
**Ἀργείοισ'**, ἐπεὶ οὐ τι νοήμονες οὐδὲ δίκαιοι  
**πάντες ἔσαν**· τῷ σφεων πολέες κακὸν οἶτον ἐπέσπον  
μήνιος ἐξ ὀλοῆς γλαυκώπιδος ὀβριμοπάτρης, [...] 135

Porém, após saquear a escarpada urbe de Príamo, partimos nas naus e um deus dispersou os aqueus, **e Zeus, então, no juízo armou funesto retorno para os argivos, pois nem ponderados nem civilizados eram todos**; assim muitos deles toparam sorte ruim graças à cólera ruivosa da olhos-de-coruja, a de pai ponderoso,<sup>135</sup>

Guardadas as devidas proporções, uma vez que a passagem diz respeito apenas aos retornos, esses versos corroborariam a ideia anteriormente desenvolvida de que heróis injustos são mortos e os justos sobrevivem. “Civilizados” (133) traduz o adjetivo δίκαιοι, que também poderia ser traduzido por “justos”. Dessa forma, Nestor, enquanto um veterano cujo retorno foi bem-sucedido, acaba sendo caracterizado como δίκαιος.

O caso de Odisseu, por fim, revela que o herói, embora tenha atraído a cólera de Possêidon para si ao cegar o ciclope Polifemo, foi destinado pelos deuses a retornar para casa.<sup>385</sup> Assim como Nestor, Odisseu tem seu filho, cuja jornada ocupa os quatro primeiros cantos da *Odisseia* e se mostra como a formação do jovem herói. Nesse poema, importa, sobretudo, uma profecia enunciada por Tirésias acerca do destino do herói: Odisseu, após retornar para casa e dar cabo dos pretendentes, deveria vagar com um remo até encontrar homens que desconhecêssem o mar e a navegação e, ao encontrá-los, fazer sacrifícios a Possêidon e aos demais deuses. Daí, então, ele morreria debilitado pela idade e seu povo seria afortunado.<sup>386</sup> Mais uma vez, reforça-se a longevidade possível de parte dos heróis.

<sup>384</sup> Cf. *Od.* 3.36-39.

<sup>385</sup> Cf. *Od.* 1.17.

<sup>386</sup> Cf. *Od.* 11.119-137.

Dessa forma, então, da perspectiva da poesia homérica, cuja leitura pode iluminar a narrativa bastante sintética de *Trabalhos e Dias*, o fim da linhagem dos heróis não é pensado de forma absoluta, de forma que dentre os heróis que figuram tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*, alguns de fato encontram o termo da morte enquanto outros sobrevivem ainda por um longo tempo, tendo inclusive filhos dos quais decorrerá a continuação das linhagens heroicas.

### **3.4. Conclusão**

Conforme demonstrei, a razão pela qual Zeus decide pelo fim da linhagem dos heróis é que estes mortais se apresentam como fonte de instabilidade para a ordem cósmica do deus justamente pela proximidade que eles têm com os deuses, sendo seus filhos ou descendentes em algum grau. Em alguns casos, a noção de justiça, relativa sobretudo às prerrogativas divinas, permeia a decisão do deus. Devido a esses fatores, a destruição dos heróis se mostra como método instrumental ao objetivo final de Zeus que é dar fim às relações entre deuses e mortais. Nesse sentido, eventos como o nascimento e rapto de Helena, as guerras de Tebas e de Troia e catástrofes naturais serviriam como meio de redução quantitativa, mas não absoluta, da linhagem dos heróis, afinal, diversos heróis sobrevivem e têm linhagens que perdurarão. Dessa forma, o fim da linhagem decorre tanto da redução quantitativa de heróis sobre a Terra quanto da interrupção das relações sexuais entre seus integrantes e os deuses, o que gera o enfraquecimento do “gene divino” e o surgimento da linhagem de ferro, já totalmente apartada dos deuses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Edições

- ALLEN, Thomas W. *Homeri Ilias*. Oxford: Oxford Claredon Press, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Homeri Odyssea*. Oxford: Oxford Claredon Press, 1925.
- CÀSSOLA, Filippo. *Inni omerici*. Milão: Fondazione Lorenzo Valla, 1975
- MOST, Glenn W. *Hesiod: The Shield; Catalogue of Women; Other Fragments*. London: Harvard University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Hesiod: Theogony; Works and Days; Testimonia*. London: Harvard University Press, 2006.
- WEST, Martin L. *Greek epic fragments*. London: Harvard University Press, 2003.

### Traduções

- LAFER, Mary M. C. N. *Engenhos da sedução: Estudo sobre o Hino Homérico a Afrodite*. 152 p. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Grega) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- WERNER, Christian. *Ilíada: Homero*. São Paulo: Ubu Editora, 2018a.
- \_\_\_\_\_. *Odisseia: Homero*. São Paulo: Ubu Editora, 2018b.
- \_\_\_\_\_. *Hesíodo: Teogonia*. São Paulo: Hedra, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *Hesíodo: Trabalhos e Dias*. São Paulo: Hedra, 2013b.

### Bibliografia Crítica

- ALLAN, William. "Performing the Will of Zeus: the Διὸς βουλή and the scope of Early Greek Epic. In: REVERMANN, Martin; WILSON, Peter. *Performance, iconography, reception: studies in honour of Oliver Taplin*. New York: Oxford University Press, 2008, pp. 204-216.
- \_\_\_\_\_. "Divine justice and cosmic order in Early Greek Epic". *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 126, 2006, pp. 1-35.
- ALONI, Antonio. Hesiod between performance and written record. In: TSAGALIS, Christos. (org.) *Poetry in fragments: Studies on the Hesiodic corpus and its afterlife*. Berlin: De Gruyter, 2017, pp. 3-28.

- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. 4 vols. Paris: Editions Klincksieck, 1968.
- CINGANO, Ettore. “The Hesiodic *corpus*” In: MONTANARI, Franco; RENGAKOS, Antonios; TSAGALIS, Christos (Org.) *Brill’s companion to Hesiod*. Leiden/Boston: Brill, 2009, pp. 91-130.
- \_\_\_\_\_. “A catalogue within a catalogue: Helen’s suitors in the Hesiodic *Catalogue of Women* (frr. 196–204)” In: HUNTER, Richard (org.) *The hesiodic Catalogue of Women: constructions and reconstructions*. New York: Cambridge University Press, 2005, pp. 118-152.
- CLAY, Jenny S. “Daimôn” In: FINKELBERG, Margalit. *The Homer Encyclopedia*. 3 vols. Malden & Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, pp. 191-192.
- \_\_\_\_\_. “The beginning and end of the Catalogue of Women and its relation to Hesiod”. In: HUNTER, Richard. (Org.) *The Hesiodic Catalogue of Women: constructions and reconstructions*. New York: Cambridge University Press, 2005, pp. 25-34.
- \_\_\_\_\_. *Hesiod’s Cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. “The generation of monsters in Hesiod”. *Classical Philology*, vol. 88, n. 2, 1993, pp. 105-116.
- DEPEW, Mary; OBBINK, Dirk. (Orgs.) *Matrices of Genre: authors, canons, and society*. London: Harvard University Press, 2000.
- DOHERTY, Lillian. “Putting the women back into the Hesiodic *Catalogue of Women*”. In: ZAJKO, V.; LEONARD, M. (org.) *Laughing with Medusa: classical myth and feminist thought*. Oxford: Oxford University Press, 2007, pp. 297–326.
- DOURADO-LOPES, Antonio Orlando. “A destruição do muro aqueu no canto XII da *Iliada*: questões e interpretações”. *Clássica*, vol. 29, n. 1, 2016, pp. 233-272.
- FAULKNER, Andrew. *The Homeric Hymn to Aphrodite: introduction, text, and commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- FINKELBERG, Margalit. *The Homer Encyclopedia*. 3 vols. Malden & Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.
- \_\_\_\_\_. Ajax's entry in the Hesiodic Catalogue of Women. *Classical Quarterly*, vol. 38, 1988, pp. 31–41.
- FRAZER, James G. *Apollodorus: The Library*. 2 vols. London: Harvard University Press, 1921.
- GANTZ, Timothy. *Early greek myth*. 2 vols. Baltimore & Londres: The John Hopkins University Press, 1993.

- GONZÁLEZ, José M. “The *Catalogue of Women* and the end of the Heroic Age (Hesiod fr. 204.94-103 M-W)”. *Transactions of the American Philological Association*, vol. 140, n. 2, 2010, pp. 375-422.
- GRAZIOSI, Barbara; HAULBOLD, Johannes. *The Resonance of Epic*. London: Bloombury, [2005] 2013.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HAUBOLD, Johannes. “Heracles in the Hesiodic *Catalogue of Women*”. In: HUNTER, Richard (org.) *The Hesiodic Catalogue of Women: constructions and reconstructions*. New York: Cambridge University Press, 2005, pp. 85-94.
- HIRSCHBERGER, Martina. *Gynaikōn Katalogos und Megalai Ēhoiai*. Leipzig: K. G. Saur München, 2004.
- HUNTER, Richard. (Org.) *The Hesiodic Catalogue of Women: constructions and reconstructions*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- IRWIN, Elizabeth. “Gods among men? The social and political dynamics of the Hesiodic *Catalogue of Women*”. In: HUNTER, Richard. (Org.) *The Hesiodic Catalogue of Women*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 35-84.
- KELLY, Adrian. “Tradição na épica grega arcaica.” *Letras Clássicas*, n. 14, 2010, pp. 3-20.  
 \_\_\_\_\_. “How to end an orally-derived epic poem?”. *Transactions of the American Philological Association*, n. 137, 2007, pp. 371-402.
- KOENEN, Ludwig. “Greece, the Near East, and Egypt: cyclic destruction in Hesiod and the *Catalogue of Women*”. *Transactions of the American Philological Association*, n. 124, 1994, pp. 1-34.
- KONING, Hugo. “Helen, Herakles, and the end of the heroes”. In: TSAGALIS, C. (org.) *Poetry in fragments: Studies on the Hesiodic corpus and its afterlife*. Berlin: De Gruyter, 2017, pp. 99-114.
- LYONS, Deborah. “Marriage” In: FINKELBERG, Margalit. *The Homer Encyclopedia*. 3 vols. Malden & Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, pp. 499-500.
- MONTANARI, Franco; RENGAKOS, Antonios; TSAGALIS, Christos. (Orgs.) *Brill’s companion to Hesiod*. Leiden/Boston: Brill, 2009.
- MOST, Glenn. W. “Hesiod’s myth of the five (or three or four) races.” *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, v. 43, 1997, pp. 104-27.
- NAGY, Gregory. *O herói épico*. Trad. Félix Jácome Neto. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

- \_\_\_\_\_. *Homer the preclassic*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Homer the classic*. Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Greek mythology and poetics*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1990
- OLIVEIRA, Juarez. “‘Áurea Afrodite’ e a ordem cósmica de Zeus na poesia hesiódica”. *Codex*, vol. 7, n. 2, 2019, pp. 69-80.
- ORMAND, Kirk. *The Hesiodic Catalogue of Women and Archaic Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- PORTER, James. “Making and unmaking: the Achaean wall and the limits of fictionality in Homeric criticism. *Proceeding and Transactions of The American Philological Association*, v. 411, 2011, pp. 1-36.
- RACE, William H. *Apollonius Rhodius: Argonautica*. London: Harvard University Press, 2008.
- RENGAKOS, Antonios. Hesiod's narratives. In: MONTANARI, Franco; RENGAKOS, Antonios.; TSAGALIS, Christos. (org.) *Brill's companion to Hesiod*. Leiden/Boston: Brill, 2009, pp. 203-218.
- REVERMANN, Martin; WILSON, Peter. *Performance, iconography, reception: studies in honour of Oliver Taplin*. New York: Oxford University Press, 2008.
- ROSE, Herbert J. “Anchises and Aphrodite”. *Classical Quarterly*, vol. 18, n. 1, 1924, pp. 11-16.
- RUTHERFORD, Ian. “The *Catalogue of Women* within the Greek epic tradition: allusion, intertextuality and traditional referentiality” In: ANDERSEN, O.; HAUG, D.T.T. (Orgs.) *Relative Chronology in Early Greek Epic Poetry*. New York: Cambridge University Press, 2012, pp. 152-167.
- \_\_\_\_\_. “Formulas, Voice, and Death in *Ehoie*-Poetry, the Hesiodic *Gunaikon Katalogos*, and the Odysseian *Nekuia*” in: DEPEW, M.; OBBINK, D. (Orgs.) *Matrices of Genre: authors, canons, and society*. London: Harvard University Press, 2000, pp. 81-96.
- RZACH, Aloisius. *Hesiodi Carmina*. 2nd ed. Leipzig: Teubner, 1908.
- \_\_\_\_\_. *Hesiodi Carmina. Accedit Homeri et Hesiodi Certamen*. Leipzig: Teubner, 1902.
- SOLMSEN, Frederich.; MERKELBACH, Reinhold.; WEST, Martin L. (Eds.) *Hesiodi: Theogonia, Opera et Dies, Scutum, Fragmenta Selecta*. 3<sup>a</sup> ed. New York: Oxford University Press, 1990.
- STEINER, Deborah. Choruses and catalogues: the performative and generic context of the Asopids in the Hesiodic *Catalogue of Women*. In: TSAGALIS, C. (org.) *Poetry in fragments: Studies on the Hesiodic corpus and its afterlife*. Berlin: De Gruyter, 2017, pp. 47-82.

- TORRANO, José. A. “O Escudo de Hércules”. *Hypnos* v. 6, 2000, pp. 185-221.
- TRAVERSA, Antonio. (ed.) *Hesiodi Catalogi sive Eoearum fragmenta*. Naples: Libreria Scientifica Editrice, 1951.
- TSAGALIS, Christos. (org.) *Poetry in fragments: Studies on the Hesiodic corpus and its afterlife*. Berlin: De Gruyter, 2017
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: TSAGALIS, Christos. (org.) *Poetry in fragments: Studies on the Hesiodic corpus and its afterlife*. Berlin: De Gruyter, 2017, pp. XIII-XXV.
- \_\_\_\_\_. “Poetry and poetics in the Hesiodic corpus” In: MONTANARI, Franco; RENGAKOS, Antonios; TSAGALIS, Christos. (Orgs.) *Brill’s companion to Hesiod*. Leiden/Boston: Brill, 2009, pp. 131-78.
- VERDENIUS, W. J. *A commentary on Hesiod: Works and Days vv.1-382*. Leiden: Brill, 1985.
- WERNER, Christian. *Memórias da Guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero*. São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2018.
- \_\_\_\_\_. “Futuro e passado da linhagem de ferro em *Trabalhos e dias*: o caso da guerra justa”. *Clássica*, v. 27, n. 1, 2014, pp. 37-53.
- \_\_\_\_\_. “O mundo dos heróis na poesia hexamétrica grega arcaica”. *Romanitas*, n. 2, 2013, pp. 20-41.
- WEST, Martin L. *Hesiod, Theogony*: edited with prolegomena and commentary. Oxford: Oxford University Press, [1966] 1997.
- \_\_\_\_\_. *The Hesiodic Catalogue of Women: its nature, structure, and origins*. New York: Oxford University Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. “Hesioidea”. *Classical Quarterly*, vol. 11, 1961, pp. 130-145.
- ZAJKO, Vanda; LEONARD, Miriam. (org.) *Laughing with Medusa: classical myth and feminist thought*. Oxford: Oxford University Press, 2007
- ZANON, Camila A. *Onde vivem os monstros: criaturas prodigiosas na poesia de Homero e Hesíodo*. São Paulo: Humanitas, 2018.